

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Vanessa Heidemann

**OS PROCESSOS AFETIVOS NAS NARRATIVAS MEDIÁTICAS:
GIRLS ROCK CAMP BRASIL**

**Sorocaba/SP
2025**

Vanessa Heidemann

**OS PROCESSOS AFETIVOS NAS NARRATIVAS MEDIÁTICAS:
GIRLS ROCK CAMP BRASIL**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva

**Sorocaba/SP
2025**

Ficha Catalográfica

H371p Heidemann, Vanessa
Os processos afetivos nas narrativas mediáticas: Girls Rock Camp Brasil
/ Vanessa Heidemann. -- 2025.
125 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva.
Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade de
Sorocaba, Sorocaba, SP, 2025.

1. Afeto (Psicologia). 2. Alegria. 3. Comunicação. 4. Música – Aspectos
sociais. I. Silva, Míriam Cristina Carlos, orient. II. Universidade de
Sorocaba. III. Título.

Vanessa Heidemann

OS PROCESSOS AFETIVOS NAS NARRATIVAS MEDIÁTICAS: *GIRLS ROCK CAMP BRASIL*

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba.

Aprovada em: 25/02/2025

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Míriam Cristina Carlos Silva
Universidade de Sorocaba



Documento assinado digitalmente
MIRIAM CRISTINA CARLOS SILVA
Data: 24/03/2025 11:07:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



Documento assinado digitalmente
MONICA MARTINEZ
Data: 28/03/2025 15:26:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Monica Martinez
Universidade de Sorocaba



Documento assinado digitalmente
PAULO CELSO DA SILVA
Data: 02/04/2025 15:30:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
Universidade de Sorocaba



Documento assinado digitalmente
DIMAS ANTONIO KUNSCH
Data: 04/04/2025 07:00:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Dimas A. Künsch
Universidade Metodista de São Paulo

Prof. Dr. Mateus Yuri Passos
Universidade Metodista de São Paulo

Aos “malditos”

AGRADECIMENTOS¹

A quem aumenta a minha potência de agir e existir, obrigada.

¹ Esta pesquisa foi realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Tal é a Força da Alegria -
O Mínimo – levanta mil quilos
Com a ajuda de seus estímulos -

Quem a Miséria – segura -
Nervo nenhum atura -
A Carga da Própria Existência -
É infinita para a capacidade
Mole da Consciência

Emily Dickinson

RESUMO

A alegria é um afeto que aumenta a capacidade de agir dos indivíduos, segundo Benedictus de Spinoza. Lugares que promovem a alegria são capazes de gerar mudanças individuais ou sociais? Esta pesquisa propõe compreender se o projeto social *Girls Rock Camp Brasil* promove o desenvolvimento de um lugar que gera o afeto alegria, causando mudanças individuais e coletivas. O projeto, criado em Sorocaba em 2013, atende a crianças e adolescentes com idade entre 7 e 17 anos e é organizado e desenvolvido durante uma semana por uma equipe de pessoas voluntárias. Utilizando a música como estratégia, o acampamento propõe o empoderamento feminista. Adoto o método híbrido de pesquisa por meio da pesquisa participante desenvolvida por Cicilia Peruzzo – pois integro a equipe do voluntariado do projeto desde 2017 – e do círculo hermenêutico desenvolvido por Paul Ricoeur para estruturar a tese e interpretar as narrativas analisadas. Para identificar como as pessoas participantes do *Girls Rock Camp Brasil* são afetadas, utilizo as narrativas mediáticas do documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*, que apresenta relatos de pessoas envolvidas com a criação do acampamento e sua organização, integrantes da equipe de voluntariado, crianças e adolescentes campistas e familiares das campistas. A análise e interpretação das narrativas são utilizadas, pois, dentro da concepção deste trabalho, são capazes de transmitir as experiências e os afetos de quem narra. O conceito de afeto é abordado pela perspectiva de Benedictus de Spinoza, que compreende que o desejo (*conatus*), a alegria e a tristeza são capazes de aumentar ou diminuir a potência de agir de quem é afetado por eles. A pesquisa justifica-se pelo ineditismo ao utilizar o conceito espinosano de afeto para identificar, na área da Comunicação no Brasil, de que maneira o afeto alegria pode gerar mudanças individuais e sociais. Sua pertinência se dá pela escassez de pesquisas envolvendo as narrativas mediáticas, os afetos e as mudanças sociais no contexto comunicacional. A relevância mostra-se pelo fato do trabalho apresentar resultados socialmente importantes. Por fim, a pesquisa aponta que projetos sociais fomentadores de espaços que geram alegria são capazes de transformar indivíduos e grupos ao aumentar suas potências de agir no mundo, propagando ações que podem resultar em transformações sociais.

Palavras-chave: comunicação; narrativas; afetos; alegria; *Girls Rock Camp Brasil*.

ABSTRACT

Joy is an affect that increases individuals' capacity to act, according to Benedictus de Spinoza. Are places that promote joy capable of generating individual or social change? This research aims to understand whether the Girls Rock Camp Brasil social project promotes the development of a place that generates the affect of joy, causing individual and collective changes. The project, created in Sorocaba in 2013, serves children and adolescents between the ages of 7 and 17, and is organized and developed over a week by a team of volunteers. Using music as a strategy, the Camp proposes feminist empowerment. I adopt the hybrid research method with participatory research developed by Cicilia Peruzzo – as I have been part of the project's volunteer team since 2017 –, and I use the hermeneutic circle developed by Paul Ricoeur to structure the thesis and to interpret the narratives analyzed. In order to identify how the people who participate in the Girls Rock Camp Brasil project are affected, I use the media narratives of the documentary *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* (All the girls together, let's go!). The film presents accounts of people involved in the creation of the Camp and its organization, of the volunteer team, of children and adolescent campers, and of campers' families. We use narratives' analysis and interpretation because they are capable of conveying the experiences and affections of those who narrate, within the conception of this work. The concept of affection is approached from Benedictus de Spinoza's perspective, who understands that desire (*conatus*), joy and sadness are capable of increasing or decreasing the power to act of those affected by them. The research is justified by its originality in using Spinoza's concept of affection to identify, within the area of Communication in Brazil, how the affection of joy can generate individual and social changes. Its relevance is due to the scarcity of research involving media narratives, affections, and social changes in the context of communication. The relevance is shown by the work results, which are socially important. Finally, the research shows that joy generating social projects are capable of transforming individuals and groups by increasing their potential to act in the world, propagating actions that can result in social transformations.

Keywords: communication; narratives; affections; joy; Girls Rock Camp Brasil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - E-mail de aceite para participar do voluntariado de 2024	26
Imagem 2 - Programação do Girls Rock Camp Brasil de 2024	30
Imagem 3 - Primeira parte do Manual do Voluntariado	31
Imagem 4 - Dinâmica em grupos menores durante o treinamento de 2024	38
Imagem 5 - Acordo coletivo construído pelo voluntariado em 2023	39
Imagem 6 - Voluntária colando cartaz em 2023	40
Imagem 7 - Oficina de Stencil em 2022	43
Imagem 8 - Oficina de Fanzine em 2022	43
Imagem 9 - Oficina de Cartaz em 2024	44
Imagem 10 - Flyer de divulgação do Showcase de 2024	45
Imagem 11 - Comentários no perfil do Instagram do Girls Rock Camp Brasil	51
Imagem 12 - Relato da voluntária do Girls Rock Camp Brasil em 2024.	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	12
3	MÍMESIS I: O GIRLS ROCK CAMP BRASIL.....	15
3.1	Girls Rock Camp Brasil.....	16
3.2	Quem disse que eu não podia?.....	23
3.3	O Riot Grrrl e o Girls Rock Camp Brasil.....	37
3.4	As músicas do Girls Rock Camp Brasil da edição de 2024.....	41
4	MÍMESIS II: TODAS AS MENINAS REUNIDAS VAMOS LÁ!.....	45
4.1	O documentário Todas as meninas reunidas, vamos lá!.....	46
4.2	Lugar de se divertir, lugar de aprender.....	49
5	O CÍRCULO HERMENÊUTICO CONTINUA.....	59
5.1	Narrativas mediáticas.....	60
5.2	A alegria é a prova dos nove.....	66
5.3	Benedictus de Spinoza.....	67
5.4	Os afetos para Spinoza.....	69
5.5	A alegria como potência de agir.....	80
5.6	Pesquisadora participante.....	84
5.7	O Girls Rock Camp Brasil cria um lugar que promove a alegria?.....	88
6	CONSIDERAÇÕES.....	95
	REFERÊNCIAS.....	97
	APÊNDICE - REVISÃO DE LITERATURA.....	99

1 INTRODUÇÃO

Um poeta certa vez cantou que a tristeza não tem fim, mas a felicidade sim. Segundo o filósofo Benedictus de Spinoza², nem a felicidade (alegria), nem a tristeza possuem fim, pois são os sentimentos que guiam a vida dos humanos.

Esta pesquisa propõe compreender se a alegria é capaz de gerar transformações individuais e sociais. O conceito de alegria utilizado é retirado do livro *Ética* (2017), do filósofo Spinoza, que defende a ideia de que o *conatus*, a alegria e a tristeza são os três afetos principais que originam os demais. Os afetos são responsáveis por aumentar ou diminuir a potência de agir de quem é afetado.

Para compreender se lugares que propagam a alegria são capazes de promover mudanças individuais e sociais, utilizo as narrativas mediáticas do documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* que, por meio de entrevistas, narra as experiências das pessoas envolvidas com o projeto social *Girls Rock Camp Brasil*.

Criado em 2013, na cidade de Sorocaba, por Flávia Biggs, o projeto é um acampamento que atende a crianças e adolescentes de 7 a 17 anos. A proposta do *Camp* é de desenvolver o empoderamento feminista, utilizando como estratégia a música e oficinas diversas (*skate*, composição musical, defesa pessoal, *stencil*, *fanzine* etc.).

O acampamento é realizado com o trabalho voluntário de mulheres e dissidências³, que deixam suas rotinas durante uma semana para se dedicar ao projeto. Sou voluntária do acampamento desde 2017 e, após ingressar no doutorado do Programa de Comunicação e Cultura em 2021, busquei aproximar o que observava no *Camp* com o conceito de afeto espinosano, o qual venho estudando nos últimos seis anos.

Uso como recorte as narrativas apresentadas no documentário, por compreender que a narrativa é um processo capaz de transmitir os afetos. Isso ocorre porque, para que seja possível narrar, antes o indivíduo precisa passar por experiências. A narrativa, portanto, nasce de um processo que envolve o corpo encontrando outros corpos, fazendo com que as experiências vivenciadas dentro de determinado contexto sejam armazenadas na memória para que, posteriormente, possam ser narradas com o auxílio da lembrança.

² Spinoza nasceu na Holanda e era filho de portugueses. Seu nome é encontrado em diferentes grafias, sendo a mais comum Bento de Espinosa (seu nome português), Baruch Espinosa (seu nome hebreu) e Benedictus de Spinoza (seu nome latino). Adoto a grafia latina, pois era a utilizada pelo filósofo. Nas citações diretas encontradas no decorrer da pesquisa, entretanto, encontrar-se-ão outras grafias.

³ Identidades de gênero que se afastam do que é socialmente considerado um padrão ou uma norma.

Adoto como métodos de desenvolvimento a pesquisa participante, proposta por Cicilia Peruzzo (2005), e o círculo hermenêutico, de Paul Ricoeur (2010a). Recorro à pesquisa participativa pois, desde que ingressei no doutorado, tenho participado do *Girls Rock Camp Brasil* não apenas como voluntária, mas também como pesquisadora. Assim, os fenômenos observados pelas minhas experiências também são utilizados para interpretar as narrativas mediáticas do documentário.

Para explicitar o que compreendo como narrativa mediática, utilizo as pesquisas de Míriam Cristina Carlos Silva e Tarcyanie Cajueiro (2009, 2023, 2024), Norval Baitello Junior (2014), Muniz Sodré (2016) e Ciro Marcondes Filho (2008, 2019), desenvolvidas na área da Comunicação. A narrativa mediática é compreendida como um meio de transmitir experiências e afetos e está diretamente ligada aos encontros que acontecem entre os corpos. O corpo é o primeiro meio, pois é ele que está sendo afetado pelos fenômenos do mundo, gerando experiências e conhecimentos que podem ser posteriormente transmitidos pelas narrativas.

Além de utilizar o conceito de narrativa de Ricoeur (2007, 2010a, 2010b, 2010c), adoto o círculo hermenêutico e as três *mímesis*⁴ (*mímesis* I ou preconfiguração, *mímesis* II ou configuração e *mímesis* III ou reconfiguração) como método para estruturar a pesquisa e interpretar as narrativas de *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*. Segundo Ricoeur (2010a), toda narrativa passa pelo processo que envolve as três *mímesis*. A *mímesis* I é o contexto no qual uma narrativa nasce; a *mímesis* II é a própria narrativa; e a *mímesis* III é o fechamento do círculo hermenêutico realizado pelo leitor e/ou ouvinte da narrativa.

Assim, para compreender e interpretar a narrativa do documentário, é necessário compreender em qual contexto ele foi criado. A produção cinematográfica apresenta o projeto social *Girls Rock Camp Brasil*, portanto, apresenta-se a história do projeto e como é desenvolvido. Para apresentar o *Camp* também utilizo as pesquisas de Flávia Lucchesi de Carvalho Leite (2015), Gabriela Cleveston Gelain (2017), Amanda Lourenço Jacometi (2023) e Adrienne Pinheiro Reyes (2023).

Os relatos do documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* são apresentados dentro da estrutura da *mímesis* II. Por fim, para interpretar a narrativa da obra cinematográfica, apresento meu repertório acadêmico em relação aos conceitos de narrativa mediática e afeto. Também compartilho minha relação com o *Girls Rock Camp Brasil*.

⁴ Utilizo a grafia *mímesis* no trabalho, entretanto nas citações diretas a palavra é grafada de outra forma por outros autores.

A proposta desta pesquisa é compreender se o *Girls Rock Camp Brasil* cria um lugar capaz de gerar a alegria, promovendo mudanças individuais e sociais. A relevância do presente trabalho para a área da Comunicação justifica-se pelo ineditismo em aproximar alegria, narrativas mediáticas e mudanças sociais. A pesquisa conclui que projetos sociais são capazes de gerar mudanças por meio da alegria. Esse resultado é socialmente importante, pois apresenta uma estratégia que pode ser utilizada de outras maneiras e por outros grupos, a fim de combater diversos tipos de desigualdades sociais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É necessário esclarecer que, como pesquisadora, não considero ser possível a existência da neutralidade científica. Somos constituídos por processos biológicos, sociais, culturais e afetivos que interferem na maneira como interpretamos os fenômenos. Os procedimentos metodológicos que adoto são uma possibilidade entre muitas, entretanto, foram selecionados a partir das minhas próprias experiências acadêmicas e não acadêmicas.

Em minha dissertação *Processos de vinculação e redes sociais: um estudo sobre três comunidades de astrologia do Facebook*, defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, São Paulo, elaborei um capítulo chamado *Afeto e Vínculo*. Os afetos espinosanos foram citados na dissertação, mas também utilizei outros autores para abordar a questão do afeto.

O interesse por Spinoza, contudo, não desapareceu após o mestrado. Em 2019 e 2020, durante o período de isolamento social causado pela pandemia de COVID-19, iniciei uma pesquisa sobre os conceitos de afeto espinosano. No decorrer de minhas leituras, comecei a associar os conceitos de afeto, sobretudo a alegria, aos processos que vivenciei e observei como voluntária do projeto social *Girls Rock Camp Brasil*.

Em 2017 voluntariei-me para participar do projeto pela primeira vez e, no mesmo ano, também me envolvi com a versão do acampamento voltada para pessoas adultas, o *Liberta Rock Camp*. Desde então, participo de suas edições, exercendo funções diferentes a cada ano, o que possibilita que eu conheça os processos que estruturam sua organização e seu desenvolvimento.

Antes de ingressar no doutorado, em 2021, comecei a observar, nos relatos produzidos por quem participa do projeto, uma proximidade com a ideia de narrativa de Paul Ricoeur e a influência dos afetos espinosanos. A partir das minhas experiências com o *Camp*, percebi que

o acampamento promove um lugar seguro para as pessoas envolvidas, e que a alegria é um afeto presente nos processos envolvendo o voluntariado e as campistas.

O *Girls Rock Camp Brasil* é um projeto social realizado por uma equipe de pessoas voluntárias, voltado para crianças e adolescentes de 7 a 17 anos, que acontece, desde 2013, nas férias escolares de janeiro, na cidade de Sorocaba. Por intermédio da música, o projeto visa desenvolver o empoderamento feminista com o propósito de construir uma sociedade mais equitativa e igualitária (Girls Rock Camp Brasil, c2024).

Com minha participação direta, também foi possível perceber de que maneira a alegria promovida pelo projeto gerou mudanças na minha vida e na vida de outras pessoas ligadas ao *Camp*. A relação entre as afecções provocadas pelo projeto, os afetos e as mudanças pessoais e sociais pode ser observada pelos relatos do voluntariado e das campistas. É recorrente ouvir das pessoas que existe uma vida antes e outra depois de suas participações no acampamento.

Como dito anteriormente, existem muitos métodos que poderiam ser utilizados para desenvolver esta pesquisa. Adoto como procedimento metodológico a pesquisa participante proposta por Cicilia Maria Krohling Peruzzo (2005), pois, desde que ingressei no doutorado, em 2021, minha participação como voluntária do *Girls Rock Camp Brasil* carregava consigo o olhar de pesquisadora interessada em observar os processos afetivos que ocorrem no projeto.

Segundo Peruzzo, a “pesquisa participante consiste na *inserção* do pesquisador no *ambiente natural* de ocorrência do fenômeno e de sua *interação* com a situação investigada” (Peruzzo, 2005, p. 125, grifo da autora). Esse processo implica a presença do pesquisador no ambiente investigado e sua participação nas atividades do grupo observado.

Minha participação contínua como voluntária do projeto me permitiu interagir com muitas pessoas que integram o grupo do voluntariado e que participam como campistas. Observei a existência de certas falas e histórias frequentes entre as pessoas participantes. É comum que, durante ou após a semana do acampamento, o voluntariado, campistas e até familiares de campistas compartilhem nas redes sociais relatos sobre suas experiências. Esses relatos costumam exaltar a importância do projeto e a maneira como ele modificou a vida de quem participou.

Os afetos que surgem a partir da experiência das pessoas no acampamento podem ser observados por meio de suas narrativas. Para apresentar os processos afetivos que ocorrem no projeto e de que maneira a alegria pode promover transformações pessoais e sociais, utilizo as narrativas do documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*⁵.

⁵ O documentário está disponível no canal do *Girls Rock Camp Brasil*, no YouTube.

Todas as meninas reunidas, vamos lá! foi lançado em 2017 e exibido na cidade de São Paulo–SP, Sorocaba–SP e Porto Alegre–RS. Com direção de Carol Fernandes, a produção cinematográfica apresenta o projeto social *Girls Rock Camp Brasil* por meio de imagens capturadas pelo voluntariado da equipe de registro do evento ao longo dos anos.

A obra apresenta uma série de entrevistas com as pessoas que idealizaram o projeto desde sua primeira edição, em 2013, e que atuaram na coordenação geral do acampamento. Há também relatos das campistas (crianças e adolescentes), das famílias das campistas e do voluntariado, os quais considero que retratam os processos que observei no decorrer dos anos, pois demonstram a potencialidade do projeto enquanto um lugar que afeta os corpos com a alegria, gerando, em quem o integra, o aumento da potência de agir no mundo.

Entendo que outros recortes apresentariam um resultado similar, portanto, é a partir do documentário que busco demonstrar que o *Girls Rock Camp Brasil* consegue estruturar um lugar que promove a alegria, aumentando a potência dos indivíduos envolvidos e gerando mudanças pessoais e sociais.

Compreendo o documentário como uma narrativa mediática enquanto processo capaz de apresentar as experiências e afetos das pessoas entrevistadas. Pela perspectiva de minha pesquisa, as narrativas “são um caminho possível para a aproximação e para a compreensão dos fenômenos do mundo, daí seu caráter mediático” (Silva; Santos, 2023, p. 63).

Por meio do conceito espinosano, considero toda narrativa mediática, pois nasce dos processos que envolvem a afetação dos corpos. Portanto, a narrativa é um meio capaz de transmitir as experiências de uma pessoa e gerar, potencialmente, novas afetações. Embora o meio de transmissão das experiências sejam as narrativas, é o corpo que as recebe, produz e, muitas vezes, as armazena na memória.

Utilizo o círculo hermenêutico de Paul Ricoeur e as três *mímesis* para desenvolver a tese. Ricoeur (2010a, p. 61) compreende, a partir de Aristóteles, que “a imitação ou a representação é uma atividade mimética na medida em que produz algo, ou seja, precisamente o agenciamento dos fatos pela composição da intriga”. O autor também utiliza a ideia platônica de *mímesis*, que está ligada “ao conceito de participação, em virtude do qual as coisas imitam as ideias e as obras de arte imitam as coisas” (Ricoeur, 2010a, p. 61). A narrativa é compreendida como uma representação da ação e agenciamento dos fatos.

A tripla *mímesis* é composta pela *mímesis* I, que representa o contexto temporal, cultural e social em que a narrativa é desenvolvida, ou seja, a prefiguração; *mímesis* II, ou configuração, que é a narrativa em si; e, a *mímesis* III, que é a refiguração, a interpretação da narrativa pelo ouvinte ou leitor a partir de suas próprias experiências e de seu repertório. Para

demonstrar de que maneira o projeto social *Girls Rock Camp Brasil* promove um lugar que propaga a alegria, aumentando a potência de agir das pessoas participantes, desenvolvi a tese seguindo a estrutura das três *mímesis*.

Em *mímesis* I, apresento o contexto do projeto *Girls Rock Camp Brasil*. O capítulo apresenta a história do projeto e como ele é desenvolvido. As narrativas do documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* são apresentadas em *mímesis* II.

No capítulo, *O círculo hermenêutico continua*, indico o repertório teórico que utilizo para desenvolver a interpretação do documentário (narrativas mediáticas, afetos e alegria). Compartilho minha experiência no projeto como voluntária e pesquisadora participante e apresento a interpretação sobre o documentário, o *Camp* e a alegria.

Adoto o método híbrido de pesquisa, utilizando a pesquisa participativa e o círculo hermenêutico, pois, como pesquisadora, defendo que não é possível uma completa neutralidade de quem realiza a pesquisa em relação aos fenômenos observados, sobretudo naquelas desenvolvidas dentro das Ciências Humanas.

Segundo a perspectiva de Peruzzo (2005, p. 141),

[do] pesquisador engajado espera-se maturidade intelectual suficiente para processar a sua investigação com base em hipóteses ou questões de pesquisa sustentadas em teorias, e, ainda, que possa captar os movimentos do fenômeno tais como são, distanciando-se, portanto, de suas idiossincrasias e de um olhar parcial, superficial ou falso da realidade, o que em absoluto significa acreditar na possibilidade da neutralidade na ciência.

Compreendo que o desenvolvimento de uma pesquisa e a elaboração de sua redação também estão inseridas dentro do círculo hermenêutico ricoeuriano. Portanto, a escrita do presente texto também passa pelas três *mímesis*, uma vez que estou inserida dentro de um contexto, realizando a interpretação de um fenômeno a partir do meu repertório para criar uma narrativa científica.

3 MÍMESIS I: O GIRLS ROCK CAMP BRASIL

Segundo Paul Ricoeur (2010a), a *mímesis* I ou prefiguração é a pré-compreensão do mundo da ação, com seus símbolos inseridos em um determinado tempo. As estruturas, os símbolos e o tempo são aspectos fundamentais na construção das narrativas. Assim, segundo o pensador, “compreender uma história é compreender ao mesmo tempo a linguagem do ‘fazer’ e a tradição cultural da qual procede a tipologia das intrigas” (Ricoeur, 2010a, p. 100).

A prefiguração é composta pelos elementos temporais, culturais e sociais que formam o contexto no qual as narrativas são produzidas. O narrador é afetado por experiências que acontecem em determinado tempo e espaço.

O ser humano cria suas narrativas por meio de linguagens e símbolos que influenciam a vida dos indivíduos e dos grupos sociais, e “um sistema simbólico fornece assim um contexto de descrição para ações particulares” (Ricoeur, 2010a, p. 102). Para que seja possível narrar as experiências, o narrador compartilha, com seu leitor ou ouvinte, signos, regras e normas que estão simbolicamente mediatizadas (Ricoeur, 2010a). Assim, a *mimesis* I ou preconfiguração

engloba a dimensão estrutural, referente às formas narrativas de uma dada sociedade; a dimensão simbólica, em que se destacam os valores morais, éticos e mitos fundantes da cultura; e a dimensão temporal, com os caracteres temporais cronológicos e ou psicológicos (Silva; Santos, 2023, p. 70).

Ricoeur (2010a) afirma que toda narrativa (*mimesis* II ou configuração) está inserida num tempo, espaço, cultura e sociedade (*mimesis* I ou preconfiguração), portanto, antes de analisar a narrativa de *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*, para buscar compreender se o *Girls Rock Camp Brasil* cria um lugar que promove a alegria e gera transformações individuais e coletivas, apresento o contexto que originou o documentário. Neste capítulo, apresento a história do *Camp* e como ele é desenvolvido.

3.1 *Girls Rock Camp Brasil*

O *Girls Rock Camp Brasil* é um projeto social sem fins lucrativos que acontece na cidade de Sorocaba, no Estado de São Paulo, desde 2013, nas férias escolares de janeiro. O projeto é voltado para meninas e dissidências de 7 a 17 anos e propõe o empoderamento por meio da música.

O *Girls Rock Camp Brasil* é uma atividade dedicada ao empoderamento e protagonismo de meninas e dissidências, através da música, da arte e do pensamento crítico!

Direcionado para crianças e adolescentes de 7 a 17 anos, a atividade propõe uma aventura musical completa!

Aprenda a tocar um instrumento, forme uma banda, componha uma composição inédita e apresente-se em um show ao vivo, para os pais, familiares, amigos e toda a comunidade!

Tudo isso em meio a diversas oficinas temáticas que colaboram para o fortalecimento de autoestima, desinibição e trabalho em grupo (*Girls Rock Camp Brasil*, c2024).

Durante uma semana, nos períodos da manhã e da tarde, as campistas formam uma banda com cinco integrantes (duas guitarras, baixo, teclado, bateria e voz) e aprendem a tocar um instrumento. Para participar, é necessário fazer uma inscrição prévia por meio de um formulário *online*. Em 2024, o projeto ofertou 90 vagas para campistas, sendo 30 vagas para guitarra; 15 vagas para baixo; 15 vagas para bateria; 15 vagas para voz e 15 vagas para teclado (Girls Rock Camp, 2024).

As vagas são preenchidas por ordem de inscrição. As crianças e adolescentes selecionadas pagam uma taxa que é utilizada para a produção do *kit* contendo camiseta, sacola, adesivo, *botton* e crachá distribuído para campistas e voluntariado. O valor arrecadado também é utilizado na alimentação do voluntariado, que é oferecida durante todos os dias de realização do projeto. O acampamento oferece bolsas integrais para crianças e adolescentes carentes matriculadas na rede pública de ensino da região de Sorocaba. Em 2024, foram ofertadas 15 vagas para bolsistas (Girls Rock Camp, 2024).

O evento costuma ser realizado em escolas estaduais. Em 2019, a coordenação do acampamento oficializou o *Instituto Cultural Girls Rock Camp Brasil* e alugou um prédio para desenvolver mais projetos em um espaço fixo. Entretanto, uma semana antes da abertura, a pandemia da Covid-19 surgiu, impossibilitando as atividades programadas.

O acampamento é organizado de forma voluntária por Flávia Biggs, Marcela Mattos, Renata Landgraf, Verônica Heidemann, Brisas Freire e Céu Silva, que formam a coordenação do projeto e trabalham durante o ano inteiro para realizá-lo.

Quem desenvolve o acampamento é uma equipe voluntária composta por mulheres e dissidências, selecionadas pela coordenação do projeto por meio do preenchimento de um formulário *online*, no qual constam as funções disponíveis (Girls, c2024), que não estão relacionadas apenas à experiência musical. Além das instruções de instrumentos, também são oferecidas oficinas de defesa pessoal, ritmo e compasso, composição musical, direitos humanos, grafite, palco e performance, *fanzine*, *skate*, *stencil* e *yoga*⁶, todas desenvolvidas pelo voluntariado.

As funções de produção musical e instrução de instrumentos são as que exigem do voluntariado experiência direta com a música, entretanto a maior parte da equipe não precisa ter conhecimentos técnicos musicais específicos. As equipes são divididas em:

⁶ As oficinas não são fixas em todas as edições. A coordenação do projeto aceita novas propostas, que devem ser enviadas com a ficha de inscrição do voluntariado.

- Produção musical: pessoas responsáveis por acompanhar a banda durante a semana e auxiliá-las na composição da música autoral;
- Empresariado: acompanha a banda durante a semana inteira. As pessoas desta função orientam em relação aos horários das atividades, são responsáveis pela alimentação das campistas e estão disponíveis para auxiliar as participantes em todas as atividades;
- Instrução de instrumentos: instrução de guitarra, baixo, teclado, voz e bateria. São as pessoas responsáveis por ensinar às campistas noções musicais básicas, que possibilitam a criação autoral das músicas das bandas.
- Oficinas: variadas e oferecidas pelas pessoas que as propuseram;
- Credenciamento: responsável pelo credenciamento do voluntariado e de campistas no primeiro dia das atividades;
- Alimentação: organização e produção do almoço e lanches oferecidos para campistas e voluntariado;
- Manutenção geral: realiza a limpeza dos espaços utilizados durante a semana, como banheiros, salas etc.;
- Produção geral: responsáveis pelas necessidades que geralmente envolvem sair do local em que o projeto está acontecendo, como comprar itens no mercado, providenciar algum material etc.;
- Registro: a equipe é dividida entre fotografia, vídeo e mídias sociais. A equipe de fotografia e vídeo registra todas as atividades, enquanto a de mídias sociais produz e divulga materiais nas redes sociais;
- Aconselhamento: pessoas responsáveis por mediar possíveis situações de conflito entre as campistas e/ou entre o voluntariado. Geralmente são pessoas que possuem experiência na área da educação ou da psicologia;
- Mestre de cerimônias (Mc's): passam recados gerais no início ou fim do dia e cantam o hino do projeto;
- *Roadies*⁷: organizam equipamentos, instrumentos musicais, caixas de som, cabos, microfones, etc. Realizam o transporte, a montagem e a desmontagem das salas e dos palcos. Afinam os instrumentos, realizam a manutenção dos equipamentos, auxiliam campistas e voluntariado com dúvidas ou problemas relacionados aos equipamentos;

⁷ A coordenação costuma mesclar pessoas do voluntariado que já possuem experiência nessa função com pessoas que queiram aprender.

- Banquinha: equipe responsável pela venda dos itens do projeto, como camisetas, bonés, canecas, *shorts*, adesivos etc., disponíveis durante a semana do acampamento.

Pessoas de diversas regiões do Brasil (Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná) e até mesmo de outros países (Argentina, França, Estados Unidos, México, Chile, Paraguai e República Tcheca) integram o voluntariado desde que o projeto surgiu, em 2013. A coordenação oferece a alimentação durante a semana do projeto e organiza as hospedagens⁸, os demais gastos são de responsabilidade da pessoa que se voluntariou.

O *Girls Rock Camp Brasil* foi criado pela educadora, socióloga e musicista sorocabana Flávia Santos, mais conhecida como Flávia Biggs⁹, em 2013. O primeiro acampamento voltado para meninas nasceu em 2001 em Portland, nos Estados Unidos, com o nome de *Rock'n'Roll Camp For Girls*, a partir das inquietações da então universitária Misty McElroy (Gelain; Amaral, 2017). McElroy era estudante da *Portland State University* e integrava o grupo *Women Studies*. Nessa época, a ativista social leu em uma revista uma lista com os top 100 *rockeiros* mais influentes da história, e Janis Joplin foi a única mulher citada. McElroy ficou incomodada e refletiu de que maneira as mulheres poderiam ter mais destaque na cena musical; e foi assim que surgiu a ideia de criar um acampamento musical para meninas (Gelain; Amaral, 2017).

Flávia Biggs integrou a banda *Dominatrix* e, durante uma turnê pela Europa, a guitarrista conheceu a baterista da banda *The Haggard*. STS era voluntária no projeto *Rock'n'Roll Camp For Girls* em Portland, Estados Unidos, e convidou as integrantes da *Dominatrix* para conhecer o projeto (Heidemann, 2022). Em 2001, Biggs vai até Portland com este objetivo e retorna em 2005 para ser voluntária como instrutora de guitarra. A musicista, que também é socióloga e educadora, surpreendeu-se ao encontrar um lugar que aproxima a música do feminismo (Heidemann, 2022).

Quando retorna ao Brasil, Biggs decide criar uma oficina de guitarra para meninas em Sorocaba, atendendo em média 20 participantes por evento e, inicialmente, emprestando guitarras e equipamentos de amigas e amigos para desenvolver o projeto (Heidemann, 2022).

Em 2012, a ativista foi convidada para dar uma oficina de guitarra em São Paulo, no festival *Emancipar Fest*. Além desta, o festival também ofereceu oficinas de baixo com

⁸ Pessoas que são voluntárias do projeto e moram na cidade de Sorocaba oferecem hospedagem solidária. O projeto aluga uma casa ou chácara para hospedar algumas pessoas e possui parceria de desconto nas diárias de alguns hotéis da cidade.

⁹ Flávia Biggs é o nome social adotado pela educadora, portanto utilizo este sobrenome no lugar de Santos.

Mayra Biggs¹⁰ e de bateria com Helena Krausz¹¹, pessoas com quem Biggs já possuía uma relação de amizade (Heidemann, 2022). Biggs percebeu, com a experiência no festival, que talvez fosse possível realizar um acampamento de meninas como o de Portland no Brasil. Ela convida algumas pessoas para organizar o primeiro *Girls Rock Camp Brasil* na cidade de Sorocaba, em 2013 (Heidemann, 2022). O projeto começou com instrumentos e equipamentos emprestados, mas, depois, conseguiu arrecadar dinheiro por meio de financiamento coletivo para comprá-los.¹²

Desde sua criação em 2013, o projeto só não aconteceu nos anos de 2019 e 2020, em decorrência da pandemia de Covid-19. Em 2020, a coordenação organizou o festival *online Viva Girls Rock Camp Brasil*, com a intenção de arrecadar dinheiro. O festival foi transmitido no canal do *YouTube* do projeto, que contou com a apresentação de várias atrações musicais e painéis de discussões.

Segundo material de divulgação, o projeto “é uma atividade dedicada ao empoderamento e protagonismo de meninas e dissidências, através da música, da arte e do pensamento crítico!” (Girls Rock Camp, c2024). O “*Girls Rock Camp* apresenta, para uma nova geração, uma comunidade de mulheres que atuam como protagonistas, resistindo ativamente à subordinação cultural e trabalhando para promover uma mudança social a partir da música” (Guerra *et al.*, 2017, p. 3).

Em 2015, atendendo a pedidos sobretudo das mães ou responsáveis das campistas, a coordenação criou uma versão do projeto voltada para pessoas adultas. O *Ladies Rock Camp*, que teve seu nome alterado para *Liberta Rock Camp*¹³ em 2019, segue o mesmo modelo do acampamento voltado para crianças e adolescentes, porém acontece em julho, no período noturno, para que as pessoas que trabalham no horário comercial possam participar.

O *Girls Rock Camp Brasil* foi o primeiro acampamento musical voltado para meninas na América Latina. Pessoas que foram voluntárias do projeto em Sorocaba levaram a ideia do acampamento para outros lugares. Assim, nasceram o *Girls Rock Camp Porto Alegre*, o *Girls Rock Camp Curitiba*, o *Chicas Amplificadas* (Argentina) e o *Mitakuña Rock Camp* (Paraguai). Com o desenvolvimento de acampamentos para meninas ao redor do mundo, surgiu o *Girls Rock Camp Alliance*, “uma rede internacional de membros de organizações artísticas e de justiça social centradas na juventude” (Reyes, 2023, p. 49).

¹⁰ Integrante da banda *The Biggs*, ao lado de Flávia Biggs e Brown Biggs.

¹¹ Integrante da banda *Anti-corpos*.

¹² O projeto também aceita doações de instrumentos e equipamentos. No período em que o acampamento não acontece, os materiais ficam guardados em um espaço alugado.

¹³ A organização mudou o nome do projeto para sinalizar seu apoio às lutas sociais contra a marginalização das identidades e expressões de gênero. A informação está disponível no site do projeto.

Durante os treinamentos do voluntariado, Flávia Biggs dá ênfase à ideia de que o *rock* que integra o nome do projeto não é relacionado ao estilo musical, mas sim à atitude. Dentro do contexto do *Camp*, o *rock* “representa uma atitude, um estilo de vida e uma forma de expressão artística no contexto do movimento de contracultura” (Jacometi, 2023, p. 48).

Durante as décadas de 1960 e 1970, o *rock'n'roll* se tornou popular em grande parte do mundo. A música era vista como uma forma de protesto contra as normas sociais estabelecidas e uma maneira de mostrar descontentamento social. As letras muitas vezes abordavam temas polêmicos, como sexualidade, consumo de drogas e críticas à sociedade da época. Essas manifestações de contracultura eram políticas, ideológicas e estéticas, se refletindo no *rock* com letras, atitudes, roupas e mensagens que falavam desde paixões até o desejo por revolução (Jacometi, 2023, p. 48).

O *Girls Rock Camp Brasil* incentiva entre as campistas e o voluntariado a prática da autogestão e autonomia (Reyes, 2023). A influência do *Faça-Você-Mesma*¹⁴, desenvolvida pelo movimento *Riot Grrrl*¹⁵, é observada durante a semana. As pessoas envolvidas com o projeto são incentivadas a acreditar em suas potencialidades, o que gera, muitas vezes, o aumento da confiança para que realizem atividades que até então não acreditavam ser capazes.

O estilo musical adotado pelas bandas não precisa ser o *rock*. Entre o voluntariado, é comum a participação de pessoas envolvidas com a música que possuem bandas ou projetos musicais. Ao longo dos anos em que fui voluntária, conheci pessoas envolvidas com música erudita, MPB, *lofi*, *trip hop*, samba, *punk*, *rock*, *jazz*, *soul*, maracatu, música experimental, entre vários outros.

O estilo musical adotado pelas campistas em suas músicas autorais não interfere no fato de que a “música é a ferramenta utilizada para apresentar às campistas discussões sobre desigualdade de gênero, racismo, homofobia e demais desigualdades sociais” (Jacometi, 2023). A ideia do projeto é utilizar a música como suporte para promover outras discussões. “O acampamento não se propõe a ser uma escola de música focada em técnica instrumental, nem a formar grandes virtuosas para uma apresentação impecável” (Reyes, 2023, p. 42).

As campistas não precisam ter nenhum tipo de experiência com os instrumentos que escolheram durante a inscrição. Não é pretensão do projeto ensinar pessoas a tocar um instrumento de maneira virtuosa em uma semana, há uma introdução básica em relação aos

¹⁴ Traduzido do termo em inglês *Do It Yourself* (DIY), é uma filosofia de vida que incentiva mulheres a realizarem qualquer coisa de forma autônoma e independente. Essa prática pode ser adotada desde a produção musical até a produção das próprias roupas.

¹⁵ Movimento relacionado à prática feminista. O conceito é apresentado mais detalhadamente no capítulo *O Riot Grrrl e a criação dos acampamentos musicais para meninas*.

instrumentos e à música. “Formar novas bandas, seguir estudando música, ingressar na faculdade ou no conservatório musical e profissionalizar-se na indústria da música são consequências possíveis e até desejáveis, mas o acampamento não é apenas sobre isso” (Reyes, 2023, p. 43).

O acampamento vai além da questão musical e transmite “valores de igualdade, justiça social e respeito, que afetam não apenas as participantes, mas, principalmente voluntárias, familiares e toda a comunidade envolvida” (Jacometi, 2023, p. 47).

Em relação ao termo *Girls* no nome do projeto, não está relacionado apenas à ideia de *garota* dentro de um contexto cisgênero¹⁶:

As vagas para campistas e voluntariado são destinadas a mulheres cis e trans, meninos e homens trans e pessoas não-binárias (que não se identificam nem com o gênero masculino, nem com o feminino, ou que se identificam ora com um, ora com outro, ora algo flutuante no meio). O termo *girls*, portanto, é usado para representar um escopo maior de identidades de gênero (Reyes, 2023, p. 46-47).

O *Girls Rock Camp Brasil* propaga o feminismo interseccional, o qual defende que as mulheres de raças, etnias e sexualidades diferentes não sofrem o mesmo grau de opressão que as mulheres brancas e heterossexuais (Gelain; Amaral, 2017).

O *Girls Rock Camp Brasil* (GRCBR) é um exemplo de como um espaço seguro funciona e pode ser transformador, sobretudo para pessoas dissidentes que trabalham ou experienciam o meio musical e artístico. O acampamento é uma atividade, mas também uma organização coletiva e comunitária da sociedade civil, que se utiliza da música e seus processos criativos para fomentar debates sobre desigualdade de gênero, além de outros atravessamentos violentos, como racismo, homofobia e etarismo (Jacometi, 2023, p. 12).

O projeto “além de um acampamento musical, é, sobretudo, político, entendendo a educação como importante ferramenta de socialização” (Jacometi, 2023, p. 73). Entretanto, não há um tom professoral envolvendo o projeto, a ideia propagada é a do aprender fazendo. Todas as atividades são desenvolvidas a partir das trocas que acontecem entre o voluntariado e as campistas, entre as próprias campistas e entre o próprio voluntariado.

A seguir, apresento de que maneira o projeto constrói propositalmente um lugar que busca incentivar, apoiar e desenvolver as potencialidades das pessoas envolvidas a partir do incentivo, encorajamento e diálogo horizontal. Esse processo é iniciado já durante o treinamento do voluntariado.

¹⁶ Cisgênero é um termo usado para definir pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no nascimento (homem ou mulher).

3.2 Quem disse que eu não podia?

O tom que rege a semana do *Girls Rock Camp Brasil* pode ser observado na letra do hino do projeto, ensinado para o voluntariado durante o treinamento e para as campistas no primeiro dia em que elas participam. A música cantada em todas as assembleias¹⁷ e no final das apresentações do *showcase*¹⁸ diz:

Lugar de se divertir
Lugar de aprender
No *Camp* eu posso fazer
Meu sonho acontecer
Muita amizade, música e diversão
Toda a atitude pro meu coração
Todas as meninas e meninos¹⁹, vamos lá! (2x)
Quem disse que eu não podia? (2x)
Eu vou tocar, eu vou gritar
Chegou a minha vez!

As campistas participam do projeto durante cinco dias, de segunda a sábado, mas o voluntariado inicia as atividades dois dias antes. Uma das exigências para integrar a equipe do acampamento é o comprometimento em participar do treinamento que acontece no sábado e no domingo anteriores ao evento, no período da manhã e da tarde. Nesses dois dias, a equipe da coordenação aborda as estratégias do trabalho coletivo, as regras de convivência, a estrutura, o funcionamento e a missão do projeto.

Além da disponibilidade para o treinamento, a pessoa interessada em participar precisa ter mais de 21 anos de idade e, se for selecionada, deve enviar um atestado de antecedentes criminais. Para se candidatar ao voluntariado, é necessário preencher um formulário *online*, divulgado nas redes sociais e no *site* do projeto, geralmente no mês de novembro do ano anterior ao acampamento. Assim, para fazer parte do voluntariado da edição de janeiro de 2025, a inscrição deve ser realizada em novembro de 2024.

No *site* do projeto há mais informações sobre o perfil desejado para o voluntariado pela coordenação e como participar do processo:

Voluntariar-se na semana de atividades é a forma mais efetiva de colaborar com o "Camp". Para isso é preciso ter disponibilidade de tempo e muita energia!

¹⁷ Reuniões que acontecem no fim de cada dia para passar recados e para as campistas compartilharem suas experiências do dia.

¹⁸ Show das bandas formadas no projeto que acontece no último dia (sábado).

¹⁹ A coordenação acrescentou o termo *meninos* nos últimos anos para acolher pessoas que não se identificam como cisgêneras.

PERFIL:

Procuramos pessoas que:

- Entendam e acreditem na missão do Girls Rock Camp Brasil;
- Coloquem a experiência positiva das crianças e adolescentes em primeiro lugar, assim como a segurança física e emocional das mesmas;
- Sejam comprometidas e dedicadas ao trabalho a ser realizado;
- Cooperativas, que gostem e tenham facilidade de trabalhar em equipe;
- Participativas, que estarão presentes na hora certa, dispostas a participar plenamente, servir a missão do acampamento e estar verdadeiramente presente para as meninas.
- Motivadas, com disposição e alegria para estimular, brincar e descontraír as meninas.
- Que não tenha nenhuma restrição ou grande dificuldade em lidar com crianças e adolescentes.
- Polivalentes, dispostas a realizar diversas atividades.

Algumas das nossas funções exigem conhecimento musical, mas outras não.

Veja a descrição completa das funções na ficha de inscrição.

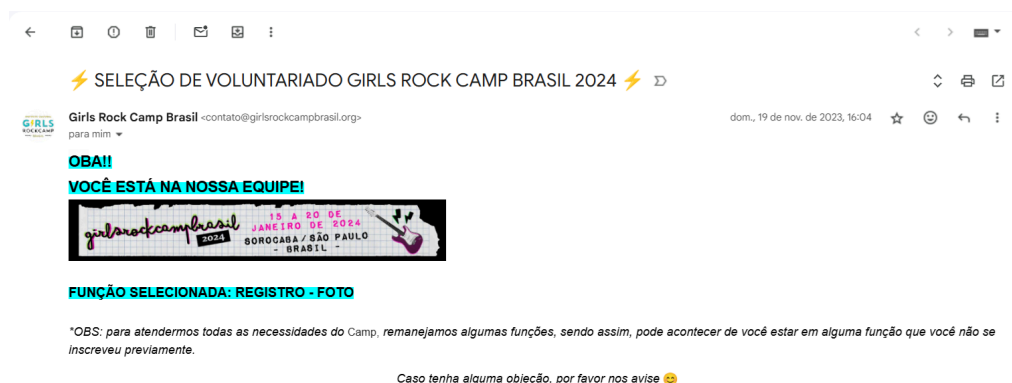
Obs: Somente para pessoas acima de 21 anos.

O GIRLS ROCK CAMP não discrimina raça, religião, nacionalidade, origem étnica, estado civil, orientação sexual ou identidade de gênero. Ressaltamos que prezamos por um espaço plural e representativo, por isso no processo de seleção damos especial atenção a este quesito (Girls Rock Camp, c2024).

Uma pessoa pode se candidatar para mais de uma função, se assim desejar, porém é a coordenação que define qual ou quais funções a pessoa desempenhará durante a semana, pois algumas são difíceis de conciliar com outras. Por exemplo, uma pessoa que foi selecionada para a função de registro deve fotografar e filmar as atividades durante toda a semana, portanto, não há como participar de outra função sem desfalcara equipe.

A confirmação ou recusa da participação da pessoa inscrita é realizada por *e-mail* (Imagem 1).

Imagem 1 - *E-mail* de aceite para participar do voluntariado de 2024



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No *e-mail* de aceite, é solicitado que a pessoa faça a confirmação se aceita exercer a função para a qual foi selecionada, confirme a disponibilidade em estar presente nos dias em que o projeto ocorrerá e pede-se o envio do certificado de antecedentes criminaís. Nele

também consta o endereço onde o projeto será desenvolvido, os horários, o endereço do local do *showcase* e informações sobre a hospedagem. Solicita-se que a resposta seja enviada até uma determinada data, caso contrário, a coordenação compreende que houve desistência.

A equipe coordenadora costuma mesclar pessoas do voluntariado que já atuaram no projeto anteriormente com outras que estão participando pela primeira vez, para que as primeiras possam ajudar estas últimas. Há uma troca muito potente entre o voluntariado, que é constituído por pessoas com profissões distintas e idades diferentes. O intercâmbio de conhecimentos entre o voluntariado acontece em todos os níveis. Essa prática continua após o *Camp*; uma rede de apoio e acolhimento é construída entre as pessoas envolvidas com o projeto.

Como será apresentado no capítulo em que analiso as narrativas retiradas do documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*, é comum que pessoas do voluntariado mudem de profissão após participar do projeto. Eu mesma me tornei fotógrafa após minha experiência na equipe de registro. Num primeiro momento, pode parecer que esse comportamento observado no voluntariado acontece de maneira espontânea, mas não é bem assim. A coordenação do projeto está diretamente envolvida nesse processo.

No primeiro dia do treinamento (sábado), o voluntariado chega no local onde acontecerá o acampamento. Algumas pessoas chegam na sexta-feira ou na quinta-feira e auxiliam no transporte de todo o equipamento, feito com um caminhão, pois tudo fica guardado em um depósito. Muitas pessoas já se conhecem através do próprio projeto ou são amigas de alguém do voluntariado, mas muitas não conhecem ninguém. Há, desde o primeiro instante, tanto da parte da coordenação como de quem já participou do projeto em edições anteriores, uma postura de acolhimento na recepção de quem chega.

Um café da manhã é oferecido, enquanto os reencontros e encontros ocorrem e o credenciamento é feito. Nesse momento, a pessoa recebe um *kit* contendo crachá, sacola, camiseta, adesivo e *botton*. O uso da camiseta com o logo²⁰ do projeto é obrigatório na segunda-feira, para receber as campistas, e no dia do *showcase*. O crachá deve ser usado todos os dias e nele há o nome da pessoa, a função (ou funções) e o pronome pelo qual ela quer ser chamada.

Após o credenciamento, o treinamento começa com uma dinâmica de apresentação.²¹ As pessoas devem se apresentar informando seu nome, função, cidade, profissão, pronome pelo qual desejam ser chamadas e o que as motivou para se voluntariar no projeto.

²⁰ Os logotipos são diferentes a cada ano e criados voluntariamente por pessoas convidadas pela coordenação.

²¹ As dinâmicas não são as mesmas de uma edição para outra.

Na apresentação, apareceram profissões diversas: psicólogas, cabeleireiras, professoras, designers... Grande parte das pessoas que vão voluntariar no *Girls Rock Camp* tem alguma ligação com a música, seja como profissão ou *hobbie*, mas uma parte considerável veio por achar o projeto interessante e/ou buscar alguma mudança em si mesmas (Jacometi, 2023, p. 38).

A pesquisadora Amanda Jacometi foi voluntária do *Girls Rock Camp Brasil* em 2023 e utilizou sua experiência no projeto para desenvolver a pesquisa, em nível de mestrado, *Girls Rock Camp Brasil: a importância de espaços seguros em processos de criação e produção sonora*. Em seu trabalho, a voluntária e pesquisadora compartilha que conheceu o projeto por meio de duas amigas.

A primeira delas me apresentou o projeto como uma forma de acolhimento, por si só. A segunda amiga, musicista, me relatou a importância de estar em um lugar exclusivo, sem homens cis, nos processos de criação sonora e a importância dessa troca exclusiva na construção de uma autoestima não apenas musical, mas na vida como um todo (Jacometi, 2023, p. 18).

Jacometi utilizou a autoetnografia e a pesquisa *insider* como método de pesquisa e, durante sua participação no projeto, coletou uma série de informações que foram utilizadas na dissertação. A autora observou que as respostas sobre os motivos que levaram as pessoas a se inscrever como voluntárias eram diversas. Entretanto, a partir das falas, criou cinco grupos com as palavras-chave crianças, rede, mudança, militância feminista e música (Jacometi, 2023).

Crianças: “Fazer pelas crianças o que gostaria que tivessem feito comigo” era uma das frases mais recorrentes. Várias voluntárias contaram que a principal motivação era a de trazer às campistas uma educação feminista e também uma educação voltada para a música como expressão. Algumas mencionaram o cuidado com as crianças, outras ressaltam que gostariam de estimular a autoestima das campistas: “ensinar que elas podem ser quem elas quiserem” (Jacometi, 2023, p. 38, grifo da autora).

É comum ouvir nas conversas do voluntariado, principalmente entre as pessoas mais velhas, que elas gostariam de ter tido a oportunidade de viver uma experiência como a do acampamento quando eram crianças,²² referindo-se não só ao contato com os instrumentos musicais, mas também às outras atividades que muitas vezes são associadas aos meninos ou homens cisgêneros, como andar de *skate* e praticar arte marcial.

²² Algumas pessoas do voluntariado participam posteriormente do *Liberta Rock Camp*, versão do projeto voltada para pessoas adultas.

Rede: Grande parte das voluntárias mencionou o encontro da rede de voluntariado como motivação para ir ao *Camp*. Uma expressão muito ouvida durante a semana é “bolha do amor” e faz refletir a importância de um ambiente exclusivo no acolhimento de pessoas. Algumas voluntárias destacam que se sentem inspiradas pelas histórias trazidas e que isso também as motiva a participar do *Camp* (Jacometi, 2023, p. 38, grifo da autora).

Participar do voluntariado do projeto é uma oportunidade de conhecer pessoas e estabelecer, além de uma rede de trabalho (*networking*), uma rede de apoio e acolhimento para a vida. Durante a semana em que o acampamento acontece, um grupo com o voluntariado é formado no *WhatsApp* para facilitar a comunicação, resolver questões durante a semana ou passar informações gerais.

Além dos grupos de *WhatsApp* de cada edição do *Girls Rock Camp Brasil*, existe outro chamado *Camp Forever*, que possui como membros não apenas pessoas que fizeram parte do voluntariado, mas ex-campistas do *Liberta Rock Camp* e mães/responsáveis de ex-campistas.

Desde que participo dos grupos do aplicativo, presenciei várias situações. Há ofertas de vagas de emprego; venda de instrumentos musicais ou equipamentos; pedidos de ajuda com hospedagens em outras cidades, estados ou países; pedidos de indicação de psicólogas, ginecologistas, advogadas, contadoras; ofertas de serviços; doações de móveis; ajuda para adotar animais resgatados etc.

Durante as atividades com as crianças e adolescentes, não há muito tempo disponível para conversar com as pessoas, pois todas as atividades acontecem em horários específicos. Entretanto, o voluntariado costuma se reunir fora do local do acampamento em festas, jantares ou outros tipos de encontros, depois que as atividades com as campistas acabam. Essas práticas fazem com que seja possível conversar com mais pessoas.


Outra palavra-chave coletada por Jacometi durante as apresentações do voluntariado foi “**mudanças:** a busca por algo diferente, transformações mútuas e mudanças pós-pandemia” (Jacometi, 2023, p. 39, grifo da autora).

A militância feminista também aparece de maneira recorrente nas apresentações. “**Militância feminista:** um lugar para pensar e refletir sobre os machismos e violências de gênero, propósito feminista e anticapitalista” (Jacometi, 2023, p. 39, grifo da autora). A coordenação do projeto evidencia a relação entre o *Camp*, o feminismo interseccional e a militância pela mudança da sociedade.

Durante o treinamento, a programação da semana é apresentada com todos os horários e logísticas das atividades (Imagem 2). Cada função é detalhada, e as pessoas são separadas

para fazer a reunião de equipe, possibilitando que as dúvidas sejam respondidas de maneira mais direta.

Imagem 2 - Programação do *Girls Rock Camp Brasil* de 2024



PROGRAMAÇÃO COMPLETA - Girls Rock Camp Brasil 2024					
	SEGUNDA - 15/01	TERÇA - 16/01	QUARTA - 17/01	QUINTA - 18/01	SEXTA - 19/01
8h - 9h	Cadastramento das Campistas				
9h - 9h30	Assembleia da Manhã e Formação de banda	Assembleia da Manhã	Assembleia da Manhã	Assembleia da Manhã	Assembleia da Manhã
9h30 - 11h	Instrução de Instrumento (A e B)	Instrução de Instrumento (C e D)	Instrução de Instrumento (A e B)	Instrução de Instrumento C e D	Direitos Humanos e Cidadania (A e B)
	Ritmo e Compasso (C e D)	Defesa Pessoal (A e B)	Stencil (C e D)	GRAFITE (A e B)	Danças Africanas (C e D)
11h - 12h30	Instrução de Instrumento (C e D)	Instrução de Instrumento (A e B)	Instrução de Instrumento (C e D)	Instrução de Instrumento (A e B)	Direitos Humanos e Cidadania (C e D)
	Ritmo e Compasso (A e B)	Defesa Pessoal (C e D)	Stencil (A e B)	GRAFITE (C e D)	Danças Africanas (A e B)
12h30 - 13h30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço com Híbrida	Almoço
13h30 - 15h30	Ensaio Bandas (A e B)	Ensaio Bandas (C e D)	Ensaio Bandas (A e B)	Ensaio Bandas (C e D)	Ensaio Bandas (A e B)
13h30 - 15h	Composição Musical (C e D)	SKATE (A e B)	Cartaz do Show (C e D)	Palco e Performance (A e B)	YOGA (C e D)
15h - 15h30	- Lanche e Reunião de Banda (C e D)	- Lanche e Reunião de Banda (A e B)	- Lanche e Foto da Banda (C e D)	- Lanche e Reunião de Banda (A e B)	- Lanche e Público de Showzinho (C e D)
15h30 - 17h30	Ensaio Bandas (C e D)	Ensaio Bandas (A e B)	Ensaio Bandas (C e D)	Ensaio Bandas (A e B)	Ensaio Bandas (C e D)
15h30 - 16h	- Lanche e Reunião de Banda (A e B)	- Lanche e Reunião de Banda (C e D)	- Lanche e Foto da Banda (A e B)	- Lanche e Reunião de Banda (C e D)	- Lanche e Público de Showzinho (A e B)
16h - 17h30	Composição Musical (A e B)	SKATE (C e D)	Cartaz do Show (A e B)	Palco e Performance (C e D)	YOGA (A e B)
17h30 - 17h45	Assembleia Tarde	Assembleia Tarde	Assembleia Tarde	Assembleia Tarde	Assembleia Tarde

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Todos os detalhes do projeto são apresentados durante a leitura do *Manual de Voluntariado*,²³ que é enviado em arquivo PDF para todas as pessoas que estão no treinamento (Imagem 3).

²³ No treinamento de 2024, a coordenação informou que o manual precisa passar por uma revisão em relação à linguagem para acolher pessoas dissidentes.

Imagem 3 - Primeira parte do *Manual do Voluntariado*

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O documento é dividido em 19 partes: *Saudações*, *Sobre o Camp*, *Os valores do Rock Camp*, *O Girls Rock Camp é mais do que um Slogan*, *O Girls Rock Camp Brasil*, *A história dos Girls Rock Camps*, *Regras gerais do Girls Rock Camp BR*, *Logísticas do Girls Rock Camp BR*, *Fronteiras físicas do Girls Rock Camp BR*, *Situações acidentais ou de emergência*, *Práticas do Camp: dicas para interagir com as campistas*, *Dicas para um ambiente saudável*, *O jeito Girls Rock Camp de trabalhar com meninas*, *Redes sociais e o Girls Rock Camp*, *Negligência ou abuso infantil: reportando suspeita de abuso*, *Espaço e equipamento*, *Fora do Camp*, *Ajudando o GRCB* e *Música do Girls Rock Camp Brasil*.

Em *Saudações*, a coordenação do projeto agradece a participação do voluntariado e informa que, no manual, há informações sobre a organização do acampamento. O objetivo geral do acampamento e o que é esperado do voluntariado são apresentados da seguinte forma:

Contamos com vocês para criarmos um local seguro e inspirador para mulheres, dissidências e garotas, em que possamos juntas empoderar umas às outras de um modo leve, lúdico e saudável. A ideia central da atividade é o desenvolvimento do protagonismo, da autoestima e das potencialidades utilizando a música e a sua magia (Girls Rock Camp Brasil, 2024).

A seção *Sobre o Camp* informa a idade das campistas e apresenta o projeto como uma organização da sociedade civil independente, que acredita em espaços exclusivos para realizar trocas de experiências capazes de gerar a solidariedade e o fortalecimento para o enfrentamento das imposições socioculturais.

No treinamento, dá-se bastante ênfase ao fato do acampamento ser construído para as campistas, e não para o voluntariado. Por conta das desigualdades sociais que as mulheres e dissidências enfrentam diariamente, pode acontecer de pessoas do voluntariado, principalmente as que estão entrando em contato com o projeto pela primeira vez, não conseguirem identificar que o projeto é feito por elas e não para elas.

O manual reforça que a construção de um espaço seguro, inspirador e criativo deve ser realizado pelo grupo do voluntariado. “Lembre-se sempre que as campistas são a razão de estarmos aqui, elas são o coração de tudo que fazemos. Seu bem-estar é nossa prioridade número um, e temos sempre que ajudá-las a se sentirem seguras, física e emocionalmente” (Girls Rock Camp Brasil, 2024).

Para que as pessoas envolvidas com o voluntariado consigam criar um lugar seguro para as campistas, é necessário que elas também sintam segurança. Esse processo é desenvolvido durante os dois dias do treinamento. Quem participa do projeto é constantemente incentivado a expressar o que sente e a confiar em suas capacidades. Inicialmente existe uma certa ansiedade e até insegurança por parte do voluntariado, principalmente por quem nunca participou do projeto.

O relato de Jacometi sobre sua experiência no acampamento pontua exatamente essas questões. A pesquisadora compartilha que ficou muito nervosa e tensa na primeira vez que foi voluntária, o que gerou nela uma sensação de síndrome da impostora.²⁴ Porém, aos poucos, ficou mais confiante e começou a se divertir (Jacometi, 2023).

Muitas pessoas nunca exerceram aquelas funções anteriormente e outras não possuem muito contato com crianças e adolescentes. As marcas²⁵ que a desigualdade de gênero causa nas mulheres e dissidências também acompanham as pessoas do voluntariado.

O tópico *Os valores do Rock Camp* defende a ideia de que garotas podem tocar qualquer estilo musical; pontua a necessidade da ampliação de vozes criativas para que mudanças sociais ocorram; aponta para a ideia de que meninas precisam de modelos positivos

²⁴ Sensação de incapacidade e autossabotagem. A pessoa tem dificuldade em reconhecer os próprios méritos.

²⁵ Por marcas, refiro-me às inseguranças e descrenças em relação às próprias capacidades físicas e/ou intelectuais.

de vida e para a necessidade da criação de uma comunidade que ensine as meninas a se apoiarem ao invés de competirem umas com as outras. O projeto acredita “no empoderamento de meninas para identificar, reconhecer e responder a qualquer tipo de opressão” (Girls Rock Camp Brasil, 2024).

Em *O Girls Rock Camp é mais do que um slogan*, a coordenação deixa claro que o acampamento procura gerar transformações sociais por meio do empoderamento de meninas, dissidências e mulheres.

Nós queremos erradicar todos os mitos de limitações musicais relacionados ao sexo feminino e que ainda fazem com que meninas tenham medo de opinar, cantar e fazer barulho!

Nós queremos abolir todas as tradições obsoletas que restringem a livre expressão das mulheres e dissidências sexuais na música, arte, e na sociedade de um modo geral.

Nós procuramos demonstrar através das atividades, de exemplos positivos, das experiências que iremos dividir entre voluntárixs e campistas, que qualquer tipo de música, da mais pesada até a mais delicada, e que cada trabalho técnico e criativo está disponível para qualquer pessoa que tenha vontade de explorá-los, possibilitando uma oportunidade para as campistas se expressarem do modo como se sentirem mais à vontade.

Não é apenas sobre rock’n’roll, é sobre todos os gêneros musicais. Não é apenas sobre ser musicista e artista, é sobre ajudá-las a desenvolver – criativa e emocionalmente – suas próprias ideias sobre quem são e o que elas querem ser (Girls Rock Camp Brasil, 2024).

Em *O Girls Rock Camp Brasil*, o voluntariado é informado que o projeto luta pela valorização e promoção da equidade étnico-racial e de gênero. O acampamento não discrimina religião, identidade de gênero, orientação sexual etc.

A *história dos Girls Rock Camps* apresenta a relação entre o *Girl Rock Camp Brasil* e o primeiro acampamento criado para meninas em Portland, em 2001, o *Rock’n’Roll Camp for Girls*.

Nas *Regras gerais do Girls Rock Camp BR*, são apresentadas ao voluntariado 15 regras que fundamentam todo o projeto.

- A primeira regra é uma lembrança de que todo o voluntariado assinalou na ficha de inscrição que concorda com o código de conduta apresentado pelo acampamento;
- Ninguém deve ficar sozinha com uma campista em ambientes fechados;
- Nunca falar nada de forma negativa, nem sobre as pessoas do voluntariado, nem sobre as campistas;
- Incentivar campistas e voluntariado, elogiando sua participação e dedicação;

- Não oferecer ou dividir alimentos com campistas;²⁶
- Manter o ambiente leve, descontraído e divertido;
- Não falar palavrões ou usar linguagem inadequada para crianças e adolescentes;
- Manter a vida pessoal privada, pois o foco do projeto são as campistas;
- Não oferecer carona para as campistas;
- Manter o mínimo de contato físico com as campistas, mantendo um contato neutro e breve;
- Não flertar ou sair com campistas,²⁷ pois caso isso aconteça, a pessoa envolvida não poderá mais participar do voluntariado em edições futuras;
- Não convidar campistas para eventos privados;
- Não compartilhar com campistas cigarros, bebidas alcoólicas, drogas, remédios ou qualquer substância controlada;
- Se existir algum tipo de relação entre pessoas do voluntariado, evitar o contato físico durante o horário do acampamento;
- Avisar a coordenação se algum imprevisto acontecer que leve a pessoa a perder algum dia de participação no projeto (Girls Rock Camp Brasil, 2024).

O tópico *Logísticas do Girls Rock Camp BR* informa que o voluntariado deve avisar a coordenação se alguma campista não recebeu seu *kit*; que a camiseta deve ser usada obrigatoriamente na segunda-feira e no sábado durante o *showcase* para que a equipe seja facilmente identificada; durante a semana um rodízio deve ser organizado na hora do almoço, pois não é possível todo o voluntariado almoçar ao mesmo tempo; o *showcase* é gratuito para a equipe; o voluntariado pode ter uma camiseta da “sua banda”, basta levar uma camiseta própria para telar; ter sempre a programação em mãos e utilizar os protetores de ouvido.²⁸

Em *Fronteiras físicas do Girls Rock Camp BR*, o manual explica que as campistas não podem entrar na cozinha, no espaço reservado para o descanso do voluntariado nem participar das reuniões que acontecem com a equipe do projeto no fim do dia. Elas também não podem sair do acampamento sem seus responsáveis.

²⁶ Muitas campistas são alérgicas ou possuem alguma restrição alimentar. A coordenação informa os casos para as pessoas responsáveis por cada banda.

²⁷ A idade mínima para participar do voluntariado é 21 anos, e a idade máxima para campistas é 17 anos. É comum campistas adolescentes se encantarem por pessoas do voluntariado.

²⁸ As campistas ficam bastante empolgadas com os instrumentos, principalmente as bateristas. É importante usar os protetores quando necessário.

Em *Situações acidentais ou de emergência*, são apresentados quais procedimentos o voluntariado deve tomar caso alguém passe mal ou se machuque, em caso de incêndio, na ausência de alguma campista, se avistar um(a) visitante sem identificação,²⁹ além de informar que um relatório deve ser preenchido em casos de acidentes.

Em *Práticas do Camp: dicas para interagir com as campistas*, a coordenação explicita que todas as campistas devem ser tratadas igualmente, sem que haja favoritismos. As dicas apresentadas no manual são:

- Inicie sempre conversas amigáveis com as campistas e entre elas: Oi, tudo bom? Que instrumento você está aprendendo? Por que você escolheu esse instrumento? Você já tinha ouvido falar do Rock Camp antes? Estamos muito felizes que você decidiu participar! Quantos anos você tem? Qual seu livro/filme/banda/artista preferido?
- Nunca fale mal de nenhuma campista ou voluntária. Vamos incentivar a sororidade!
- Não escolha favoritas entre as campistas. Dê atenção igual para todas.
- Permita que as campistas se expressem livremente. Não diga como elas devem sentir.
- Tenha paciência com o desenvolvimento das campistas. Cada uma aprende no seu tempo, e você e elas irão se surpreender com os resultados.
- Use o mesmo tom e linguagem que você usa com adultos (logicamente com o uso do bom senso, sem palavrões). Elas são muito espertas e gostam quando conversam com elas de igual para igual.
- Respeite o espaço pessoal de cada uma.
- Faça contato com os olhos. Abaixar-se e olhar nos olhos das campistas quando falar com elas.
- Demonstre interesse, seja solícita perguntando para as campistas se elas precisam de algo, se já fizeram um tour pelo Camp, se elas precisam de papel e caneta para escrever letras de música etc.
- Faça brincadeiras e mantenha um clima agradável, assim as campistas podem se sentir mais confortáveis e criativas. Não tenha medo de fazer palhaçada.
- Ouça o que as campistas têm a dizer. Se uma campista apresenta algum problema, leve isso a sério. Caso acredite ser necessário, contate a equipe de conselheiras ou a coordenação.
- Lembre-se dos nomes das campistas. Chame-as pelo nome, faça anotações para lembrá-las se achar necessário.
- Tenha bom senso!
- Coloque possíveis metas para você e para sua banda, e comemore suas conquistas (Girls Rock Camp Brasil, 2024).

As *Dicas para um ambiente saudável* são: lembrar as campistas de beber água, comunicar-se abertamente com as pessoas do voluntariado, fazer pausas quando for necessário e medicar as campistas quando a coordenação repassar essa informação.

O jeito Girls Rock Camp de trabalhar com meninas indica que o voluntariado não deve reforçar certos padrões encontrados na sociedade, como exaltar a beleza física das campistas. Comentários sobre suas aparências ou roupas devem ser evitados. Nessa parte do

²⁹ Toda pessoa que visita o projeto recebe um crachá de visitante, que deve ser usado durante todo o período da visita.

manual, a coordenação indica que o voluntariado deve elogiar a evolução criativa das crianças e adolescentes, destacando quando acertam as notas, quando melhoram a letra da música etc. A ideia de não propagar comentários negativos é novamente reforçada, assim como a lembrança de que o próprio voluntariado não deve ter vergonha de seus corpos e nem realizar comentários sobre o próprio corpo ou de outras pessoas.

Solicita-se que o voluntariado converse com campistas que pedem muitas desculpas. Muitas vezes, as crianças e adolescentes reproduzem inseguranças por influência da sociedade. Outra orientação é levar material extra em quantidade suficiente para que seja distribuído para todas as integrantes da banda (se for necessário em uma oficina, por exemplo).

É reforçado que o acampamento deve ser sobre as aventuras musicais das campistas e não do voluntariado. As músicas usadas como exemplos nas aulas devem ter uma linguagem adequada para crianças e adolescentes. O voluntariado não deve exaltar pessoas conhecidas da equipe,³⁰ visando desconstruir a ideia de *rock star*. Todas as pessoas devem receber o mesmo tipo de tratamento.

Em *Redes sociais e Girls Rock Camp* explicita-se a proibição da divulgação de imagens das campistas pelo voluntariado, com exceção do material produzido pelas equipes de vídeo e fotografia do projeto.

Em *Negligência ou abuso infantil: reportando suspeita de abuso*, o manual também aborda como o voluntariado deve agir perante a suspeita de abusos que as campistas possam sofrer fora do acampamento ou como agir se alguma campista reportar algum abuso. O voluntariado deve informar à coordenação para que outras atitudes possam ser tomadas.

Algumas orientações sobre a forma correta de manusear os instrumentos, caixas de som, cabos e outros equipamentos são passadas em *Espaço e equipamento*.

Em *Fora do Camp*, a coordenação orienta de que maneira o voluntariado deve agir no caso de encontrar campistas em outros espaços após trabalhar no projeto. A orientação é usar o bom senso e respeitar o espaço da ex-campista. Se familiares estiverem presentes, a pessoa deve apresentar-se explicando que conhece a criança ou adolescente por causa do acampamento.

Na seção *Ajudando o GRCB*, a organização explica que, para ajudar o projeto, é possível doar qualquer quantia em dinheiro, instrumentos musicais ou equipamentos ou seu

³⁰ O projeto conta com a participação de pessoas que são integrantes de bandas conhecidas ou possuem projetos musicais e/ou artísticos renomados.

tempo e talento para ajudar na arrecadação de fundos, desenvolver materiais de divulgação etc.

Por fim, *Música do Girls Rock Camp Brasil* traz a letra do hino do *Girls Rock Camp Brasil*.

A leitura do manual acontece de maneira coletiva durante o treinamento e cada aspecto é explicado. Qualquer dúvida ou questão que surja em relação às orientações pode ser colocada à coordenação.

Por meio do manual, é possível perceber todo o cuidado que a organização do projeto possui em relação às campistas, mas também em relação ao voluntariado. As práticas que incentivam falas positivas, as brincadeiras e o compartilhar começam a ser propagadas inicialmente entre as próprias pessoas do voluntariado.

Em outra dinâmica, a coordenação propõe a resolução de possíveis situações que podem ocorrer durante a semana. O voluntariado é separado em grupos que devem resolver situações hipotéticas como brigas ou discussões entre campistas, banda que possui a maioria das integrantes adolescentes e uma criança de 7 anos, comparação entre as campistas com mais ou menos experiência em um mesmo instrumento, entre outros exemplos. As possíveis soluções são apresentadas para todas as pessoas que estão no treinamento (Imagem 4).

Imagem 4 - Dinâmica em grupos menores durante o treinamento de 2024



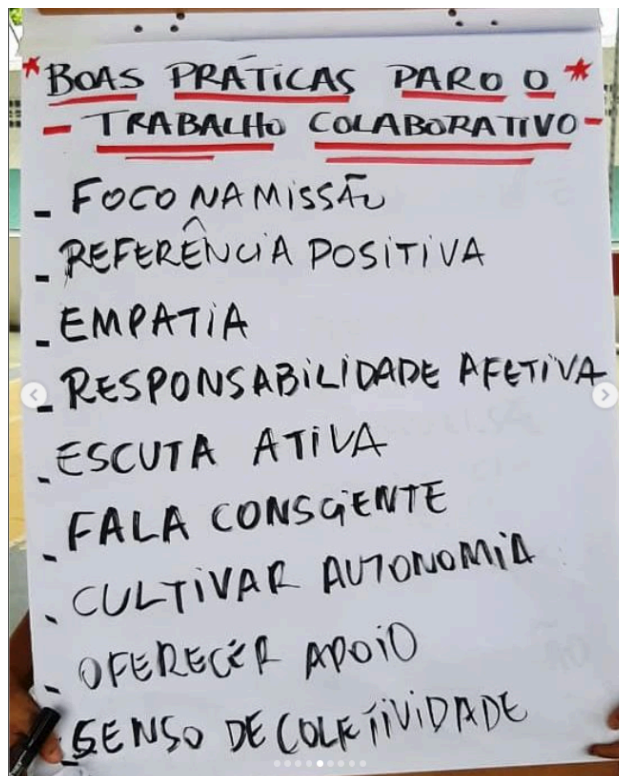
Fonte: *Girls Rock Camp Brasil*, 2024³¹.

Durante o treinamento, o voluntariado constrói de maneira coletiva o acordo de convivência que deve ser respeitado durante a semana do evento. A atividade costuma ser orientada por Flávia Biggs, que anota as sugestões em um *flipchart* que ficará exposto na área

³¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C2HlmYYuS9p/?img_index=6. Acesso em: 15 nov. 2024.

de descanso do voluntariado durante a semana inteira (Imagem 5). Qualquer pessoa pode sugerir ou discordar de alguma prática, pois todo o processo ocorre por meio do diálogo.

Imagem 5 - Acordo coletivo construído pelo voluntariado em 2023



Fonte: *Girls Rock Camp Brasil*, 2023.³²

As dinâmicas propostas nos treinamentos proporcionam uma sensação de autonomia; as pessoas que integram a coordenação do projeto agem como facilitadoras e guias. Durante o treinamento, todas as pessoas são ouvidas, e a sensação de acolhimento é reforçada.

Esse espaço dedicado à capacitação prévia não apenas reflete a seriedade e a dedicação do programa em fornecer uma base sólida para suas voluntárias, mas também demonstra a importância de alinhar os valores do movimento e transmitir conhecimentos essenciais para promover a igualdade de gênero e a expressão artística por meio da música (Jacometi, 2023, p. 33-34).

O segundo dia do treinamento acontece no domingo, durante o período da manhã e da tarde, e é utilizado para a montagem do espaço em que o projeto acontecerá durante a semana. Todas as salas são preparadas; todos os instrumentos e equipamentos são transportados; o espaço inteiro é enfeitado com cartazes produzidos pelo voluntariado contendo frases de apoio e incentivo; imagens de bandas, artistas mulheres e dissidências também são colocadas nos espaços, inclusive nos banheiros (Imagem 6).

³² Disponível em: https://www.instagram.com/p/CnZ5CmVutGr/?img_index=5. Acesso em: 15 nov. 2024.

Imagem 6 - Voluntária colando cartaz em 2023



Fonte: *Girls Rock Camp Brasil*, 2023.³³

Algumas frases encontradas nos cartazes são: *Você é incrível!; Acredite na sua força; Ser gentil é muito punk; Tá todo mundo aprendendo; Juntas somos mais; Cantar é dar voz à liberdade!; Sempre é tempo de ser/fazer o que você quer; Você pode!; Você é força; Você merece respeito; Errar é sinal de que você está fazendo algo novo, erre sempre e erre cada dia melhor; A música liberta etc.*

Apesar da ênfase sobre o acampamento ser feito para as campistas, e não para o voluntariado, as pessoas acabam sendo afetadas pelo acolhimento e pelos estímulos que são propagados o tempo todo. Assim, nos dois dias do treinamento, o voluntariado recebe o que depois será compartilhado com as campistas.

O *Girls Rock Camp Brasil* consegue reunir pessoas com gostos musicais diferentes, ideologias distintas, profissões e formações diversas, idades diferentes, orientações sexuais diversas etc. Porém, há uma inquietação comum que parece comover todas as pessoas do voluntariado: a luta por uma sociedade menos injusta.

3.3 O Riot Grrrl e o *Girls Rock Camp Brasil*

Não é a minha intenção discorrer demoradamente sobre o movimento *Riot Grrrl*. O objetivo deste capítulo é pontuar que o movimento possui relação direta com a criação dos acampamentos musicais voltados para meninas e dissidências, incluindo o *Girls Rock Camp*

³³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C2HlmYYuS9p/?img_index=1. Acesso em: 15 nov. 2024.

Brasil. Indico a pesquisa de Gabriela Cleveston Gelain, *Releituras, transições e dissidências da subcultura feminista Riot Grrrl no Brasil* (2017) e a pesquisa *Riot Grrrl: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra* (2015), de Flávia Lucchesi de Carvalho Leite, para as pessoas interessadas em aprofundar o conhecimento sobre o movimento *Riot*.

Uma das filosofias do *Riot Grrrl* é combater os abusos que a sociedade pratica sobre meninas, garotas e mulheres, desde a violência e as violações contra seus corpos, até o silenciamento e banimento de espaços artísticos e musicais. Trata-se de um movimento criado entre os anos 1980 e 1990 por mulheres que queriam participar da cena *punk* que, na época, era predominantemente masculina, hostilizando e intimidando as garotas (Guerra *et al.*, 2017).

A *Riot Grrrl* é a subcultura conhecida como o punk feminista, que surgiu no início da década de 1990, nos Estados Unidos (mais especificamente em Olympia, Washington e Washington D.C.). A escrita e a pronúncia de “grrrl” foram justamente utilizadas para fazer um contraponto a “girl”, resultando em um “rosnado”, um som de “raiva” (Gelain, 2017, p. 10).

O movimento possui várias expressões no campo da arte e do ativismo. Temas como estupro, desigualdade social, questões raciais e violência contra a mulher são apresentados e debatidos por meio de colagens (*fanzines*³⁴), fotografias, letras de músicas, textos etc. (Gelain, 2017).

A subcultura *Riot Grrrl* chegou ao Brasil por intermédio da *internet*. “As bandas *riot grrrl* tornaram-se acessíveis às garotas brasileiras, em sua maior parte de classe média e localizadas em uma faixa etária que ia dos treze aos vinte anos de idade. Havia uma identificação com as letras, estilo e ideias propostas pelas musicistas” (Gelain, 2017, p. 11).

O movimento *punk*, apesar de propagar a ideia de ser libertário, reproduzia atitudes misóginas e sexistas. Foi nesse contexto que as mulheres se revoltaram contra as violências que seus corpos sofriam e criaram um novo movimento associado ao feminismo (Gelain, 2017). A ideia do *Faça-Você-Mesma* ou *Do-It-Yourself* (DIY), que já existia no movimento *punk*, é adotada pelo movimento *Riot*:

Deste modo, as próprias mulheres tocam seus instrumentos, compõem suas músicas, organizam seus festivais e eventos, preparam a comida (geralmente vegetariana) para os eventos, atuam enquanto DJs, fotógrafas, fazem cobertura com vídeos e também divulgam seus *fanzines* e *fanzines* de amigas nas redes sociais na Internet (Gelain, 2017, p. 11).

³⁴ Publicações produzidas de forma artesanal.

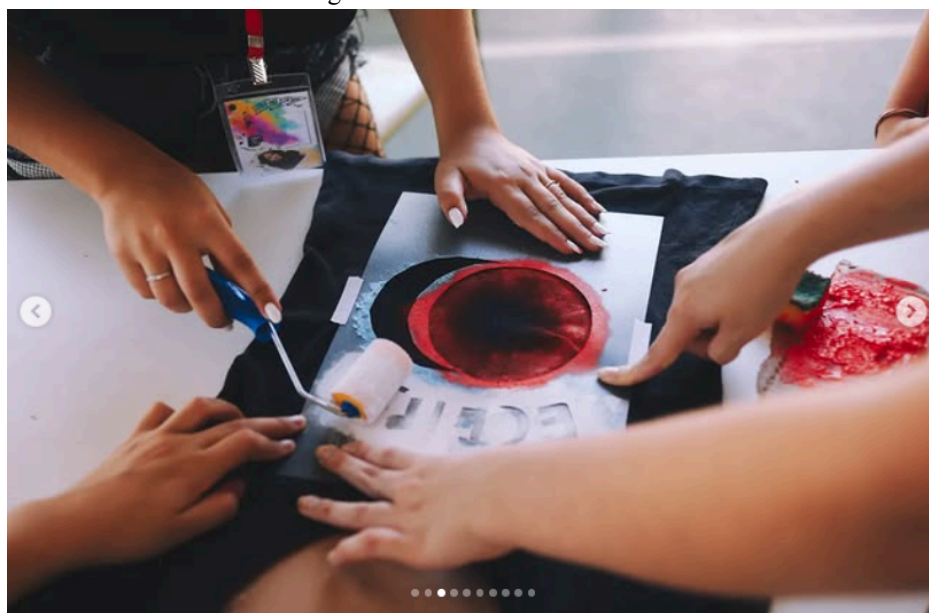
Há como afirmar que o *Riot Grrrl* possui relação com o *Girls Rock Camp Brasil*, pois pessoas envolvidas na criação do projeto e em seu desenvolvimento são próximas ao movimento. Posso citar como exemplo Flávia Biggs, responsável por criar o projeto no Brasil, que foi integrante da *Dominatrix*, banda que surgiu em 1995 e é uma das referências brasileiras do movimento *Riot*. Outros nomes próximos ao movimento e ideias *Riot*, como Patricia Saltara (Vinhão), Carol Fernandes, Helena Duarte e Mari Crestani, também participaram do desenvolvimento do acampamento. Existe uma “relação direta do movimento *Riot Grrrl* com a construção do *Girls Rock Camp Brasil*: mulheres musicistas, atuantes no movimento *Riot Grrrl*, perpetuam seus ensinamentos para outras mulheres, como uma forma de ajudá-las na busca de autonomia” (Jacometi, p. 29).

A ideia do *Faça-Você-Mesma* é amplamente difundida entre o voluntariado e entre as campistas. Nas oficinas de composição musical, *stencil*, *fanzine*, grafite e cartaz, essa noção fica ainda mais evidenciada.

Na oficina de composição musical, a banda cria a letra da música autoral com o auxílio da pessoa (ou das pessoas) responsável pela oficina. As pessoas do empresariado e da produção musical também podem auxiliar, entretanto, as campistas são as principais responsáveis pela criação da letra.

Na oficina de *stencil*, as campistas desenvolvem o logo da sua banda e produzem camisetas para todas as integrantes. O processo é artesanal e envolve chapas de raio-x ou placas plásticas, estiletes, tesouras, fitas adesivas, rolo de espuma, esponja de lavar louça e tinta (Imagem 7).

Imagem 7 - Oficina de *stencil* em 2022



Fonte: *Girls Rock Camp Brasil*, 2022.³⁵

Na oficina de *fanzine*, as campistas produzem um material de divulgação da própria banda, utilizando recortes de revistas, tesoura, cola, lápis de cor, canetinhas de colorir, giz de cera etc. (Imagem 8). A produção original é disponibilizada a todas as integrantes da banda por meio de cópias feitas pela pessoa que aplicou a oficina.

Imagem 8 - Oficina de *fanzine* em 2022



Fonte: *Girls Rock Camp Brasil*, 2022.³⁶

Na oficina de grafite, as campistas desenvolvem quais desenhos querem aplicar no espaço, geralmente muros do local em que o acampamento está acontecendo, para depois pegar as latas de tinta. As campistas escolhem coletivamente o local para aplicar o desenho, as mais altas auxiliam as mais baixas, existe respeito e escuta.

Durante a oficina de cartaz, cada banda produz um cartaz para divulgar o *showcase*, que acontece no último dia do acampamento. Nele, as integrantes colocam seu nome e o da banda, o horário da apresentação e local do show (Imagem 9). Todos os cartazes são exibidos no dia do show.

³⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CY7evAMPAJ4/?img_index=3. Acesso em: 15 nov. 2024.

³⁶ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CY6Uip6rfr3/?img_index=7. Acesso em: 15 nov. 2024.

Imagem 9 - Oficina de Cartaz em 2024



Fonte: *Girls Rock Camp Brasil*, 2024³⁷.

Muitas pessoas do voluntariado não integram necessariamente o movimento *punk* ou *Riot*, mas praticam a filosofia do *Faça-Você-Mesma*.

A influência *Riot* pode ser conferida no *Girls Rock Camp* tanto no tocante à ideologia do empoderamento feminino, quanto no que diz respeito ao *modus operandi*, que envolve a prática do *Faça Você Mesmo* e a valorização de produtos da cultura *underground*, que seguem processos de produção e circulação de nicho (Guerra *et al.*, 2017, p. 10)

Há uma troca constante entre as pessoas do voluntariado, que compartilham informações e conhecimentos que envolvem desde como soldar um cabo estragado até como afinar um instrumento. A autonomia para aprender e fazer coisas novas é presente entre as campistas e entre o voluntariado.

A influência do movimento *Riot Grrrl* no projeto, portanto, acontece mais em relação à filosofia da luta por mudanças sociais e pela prática do *Faça-Você-Mesma*, do que pelo estilo musical *punk* ou pela influência musical das bandas representantes do movimento *Riot*.

3.4 As músicas do *Girls Rock Camp Brasil* da edição de 2024

Em 2024, o *Girls Rock Camp Brasil* teve 94 campistas que formaram 16 bandas e apresentaram suas músicas autorais na praça de alimentação do Sesc Sorocaba. Todos os anos

³⁷ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C2PjJVvR0a4/?img_index=4. Acesso em: 15 nov. 2024.

a organização do projeto produz um *flyer* com as fotos e letras das músicas de todas as bandas. O material é distribuído ao público no dia do show (imagem 10).

Imagem 10 - Flyer de divulgação do Showcase de 2024

APRESENTAÇÃO SHOWCASE 2024

20/01/2024 (sábado)

15h às 19h

SESC SOROCABA

R. Barão de Piratininga, 555 - Jardim Faculdade, Sorocaba

SUNRISE

Música:
Ela é praiana
Ela é praiana, mora lá
na praia e é dancinha
Ela é morena, sua melhor
amiga é a praia
As amigas andam na areia
de Aracaju
Se encontram numa ponte
para observar o horizonte
Depois da ponte
elas foram ao restaurante
Pediram pizza e milanesa, mas
só tinha salmão (2x)
Ela é praiana, mora lá
na praia e é dancinha
Ela é morena, sua melhor
amiga é a praia
Seu cabelo é
são de praia e Acapulco
Se encontram numa ponte
para observar o horizonte
Produtora: Céu
Empresária: Bruna
Integrantes:
Alicia Zalka (Baixo)
Conceição Varga (Bateria)
Luiza Rosa (Guitarra)
Mama Barz (Teclado)
Marina F. Aranha (Guitarra)
Paula Spinelli (Voz)

BUG HARMONY

Música:
Liberdade pela metade
(me deixa voar)
Você me deixa de cabeça
pra baixo
E me deixa pra não cair
E se o corpo não quiser
apenas flutuar
Quando se pede pra não desistir
Quando não quer e não dá
você é o (2x)
Liberdade pela metade
Você me deixa voar
E me deixa flutuar
Na sua prisão
Não quero mais voltar
Você me deixa voar
Me deixa voar
Produtora: Ananda
Empresária: Ester
Integrantes:
Jimmy (Teclado)
Marta (Bateria)
Bia (Guitarra)
Luiza (Guitarra)
Julia (Baixo)
Nara (Voz)

SPARKLING GHOST

Música:
Até parece
os fantasmas da sociedade
Ninguém acredita no conceito
Antes de alguém acreditar
nos conceitos ocultos
O quarto onde está
parado e sua mente
O fantasma transparente
Que morto
Se infiltra na sua cabeça
E seu coração sente
Fantasmas agitados
Fantasmas agitados - 2x
Fantasma, vai embora
Fantasma, vai embora - 2x
Pegue de volta seu brilho
Até os fantasmas saírem

MENINAS ALIENS

Música:
O segredo da galáxia
- Barulhão
Na galáxia existem aliens
E na terra existem aves (2x)
Escondidas nas planetas
Aliens em suas nave (2x)
Um planeta esquecido
Aliens prontos para o ataque (2x)
Cupido com o Alien (2x)
O Poder Te (Voz)
A Terra com seus segredos
O Espaço muito mais (2x)

ROCK BAOBÁ

Música:
Raízes Ancestrais
A música faz parte de mim
Antes a atitude sem fim
A minha natureza e a arte
Tem amor e amizade (2x)
Que o passado me
Leva ao futuro
E o futuro me leva
ao passado (2x)
Não temos muitas raízes
Em nossas vidas há cinco
Meus ancestrais me guiam
Por tudo que sobram (2x)
(Volta no início)

CAPIVARAS DE BIKINI

Música:
Sobreviventes da natureza
Somos capivaras no meio da rua
Não somos de mau
Somos da cidade
Descubrimos o nosso lar
Somos de sobreviventes
Os buracos destroem a natureza
E destruímos a nossa vida
A natureza precisa sobreviver
Na rua, na rua, na rua

AZT's

Música:
Vamos Brilhar
Até não deixarmos
Vamos brilhar no palco (2x)
Vamos brilhar como as estrelas
Nos brilhando como o sol
Somos de outro mundo (2x)
Somos AZT's (2x)
E vamos brilhar!

Integrantes:
Eliana (Voz)
Aline (Baixo)
Alicia (Guitarra)
Rebeca (Guitarra)
Angelina (Teclado)
Julia (Bateria)

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As letras das músicas começam a ser produzidas na oficina de composição musical, no primeiro dia do acampamento. Em cada edição, as pessoas responsáveis por desenvolver a oficina usam métodos diferentes para que as bandas componham suas letras.

Entretanto, há uma regra fixa na oficina: as músicas são construídas de forma autônoma pelas integrantes de cada banda. A pessoa responsável pela produção musical³⁸ e a pessoa responsável pelo empresariado devem auxiliar as campistas com orientações, mas sem interferir ou inibir o processo criativo das participantes.

As bandas são formadas de maneira orgânica e raramente possuem todas as integrantes com idades próximas. A diferença de idade pode ser um empecilho inicialmente, porém, pela mediação do voluntariado, as campistas aprendem a ouvir a ideia de todas as integrantes e acabam fazendo acordos para escolher o tema e o estilo da música.

O processo continua após a oficina, durante o período dos ensaios, com o auxílio da dupla do voluntariado responsável pela banda. Os temas das músicas são diversos, algumas abordam questões sociais e ambientais, enquanto outras contam histórias envolvendo gatos ou amor.

³⁸ A dupla formada pelas pessoas da produção musical e do empresariado permanece com a mesma banda até o último dia do acampamento.

Apresento a letra de quatro bandas formadas no acampamento de 2024 para destacar a força que o projeto possui ao incentivar a expressão criativa das campistas. Selecionei duas letras que abordam temas de cunho social e ambiental e duas letras que apresentam temas mais lúdicos.³⁹

A música *Até parece*, da banda *Las Lunas*, apresenta uma letra tecendo críticas às desigualdades sociais.

Parece até que a cidade
 Não cresce
 Tem sempre um com mais
 E os outros com menos
 Tanto faz (2x)
 Até parece (2x)

Mas vai ter sempre alguém
 Lutando por direitos
 Derrubando o sistema
 Acabando com os preconceitos

O conceito da cidade consiste
 Em conflitos
 O rico que trabalha
 É esforçado
 E o pobre que trabalha
 É dominado

TANTO FAZ
 ATÉ PARECE (2x)

A banda *Patinhos Derretidos* compôs a música *Dito e Não Feito*, que critica a maneira como as pessoas tratam a natureza.

As redes sociais mascaram o
 Caos que está o mundo
 Com esses cliques não
 Conseguimos enxergar o mundo (2x)

Estúpidos, tão sujos
 Não param de sujar o mundo (4x)

O que é dito nunca é feito
 Continuam piorando o planeta
 As pessoas são tão falsas
 Fingem que amam a natureza (2x)

Estúpidos, tão sujos
 Não param de sujar o mundo (4x)

³⁹ Não há, no projeto, julgamento de valor entre os tópicos escolhidos pelas campistas. Tanto temas políticos quanto lúdicos são recebidos da mesma maneira. Pontuo que existem letras com temas diferentes para elucidar que a criatividade é incentivada, e as participantes podem manifestar suas ideias e sentimentos.

Os gatos foram a fonte de inspiração da banda *SpaceCats*, com a música *A vida dos SpaceCats*.

Em um astro
Onde só vivem gatos
Tudo é mais legal

Gatos intergalácticos
Moram no espaço
De bebida temos leite
De almoço sempre peixe

E quem eles são? (Refrão)
Os SpaceCats (4x)

Mundo de magia
De alegria e diversão
Balançando o rabinho
Com muita animação

Refrão

Se falarmos de amor, composta pela banda *Meninas ao vento*, apresenta a ideia do grupo sobre amor, conforme indica o título da música.

Sentido vivido
Real especial
Cada um tem o seu
Tempo e sentimento
Num lugar particular
Diversos tipos de amores
Às vezes com suas dores
Mas sempre inesquecíveis,
Inexplicáveis

Criam memórias, criam histórias,
Que se lançam ao vento
Para espalhar o amor (2x)

O amor vive, o amor é livre
Não se pode definir
Um sentimento profundo,
Coberto de camadas (2x)

Criam memórias, criam histórias,
Que se lançam ao vento

Para espalhar o amor (3x)

As músicas com os temas mais críticos não são necessariamente produzidas por campistas mais velhas. Nestes anos em que participei como voluntária, vi uma banda de meninas de 7 a 12 anos criticando a maneira como a boneca Barbie institui um tipo de padrão

de beleza para a sociedade, assim como uma banda com integrantes de 13 a 17 anos exaltando a grandiosidade das florestas.

Minha intenção ao apresentar algumas letras é mostrar como o acampamento incentiva o desenvolvimento da criatividade e a expressão dos sentimentos e ideias das campistas. Os estilos musicais também são diversos, podendo ser *rock*, *reggae*, MPB, maracatu ou qualquer outro.

A experiência de formar uma banda possibilita que as participantes aprendam a lidar com a diversidade de pessoas e ideias. As crianças e adolescentes exercitam o diálogo e, às vezes, precisam abrir mão de certas ideias particulares pelo bem do coletivo. “Ao participar de atividades de formação de bandas, as crianças e adolescentes não apenas aprendem sobre música, mas também experimentam, na prática, o poder da colaboração coletiva em projetos musicais, autonomia e expressão pessoal” (Jacometi, 2023, p. 15).

As músicas também afetam o voluntariado do projeto, que acaba acompanhando o desenvolvimento das bandas durante a semana. As pessoas do voluntariado conseguem perceber a mudança na postura das campistas e os obstáculos superados. Por fim, o público presente no *showcase* também é afetado, principalmente as famílias das campistas.

As participantes são incentivadas a expressar-se livremente, desenvolver autoconfiança e construir uma imagem positiva de si mesmas. O apoio emocional, as atividades de autoexpressão e o trabalho em equipe contribuem para a promoção da autoestima e do empoderamento psicológico das participantes. E isso acontece, também, com as voluntárias: através de uma rede de suporte e escuta, criam-se espaços para expressão e acolhimento (Jacometi, 2023, p. 100-101).

O *Girls Rock Camp Brasil* promove um lugar seguro que acolhe o voluntariado e as campistas. Estratégias são criadas pela coordenação para estimular trocas de experiências e conhecimentos entre as pessoas envolvidas no projeto. Tal ambiente acolhedor contribui para a sensação de segurança do voluntariado e das campistas, influenciando suas ações durante a semana e continuando a reverberar para além dela.

4 MÍMESIS II: TODAS AS MENINAS REUNIDAS VAMOS LÁ!

A *mimesis II* ou configuração é a narrativa que exerce função intermediária entre a *mimesis I* e a *mimesis III* (Ricoeur, 2010a, 2010b). Como apontado anteriormente, a *mimesis I* é o contexto que fornece as experiências que serão posteriormente utilizadas pelo narrador para construir sua(s) narrativa(s). Já a *mimesis III* é o processo de interpretação realizada pelo leitor ou ouvinte de uma narrativa.

A narrativa exerce um papel mediador, rememorando o passado no presente (Ricoeur, 2010c). Portanto, dar “sentido ao mundo e permitir a emergência de novos sentidos a esse mesmo mundo é o papel cumprido por mimese II” (Carvalho, 2012, p. 176).

Neste capítulo, apresento o documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* que é constituído por narrativas de pessoas da organização, do voluntariado, de campistas e familiares de campistas do projeto *Girls Rock Camp Brasil*. Por meio dessas narrativas, analiso e interpreto, posteriormente, se o acampamento é capaz de criar um lugar que propaga a alegria, aumentando a potência de agir das pessoas envolvidas com o projeto.

4.1 O documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*

O documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* retrata o projeto social *Girls Rock Camp Brasil* por meio de entrevistas com a organização do projeto, campistas, voluntariado e mãe de campistas. A produção foi lançada em 2017, tem 80 minutos de duração e conta com a direção de Carol Fernandes. Foi distribuída pela *Paris Filmes* e exibida em São Paulo, no *Espaço Itaú (Frei Caneca)*; em Sorocaba, no *Cineplay*; e em Porto Alegre, no *Cinespaço Wallig*. O lançamento em Sorocaba teve a bilheteria esgotada e sua projeção foi estendida por mais uma semana (Alcântara, 2018).

As imagens do documentário foram captadas por pessoas que participaram da equipe de registro do projeto no decorrer dos anos, com diferentes níveis de experiência na área de captação de vídeo. A mistura desses registros gerou uma estética que remete ao estilo *faça-você-mesma* (Alcântara, 2018).

O documentário apresenta as falas das pessoas entrevistadas entre cenas que retratam a estrutura do acampamento, desde o treinamento do voluntariado até as dinâmicas que ocorrem com as campistas. Exibem-se as entrevistas de vinte pessoas envolvidas no voluntariado do projeto, dezessete campistas e a mãe de duas campistas.

O contexto em que nasce o documentário é o próprio *Girls Camp Brasil*. A diretora cinematográfica Carol Fernandes e a produtora Patricia Saltara participaram diretamente na criação do projeto e seu desenvolvimento.

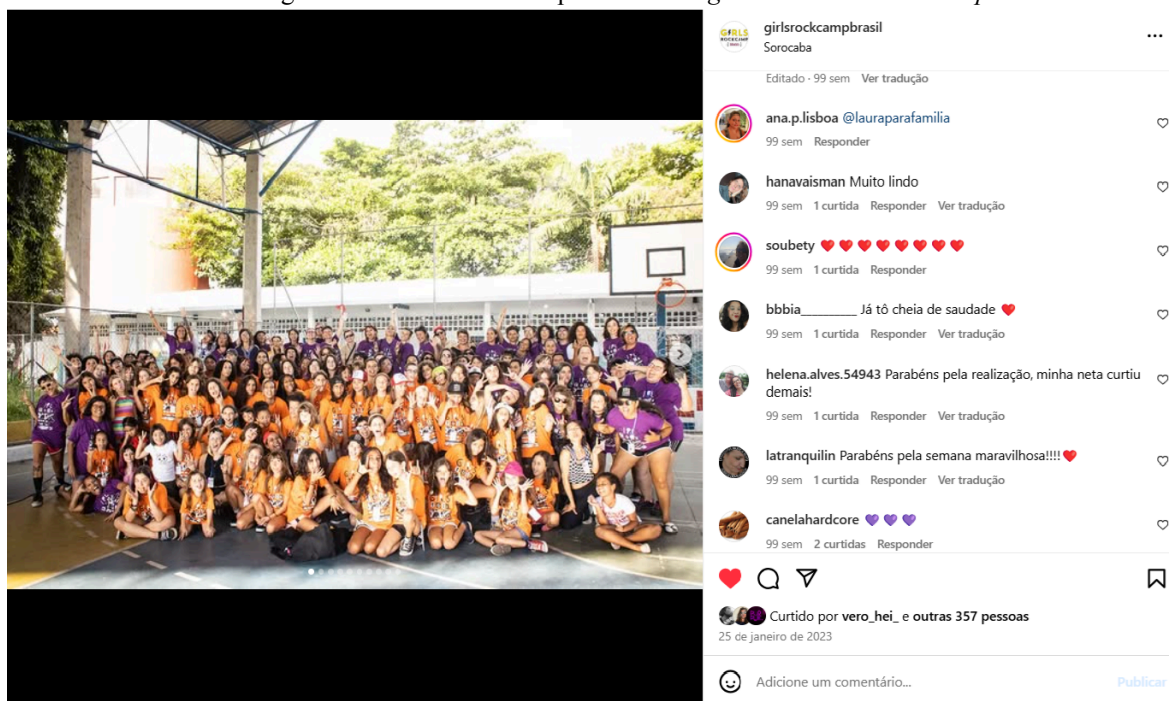
Os relatos apresentados na narrativa são similares aos observados nas redes sociais e em conversas com pessoas envolvidas no projeto social. O objetivo de analisar o documentário é identificar, nas narrativas das pessoas entrevistadas, a alegria e outros afetos que surgem dela, conforme os conceitos espinosanos.

A *mimesis* II, ou figuração, é a narrativa em si construída a partir do tempo vivido, das memórias e das ações das pessoas no mundo (Ricoeur, 2010b). O documentário revela como o *Girls Rock Camp Brasil* surgiu, por meio de falas de Flávia Biggs; como foi o início do projeto, através das falas de Patricia Saltara, Marianne Crestani e Carol Doro; como as campistas se sentem, por meio das falas das campistas entrevistadas; e como é participar do voluntariado.

O documentário, apesar de apresentar os desafios para desenvolver o projeto e alguns conflitos que surgem entre as campistas, não pontua outros tipos de embates resultantes da convivência intensa de uma semana. Portanto, utilizar o documentário para demonstrar de que maneira o projeto promove a alegria pode ser interpretado como uma escolha tendenciosa da minha parte.

Para esclarecer esse possível questionamento, apresento quatro caminhos. Primeiro, os perfis das redes sociais do *Girls Rock Camp Brasil* são abertos, e qualquer pessoa pode comentar. Os comentários corroboram com as narrativas apresentadas no documentário (Imagem 11).

Imagem 11 - Comentários no perfil do *Instagram* do *Girls Rock Camp Brasil*



Fonte: *Girls Rock Camp Brasil*, 2023.⁴⁰

⁴⁰ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cn2EGVDL7By/?img_index=1. Acesso em: 19 dez. 2024.

Após as edições do acampamento, é comum que as pessoas envolvidas com o voluntariado, campistas e familiares de campistas compartilhem em suas redes sociais relatos sobre como foi participar do projeto. Tais narrativas corroboram com o que é observado no documentário (Imagem 12).

Imagem 12 - Relato da voluntária do *Girls Rock Camp Brasil* em 2024.



Fonte: Milanda, 2024.⁴¹

Terceiro, as pesquisas desenvolvidas por Adrienne Pinheiro Reyes (2023), Amanda Jacometi (2023), Flávia Lucchesi de Carvalho Leite (2015) e Gabriela Cleveston Gelain (2017) apresentam o *Girls Rock Camp Brasil* de maneira similar ao que observo nas narrativas do documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*.

Quarto, observei o que é exibido no documentário nos anos em que participei como voluntária do projeto e pesquisadora participante e posso atestar que conflitos realmente surgem no decorrer da semana, porém, como apresentado no capítulo *Quem disse que eu não podia?*, desde o treinamento a coordenação do projeto utiliza estratégias para incentivar o diálogo entre as pessoas envolvidas, além do acampamento contar com a equipe de aconselhamento, que pode ser acionada a qualquer momento para mediar qualquer tipo de situação.

Existe um esforço coletivo para que o acampamento seja um lugar acolhedor. As pessoas são incentivadas a expressar o que estão sentindo, e acordos de convivência são

⁴¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C2aj_KruMT8/?img_index=1. Acesso em: 24 jan. 2024.

construídos coletivamente. As estratégias adotadas pela coordenação acabam por refletir-se nas experiências de quem participa do projeto e em suas narrativas.

4.2 Lugar de se divertir, lugar de aprender

O documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* pode ser dividido em quatro eixos: a história do *Camp*, o que é o *Camp*, as impressões das campistas e as impressões do voluntariado.

Como aponta Ricoeur (2007), as narrativas são capazes de articular as lembranças e a memória. O autor destaca que “ao lembrar de algo, alguém lembra de si” (Ricoeur, 2007, p. 107).

A fidelidade ao passado não é um dado, mas um voto. Como todos os votos, pode ser frustrado, e até mesmo traído. A originalidade desse voto é que ele consiste não numa ação, mas numa representação retomada numa sequência de atos de linguagem constitutivos da dimensão declarativa da memória. (Ricoeur, 2007, p. 502)

Narrar é trazer à tona o passado vivido. As narrativas são fábulas do tempo e fábulas sobre o tempo que nascem das experiências de quem narra (Ricoeur, 2010a, 2010b). O que é narrado são as experiências adquiridas pelos sentidos, que são organizadas pela razão e transmitidas pelas linguagens.

O documentário apresenta a fala de pessoas que estão envolvidas com o *Girls Rock Camp Brasil* e compartilham sua relação, impressão, envolvimento e experiência com o projeto. A história do *Camp* é contada por Flávia Biggs, idealizadora do projeto no Brasil. A criação do acampamento está diretamente ligada à vida de Biggs. Na entrevista, a educadora compartilha que toca guitarra desde os 13 anos de idade e acredita que essa atividade a formou como pessoa, cidadã e mulher. Sua relação com a música começou quando ela ganhou uma guitarra de presente de aniversário:

Comecei a tocar porque eu gostava de *rock*, gostava de música. Um dia, era meu aniversário de 13 anos, minha irmã falou para minha mãe que ela deveria dar uma guitarra para mim de presente de aniversário. Lembro que acordei e minha mãe tinha deixado uma guitarra do lado da minha cama. Uma guitarrinha assim, que eu tenho até hoje ainda, ela está no *Girls Rock Camp*, a propósito. E aí, eu falei: “Nossa, que legal!” e comecei a tocar na banda que toco hoje, que é o *The Biggs*, em 1996. (Biggs)

Biggs compartilha que era integrante da banda *Dominatrix* e que, durante uma turnê na Europa, em 2001, conheceu STS, baterista da banda *The Haggard*, que era voluntária no

projeto *Rock 'N' Roll Camp For Girls* em Portland, Estados Unidos. Em 2003, *Dominatrix* foi convidada a fazer uma turnê pelos Estados Unidos. Foi então que a educadora teve a oportunidade de conhecer o projeto de Portland, que acontecia desde 2001.

Quando conheci o espaço, quando entendi a ideia, quando a STS me apresentou o projeto, falei: “Nossa, que coisa linda! Como assim existe isso?”. Juntar essas duas coisas... E eu sou socióloga, na época já era formada e tal. Aí o *Girls Rock Camp*, para mim, juntou duas coisas que são as duas coisas mais importantes da minha vida, que é a militância feminista, as questões de sociedade, de justiça social, e também a música, o feminismo e o *punk*. (Biggs)

Em 2005, Biggs voltou ao projeto dos Estados Unidos como voluntária. “Foi a experiência mais incrível do mundo”. Ao retornar ao Brasil no mesmo ano, sentiu muita falta do projeto e das vivências (o que as pessoas do voluntariado costumam chamar de “depressão pós-*Camp*”) e pensou que deveria fazer alguma coisa dentro de suas possibilidades. Foi então que Biggs criou uma oficina de guitarras para meninas, que atendia a cerca de 20 meninas por oficina.

Em 2012, a socióloga foi convidada a ministrar sua oficina de guitarras para meninas no festival *Emancipar Fest*, que também ofereceu oficinas de bateria e baixo. Foi então que a musicista percebeu que poderia organizar um *Girls Rock Camp*.

O primeiro *Girls Rock Camp Brasil* aconteceu em Sorocaba, no interior do Estado de São Paulo, em 2013. Marianne Crestani, Carol Doro e Mariana Souza Aranha compartilham, no documentário, como foi organizar o primeiro acampamento.

Carol Doro conta que o projeto não tinha nenhum equipamento em sua primeira edição. “A gente trouxe tudo praticamente de São Paulo, tudo emprestado. A gente veio num caminhão baú e pôs tudo lá dentro, foi um absurdo. Foi muito louco, mas foi maravilhoso, né. A gente estava com força pra fazer isso”.

Marianne Crestani, responsável pelos equipamentos do projeto, relata que considera o primeiro *Camp* como a coisa mais louca que já fez na vida. Pela complexidade de organizar tantos equipamentos emprestados e todos os desafios, Crestani diz que o primeiro acampamento foi um “divisor de águas na vida de muita gente. Mudou muita coisa, pelo esforço físico, mental, emocional. [O quão] Transformador que foi fazer o primeiro *Camp*”.

Carol Doro e Mariana Souza Aranha compartilham que, na primeira edição, a equipe técnica usou a experiência individual de cada uma para organizar tudo, pois as pessoas tinham bandas e lidavam com seus próprios equipamentos.

O documentário apresenta o acampamento como um espaço exclusivo para meninas. Biggs cita experiências com outros projetos que desenvolve com meninas, em lugares públicos, em que os meninos interferem nos processos das meninas, duvidando de suas capacidades ou desafiando suas habilidades. A socióloga reforça a importância dos espaços exclusivos: “O espaço exclusivo, ele fortalece nesse sentido, de você perceber que estamos juntos. Eu não sei, todo mundo não sabe, mas vamos junto aprender”.

Marianne Crestani defende a importância de espaços em que as meninas não precisem lidar com o comportamento dos meninos: “É importante um ambiente de meninas, porque ele é um ambiente seguro, né? Não vai vir nenhum menino atravessar a sua brisa, querendo fazer para você ou oferecendo uma ajuda que talvez você não precise, sabe?”.

Por meio das falas das voluntárias e das campistas, explica-se que o projeto é voltado para meninas de 7 a 17 anos, desenvolvido durante uma semana. Flávia Biggs compartilha que “durante essa semana, elas têm a oportunidade de viver a experiência de ter uma banda, desenvolvendo a autoestima, empoderando e desenvolvendo o protagonismo juvenil feminino”.

O pano de fundo para desenvolver o *Camp* é a música. As campistas fazem uma inscrição prévia para escolher qual instrumento gostaria de aprender. Biggs conta que há uma preocupação entre as inscritas sobre não ter experiência com instrumentos musicais:

A gente gosta de deixar bem claro que o tocar é um processo, né? Desmistificar a dificuldade e o processo do aprender fazendo; [...] A gente sempre procura pontuar que o mais importante não é a música, que o mais importante é o empoderamento, é elas acreditarem em si mesmas, é elas conseguirem desenvolver o projeto da melhor forma possível, mas sem estresse, sem aquela coisa da exigência do primor e da técnica. (Biggs)

O acampamento foi criado e desenvolvido por mulheres que tinham uma relação com a música e o feminismo, conforme Patricia Saltara conta: “Já me identificava como feminista no *rock*, no *punk*. Então, pra mim, fez todo sentido um projeto que unisse todas essas coisas”.

Biggs afirma que o projeto relaciona-se com a cena *Riot Girls* e *punk* feminista, e busca fortalecer as crianças e adolescentes para que elas possam aprender a resolver os problemas que surgem durante o acampamento e na vida com o apoio e incentivo de outras mulheres: “Como na vida, vão aparecendo diversos outros problemas, outras questões para você resolver, mas juntas a gente vai conseguir fazer”.

Para Marianne Crestani, o projeto é uma oportunidade de praticar o feminismo, pois durante a semana existe a prática da sororidade⁴² e solidariedade entre quem participa do acampamento.

O documentário destaca que há um interesse por parte do voluntariado em exercer funções mais técnicas, que lidam diretamente com os equipamentos. Pelas falas das pessoas do voluntariado, pode-se perceber que existe uma troca de conhecimentos e experiências entre quem participa. Quem sabe algo, compartilha com quem não sabe. Segundo Patricia Saltara,

as mulheres juntas se fortalecem e conseguem fazer os projetos funcionarem. Tanto carregar os equipamentos e ser *roadie* ou ficar na parte de técnica de som, que é uma coisa que a gente ainda luta para ter mais destaque, essas partes técnicas ainda são os homens que predominam muito. (Saltara)

Esse processo não acontece apenas nas funções que envolvem conhecimentos mais técnicos envolvendo os equipamentos. Em uma das cenas, o documentário mostra a reunião do voluntariado durante o treinamento. Uma das participantes compartilha com as demais quais são suas dúvidas em relação a acompanhar as campistas durante a semana, e as voluntárias com mais experiência a auxiliam.

Há o incentivo para que as pessoas se envolvam e aprendam com as funções que escolheram. Mariana Souza Aranha narra que começou a ser *roadie* a partir do segundo acampamento, pois queria aprender mais sobre equipamentos. Entre cenas de voluntárias ensinando outras a carregarem e montarem os equipamentos, Aranha conta que as pessoas do voluntariado que participaram do primeiro *Camp* começaram a desenvolver a parte mais técnica posteriormente, e que há um treinamento prático durante a montagem do espaço onde o projeto é realizado.

Marianne Crestani, responsável pelos equipamentos do projeto, compartilha o que observa em relação ao interesse do voluntariado sobre as funções técnicas:

Ao longo desses anos, a gente vê um interesse muito grande de mulheres querendo se envolver com essa parte técnica, e isso é muito legal porque eu lembro de quando era mais nova e era *roadie*, naturalmente *roadie* das bandas, e todo mundo fica abismado com o fato de eu ser uma mulher. E é muito bizarro, só porque carrega peso, tipo, não faz sentido se você está preparada para isso. (Crestani)

Entre o voluntariado há pessoas com formação musical acadêmica, mas também autodidatas. Biggs explica que, durante os treinamentos, a coordenação do projeto busca

⁴² Empatia, solidariedade e acolhimento entre mulheres.

misturar esses grupos. “Isso é um casamento perfeito porque, nos treinamentos, a gente tenta colocar juntas, e juntas elas desenvolveram uma técnica e o que ensinar”.

Outras pessoas do voluntariado não necessariamente produzem ou trabalham com música. O projeto atrai pessoas com visões e experiências parecidas de como as mulheres são tratadas pela sociedade. Entretanto, a falta de acolhimento das mulheres em ambientes que envolvem a música é relatada em várias passagens do documentário.

Integrante da banda *Miêta*, Célia Regina pontua a importância do projeto para as mulheres. “Se eu tivesse vivenciado isso quando era mais nova, com certeza eu teria muitas facilidades. Eu já saberia o que eu iria enfrentar, por exemplo, já saberia como lidar, já saberia dessa diferença que tem a mulher no meio da música e o homem”. Marcela Lopes, também integrante da banda *Miêta*, afirma que o projeto é maravilhoso e empoderador.

A voluntária Helena Krausz relata que participar do primeiro *Camp* mudou a sua vida: “Eu fiquei: ‘gente, isso foi especial demais’. É tão real, pode mudar tanto... Sei lá, ajudar de uma certa forma elas a pensarem e verem esse mundo diferente, sabe?”. Krausz, que integra a banda *Anti-Corpos*, compartilha que tocar bateria salvou sua vida e afirma que considera surreal a experiência de passar o que sabe para as campistas.

Patricia Saltara destaca que as meninas e adolescentes que participam do projeto podem aprender desde cedo noções básicas de várias coisas, oportunidade que ela não teve quando era criança e adolescente.

É interesse, dedicação e treino. Tudo bem, tem pessoas que têm mais facilidade para algumas coisas ou não, mas eu ainda acredito que essa facilidade vem do interesse. O *Camp* faz isso, assim. Faz as meninas verem desde o começo que o que elas quiserem aprender, elas vão conseguir, é só se dedicar. (Saltara)

Alê Brigante Cruz é musicista e mãe das campistas Rebecca e Biga. Cruz destaca que o *Girls Rock Camp Brasil* também ensina alguns valores que ela gostaria de ter aprendido quando era criança/adolescente.

Se eu tivesse tido a oportunidade na vida de conviver com gente que, mais do que tudo, me ensinasse que as mulheres são amigas, o mundo teria sido diferente, sabe? Para mim, acho que o mundo é diferente para elas, e é isso que mais me encanta no *Camp*. Entender que nós somos amigas, todas. (Cruz)

Flávia Aguilera, voluntária do projeto, destaca que as referências midiáticas costumam retratar as mulheres como rivais umas das outras, como se a inveja, a fofoca e a

inimizade fosse o comportamento praticado entre elas. A voluntária destaca que o *Camp* ameniza essas ideias para quem participa do projeto.

A voluntária Lidia Campos destaca que a atitude do voluntariado no decorrer da semana também influencia no aprendizado das campistas em relação ao papel que as mulheres podem ter na sociedade e que há uma retroalimentação entre campistas e voluntariado.

Só das meninas estarem vendo que a gente se trata de igual para igual, isso já gera um empoderamento nelas extraordinário. Então eu acho que isso vai nos empoderando durante a semana e durante as participações no *Camp*. Então a gente consegue passar mais atitude, mais força pras meninas. (Campos)

Helena Krausz e Marita destacam que compartilham com as crianças e adolescentes suas experiências de vida fora do acampamento, e não apenas ensinam, mas também aprendem muito. Marita destaca que não é preciso falar nada, apenas o fato delas existirem naquele espaço apresenta às campistas novas possibilidades do que é ser mulher. Krausz comenta sobre a importância da equipe do voluntariado ser formada por pessoas com perfis diferentes.

Tem gente de tudo que é tipo, tamanho, cabelo, tudo, tudo assim. Então eu acho que isso é legal, e elas ficam às vezes assim: “nossa quanta tatuagem”. Então acho que só de trocar assim, só de estar junto assim, no mesmo ambiente, traz coisas para elas que tira um pouco da caixinha, sabe? Sei lá, ver coisas que elas não veem na TV, entendeu? Tipo o padrão de mulher, o que é ser mulher, né? Enfim, acho que a gente está meio ali para desconstruir um pouco esses padrões, e eu acho que rola. (Krausz)

Marianne Crestani defende que o projeto, além de ensinar música, ensina outras coisas. O *Camp* “pode inserir conceitos e ideias e consciência que talvez na escola elas não tenham”. Crestani destaca que um dos fundamentos do projeto é incentivar as campistas a expressarem o que sentem de diversas maneiras.

No documentário, há uma cena na oficina de composição musical, atividade na qual as campistas compõem a música autoral de sua banda. A oficina explica para as campistas que todas as ideias são bem-vindas, mas que será necessário que as integrantes da banda façam acordos para encontrarem um tema em comum:

Meninas, é o seguinte: aqui na oficina de composição, nós vamos fazer dois exercícios, tá? Todas vocês têm ideias e têm boas ideias. O que é legal? O que pode ser legal? A gente tentar ver as ideias que vocês têm em comum. Aquelas ideias que são parecidas para, depois, conseguir fazer uma letra que verse, que trabalhe sobre aquilo que todas vocês têm em comum.

As campistas são incentivadas em todos os momentos a acreditarem em suas capacidades e a não desistirem. Há uma passagem em que a banda de Flávia Biggs, *The Biggs*, faz uma apresentação para as campistas na hora do almoço (show do intervalo). Durante a apresentação, Biggs conversa com as crianças e adolescentes. “Se você está tocando lá na hora do show e de repente, você esquece ou você erra igual eu já fiz aqui umas três vezes agora, você acredita. O que quer dizer, faz um disfarce e faz que dá certo”.

A voluntária Pryka Almeida, que participou pela primeira vez do projeto em 2017, ano em que a entrevista foi gravada, destaca a autonomia das campistas: “É interessante, porque a gente fica ali mais orientando mesmo, porque a produção é inteira delas. Elas que fazem acontecer, a gente joga umas ideinhas, assim, umas sementinhas que daí de lá elas criam”.

O espaço seguro criado pelo voluntariado permite que as campistas confiem em suas potencialidades. Na perspectiva de Marianne Crestani, por causa desses processos, o *Camp* promove um certo tipo de liberdade:

Esse fator coletividade mais expressar o que você está sentindo de diversas formas, é uma coisa maravilhosa que você pode e precisa aprender quando você é criança. Porque tem aquela coisa: “senta que nem menina”... Essas coisas que vão te cortando a brisa, né? Então, no *Camp* você pode ser quem você é. Você pode falar o que você quiser, falar o que você pensa, respeitando as suas amigas, as meninas que estão lá. Então é libertador por conta disso, você aprende a se expressar, a canalizar seu sentimento. (Crestani)

A percepção de Crestani aparece nas falas das campistas entrevistadas para o documentário. Sabrina (16 anos) conta que a oficina de *fanzone* foi a que mais gostou de fazer. “A gente fez a nossa própria revista. Foi muito legal, a gente pôde colocar o que a gente estava pensando, expressar através do papel, entregar para as outras pessoas. Eu gostei muito de expor as minhas ideias para as outras pessoas”.

A campista Paula (9 anos) fala que “meninas também podem tocar, meninas também podem cantar, meninas podem fazer tudo”. Enquanto Ellen, de 11 anos, diz que está adorando, porque é muito legal ficar com um monte de meninas. Biga, filha de Alê Brigante Cruz, ao ser perguntada sobre qual palavra define o *Camp* em 2015, responde “amizade”. Manuela (8 anos) relata que sempre desejou tocar guitarra e que gostou de aprender, porque seu pai toca o instrumento e tem uma banda: “Daí eu vim aqui sem tocar nada e eu saí aprendendo”.

Muitas campistas entrevistadas relatam que já participaram do projeto mais de uma vez, como é o caso de Luísa (9 anos): “É a minha quarta vez aqui no *Camp*. Eu a primeira vez foi teclado, a segunda voz, a terceira bateria e agora eu estou fazendo guitarra”.

Clara (9 anos) participou de quatro edições do acampamento. Ao ser perguntada por que voltava e do que mais gostava, ela responde que as campistas praticam os instrumentos, mas também praticam outras coisas. Compartilha que voltará para participar novamente. Para a voluntária Helena Krausz, as campistas voltam porque o projeto muda e mexe com as campistas, é gostoso, porque elas aprendem e querem estar lá.

Relatos de várias campistas revelam que sentiam vontade de ter contato com algum instrumento musical, mas não tinham oportunidade. Beatriz (15 anos) conta que sempre olhava para a bateria e queria aprender a tocar o instrumento, e foi no *Camp* que ela teve essa oportunidade pela primeira vez. Júlia (9 anos) destaca que são as campistas que tomam as decisões sobre a própria banda: “A gente decide o tema da letra, decide os acordes, os ritmos, decide tudo e ensaia”.

O documentário apresenta vários momentos em que as campistas precisam resolver conflitos envolvendo a elaboração da letra das músicas, a escolha do logo da banda etc., e o trabalho de mediação feito pelo voluntariado com as campistas, a fim de promover relações de diálogo e respeito.

O trabalho desenvolvido pelo voluntariado afeta as crianças e adolescentes. Muitas campistas chegam tímidas e inseguras, mas a mudança de atitude pode ser observada já nos primeiros dias do projeto, como afirma Biggs:

A transformação é a olhos vistos. A gente percebe na semana, enquanto a gente está trabalhando com elas da segunda-feira até o sábado, a gente percebe que há uma transformação. Não só de dentro para fora, mas também de grupo. Elas, no começo, estavam todas tímidas. Depois dá para perceber que no meio da semana elas estão andando abraçadas, falando: “é nois, nossa banda!” (Biggs)

Além das pessoas do voluntariado, o projeto desperta nas campistas mais velhas um posicionamento de acolher as mais novas. Stephanie⁴³ (17 anos) estava em sua última participação no *Camp*, depois de ser campista em três edições do projeto. Ela destaca que gosta de conviver com as campistas menores, porque “você está passando por suas coisas, [as coisas] que você sabe para elas, e elas tão também estão te ensinando com isso. Eu acho muito legal”.

A campista Sabrina (16 anos) chegou no projeto muito tímida, com muita dificuldade de socializar. Porém, com o suporte do voluntariado e de outras campistas, começou a confiar mais em si.

⁴³ Stephanie continua participando do projeto como voluntária.

Meu nome é Sabrina Gabriela, eu tenho 16 anos. É a minha primeira vez, eu fiquei muito com vergonha de falar com as meninas, de me expressar direito. A iniciativa do *Camp* só para garotas mostra o quanto a gente é forte, o quanto a gente consegue o que quer, é só persistir. Se você persistir, você vai conseguir o que quer e é bom reunir as garotas para trocar ideias para fazer um som que a gente gosta, é muito legal isso. (Sabrina)

A voluntária Lídia Campos entende que as mudanças sociais são processos que acontecem de dentro para fora a partir das relações e nas microrrelações. Sandra Coutinho, também voluntária do *Camp*, entende que os processos que acontecem no acampamento são muito positivos, pois promovem questionamentos sobre os valores e comportamentos sociais: “Parece que aqui é um momento que mexe com a pessoa, com a criança e ela vai levar isso de positivo pra vida dela”.

Patricia Saltara revela que as mães compartilham com a organização do projeto e o voluntariado relatos sobre a mudança que acontece com suas filhas. “As crianças chegam mais confiantes depois que passam por isso. Elas melhoram o relacionamento com as coleguinhas na escola. Então, eu acho que ajuda muito nisso, né? De se relacionar com outras mulheres”.

Biggs relata que, depois que as campistas não podem mais participar do *Camp*, a partir dos 18 anos, é possível observar nas ex-campistas uma mudança de postura. “Tanto que a gente conversa com os pais, com todo mundo, [e percebe] que elas se desenvolvem enquanto cidadãs”.

Sandra Coutinho entende que o projeto tira das crianças sua essência, aquilo que elas já são. Esse processo “é uma arte de você ver na criança o que ela pode dar e encontrar um veículo para colocar para fora o que ela é. Eu acho que essa que é a grande educação, é a afirmação de um ser humano”.

Marita entende que o projeto lança algumas ideias nas campistas, como sementes: “Elas não saem daqui e guardam pra elas isso, sabe? Elas levam para escola, elas levam para a sociedade”. Mariana Souza Aranha compartilha sua percepção de como o projeto carrega em si um poder de transformar a sociedade por meio de uma educação acolhedora:

Eu acredito que o *Camp* trabalha justamente na parte da educação. Na raiz da sociedade, do que vai ser uma sociedade futura. E trabalhar com perspectiva de gênero é a saída mais linda feminista, né? De poder criar, através da inspiração, esse empoderamento. Sem ter que necessariamente estar ali falando. Só de saber que elas veem, se descobrem, que elas têm esse ambiente onde podem se conhecer. (Aranha)

As pessoas envolvidas no voluntariado conseguem perceber como o projeto transcende a semana em que ocorre, afetando não apenas a vida das campistas, mas também

delas próprias. Bruna Vilela, integrante da banda *Miêta*, compartilha essa percepção. “Isso sai, simplesmente, desse espaço que está aqui e alcança outros patamares e realmente traz uma vontade maior. Então, não é algo que fica só aqui”.

As voluntárias Marita e Flávia Aguilera compartilham como suas vidas mudaram depois de participarem do projeto. Marita, após participar do *Camp*, percebeu que precisava trabalhar na área da educação, que queria fazer outras coisas e estudar mais para compartilhar conhecimentos. Por intermédio do acampamento, entendeu a importância das trocas entre as pessoas. Já Aguilera conta que participa do projeto há cinco anos e que mudou muito como pessoa.

Tem gente que tem preconceito, né? [Dizem] “Aí, feministas, feminismo...” Tinha que ser movimento, “é nós”, eu falo, porque é para o bem de todos, de uma sociedade melhor. Não é contra os homens, sabe? É todo mundo construindo um mundo melhor. Sem opressão, sem humilhação ou sem achar que as pessoas não são capazes. (Aguilera)

Após participarem do acampamento, as campistas saem com a percepção de que não existem “coisas para meninos” e “coisas para meninas”. Qualquer pessoa consegue fazer qualquer coisa se tiver oportunidade, vontade e dedicação. Elas podem andar de *skate*, tocar instrumentos, ter noções de defesa pessoal, fazer grafite e o que mais desejarem.

As pessoas do voluntariado também passam por processos de transformação durante a semana em que o projeto acontece. Helena Krausz conta que ficar com as crianças é mágico: “Você não tem nenhum contato com elas antes, daí você chega, você cria um carinho, assim. Elas por você, você por elas e, no final, você chora vendo elas tocarem uma coisa que vocês criaram juntas”.

Gigi Louise descreve que existe um tipo de “depressão pós-*Camp*”, quando o voluntariado retoma suas vidas, com os afazeres do cotidiano. “A gente volta para as nossas realidades, dá uma tristezinha. Assim, a gente pensa, ‘não é nada daquilo. Aquilo é uma fantasia’, [mas] não é. Aquilo existe, isso existe e é isso que a gente está levando para fora de outras formas”.

Flávia Biggs cogitou, em 2013, não continuar o projeto depois de sua primeira edição. Logo após o primeiro acampamento, seu esposo faleceu em decorrência de um câncer. A educadora compartilha que ficou desestruturada e pensou em convidar outras pessoas para continuarem o *Camp*, porém uma conversa com duas mães de campistas a fez mudar de ideia. As duas eram mães solo e acabaram se aproximando por causa das filhas que continuaram com a banda após o acampamento. Essa proximidade fortaleceu as duas famílias. Segundo Biggs, “essas famílias se uniram e aquilo foi foda pra mim, foi importantíssimo. Eu pensei:

‘não, ele ia adorar que eu continuasse fazendo’. Assim como eu acho que eu devo continuar fazendo”.

Helena Krausz entende que o voluntariado tenta passar para as campistas ideias muito importantes, ensinamentos que a maior parte do voluntariado não teve acesso quando era criança e/ou adolescente. Destaca que as mulheres vivem num mundo machista e que o sentido do *Camp* é mostrar que as mulheres podem fazer o que desejam, não aceitando o mundo como ele é.

O documentário apresenta as estruturas do acampamento, desde a sua criação até como as pessoas são afetadas por ele. As imagens mostram pessoas sorridentes, trocas e abertura para o diálogo. O projeto nasceu no Brasil há doze anos e esse tempo foi suficiente para que essas crianças e adolescentes crescessem. Muitas ex-campistas participam hoje do voluntariado do projeto.

Não são apenas as vidas das campistas mudam, as pessoas do voluntariado também encontram uma rede de apoio e acolhimento que é mantida após os acampamentos. Muitas pessoas trocam de profissão, de cidade ou estado, redescobrem paixões antigas e se permitem fazer coisas novas.

5 O CÍRCULO HERMENÊUTICO CONTINUA

A *mimesis* III, ou reconfiguração, é a interpretação que o leitor ou ouvinte realiza de uma narrativa. Esse processo ocorre a partir do repertório, tempo e contexto no qual o leitor/ouvinte está inserido (Ricoeur, 2010a).

A reconfiguração é a terceira fase do círculo hermenêutico. A “mimese III convoca [...] o leitor da narrativa a integrar-se na trama, [...] não de forma passiva, e sim como quem exerce o papel de refiguração, tornando completo o círculo hermenêutico” (Carvalho, 2012, p. 177). Entretanto, esse processo não acaba, pois

se aquilo que se narra é ontologicamente marcado, podemos, portanto, sempre encontrar marcas do social, do cultural, do econômico, enfim, do ambiente mais amplo em que se inscreve cada narrativa posta em circulação. Há nos autores outra coincidência: toda narrativa é reapropriada no ato de leitura, o que torna dinâmica a perspectiva ontológica, pois aquilo que vem configurado em uma determinada narrativa receberá novas configurações a partir da perspectiva de quem lê, propiciando, assim, a criação/recriação da realidade, processo que nunca finda (Carvalho, 2012, p. 171).

Neste capítulo, apresento o repertório acadêmico utilizado para interpretar as narrativas do documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* e a relação do *Girls Rock*

Camp Brasil com a alegria. Como pesquisadora, compreendo que as narrativas mediáticas são processos construídos por intermédio do sensível, do corpo. Elucido, portanto, a base teórica que utilizo em relação a essa questão. Apresento o conceito espinosano de afeto e destaco o afeto “alegria”. Também exponho minha relação e participação no acampamento.

Quanto ao meu processo dentro da *mimesis* I, posso afirmar que estou inserida no mesmo contexto das pessoas que participam do documentário. Sou mulher, vivo na mesma sociedade e tenho experiências sociais parecidas com as pessoas adultas que participam do projeto.

Em relação à *mimesis* II, a narrativa que construo ao interpretar o documentário está relacionada ao meu repertório acadêmico e pessoal, às minhas experiências e afetos. Ricoeur (2010b, p. 103) afirma que “narrar já é ‘refletir sobre’ os acontecimentos narrados”, e minha reflexão é de ordem científica.

Apresento os conceitos utilizados, minha relação como pesquisadora participante com o projeto e minha interpretação dos fenômenos analisados, porém, o círculo hermenêutico só será fechado novamente por quem ler esta pesquisa.

5.1 Narrativas mediáticas

Minha pesquisa aborda de que maneira o projeto *Girls Rock Camp Brasil* cria um lugar que promove a alegria, gerando mudanças individuais e coletivas. Para demonstrar esse fenômeno, utilizo as narrativas apresentadas no documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*, lançado em 2017. A produção, dirigida por Carol Fernandes, apresenta várias entrevistas com as pessoas que participam do projeto.

É possível identificar a alegria por meio da narrativa do documentário? A produção de uma narrativa possui relação com acontecimentos reais ou imaginários. Mesmo que seja uma criação ficcional, a pessoa que narra utiliza seu repertório de vida, experiências e lembranças para compartilhar o que foi apreendido por seu corpo.

Norval Baitello Junior (2014) propaga a ideia de Harry Pross, que afirma que toda comunicação começa e termina no corpo. As narrativas integram a comunicação, e compreendo que estão intrinsecamente relacionadas às experiências absorvidas pelos corpos humanos, pelos sentidos.

A palavra narrativa, originária do latim *narratio* e *narrare*, é a

apresentação de uma sequência de eventos ou fatos, cuja disposição no tempo implica conexão causal. [...]. Narrativa é uma realização mediada da linguagem que propõe comunicação a uma série de acontecimentos a um ou mais interlocutores, de modo a compartilhar experiências e conhecimentos, e alargar o contexto pragmático (Santos; Silva, 2009, p. 356-357).

Do latim *medium*, mediático significa meio. Faço uma distinção entre o mediático e o midiático para pontuar que os aparelhos e artefatos técnicos que possibilitam a comunicação “ampliam o uso de linguagens, possibilitando diversas formas de se narrar [...]” (Santos; Silva, 2009, p. 357), porém compreendo o corpo como o meio entre os fenômenos do mundo e a construção das narrativas. Portanto, adoto o uso da palavra mediática e não midiática, pois a última pode ser mais associada aos aparatos tecnológicos.

Quando lemos nos jornais o uso da palavra *mídia*, encontramos com muita frequência a palavra referindo-se apenas aos meios de comunicação. Mas, se levarmos em consideração o processo comunicativo como tal, haverá nesse uso uma redução significativa [...]. A mídia começa muito antes do jornal, da televisão e do rádio. A primeira mídia, a rigor, é o corpo (Baitello Junior, 2014, p. 44-45, grifo do autor).

Independentemente do aparato tecnológico utilizado para compartilhar as narrativas, um indivíduo é afetado por estímulos externos que podem ser armazenados em sua memória. É por meio do corpo afetado que o ser humano é capaz de compartilhar suas experiências.

As experiências são processos que necessitam da presença dos sentidos do corpo. Ricoeur (2010a, p. 133) afirma que, porque “estamos no mundo e somos afetados por situações, tentamos nos orientar nele pela compreensão e temos algo a dizer, uma experiência para trazer para a linguagem e para compartilhar”.

As narrativas constroem a cultura ao mesmo tempo que são suas produções, pois “materializam singularidades perceptivas acerca dos fenômenos experimentados pelo homem, na relação com o seu meio e com o seu imaginário” (Silva; Santos, 2015, p. 1). Por meio das narrativas, o ser humano é capaz de interpretar, organizar, identificar fatos, produzir sentido e memória, portanto elas são uma maneira de mediar os fenômenos (Silva; Santos, 2015).

Narrar organiza os eventos externos, que pertencem ao mundo ao nosso redor, mas também nos auxilia na organização de nosso mundo interno (Martinez; Heidemann, 2019). “Trata-se de uma mediação da linguagem para comunicar acontecimentos a um ou mais interlocutores, com a função de compartilhar conhecimento, experiências e ampliar o contexto pragmático” (Silva; Santos, 2023, p. 64).

O ato de narrar está diretamente relacionado ao tempo vivido, à memória e às ações dos indivíduos no mundo (Ricoeur, 2010b). A “narrativa se faz possível pela vivência e pelo acúmulo da experiência através do tempo ou através do espaço” (Silva; Santos, 2015, p. 2).

A partir do momento em que um ser vivo se torna capaz de fazer relatos, ele recorre a sua memória explícita, representa a si próprio com imagens e palavras e constrói assim para si um filme que põe em funcionamento sua identidade narrativa. A partir do instante em que edifica um mundo de palavras, ele lhe dá uma coerência, ele o sente, o experimenta, o vê e pode portanto, responder a ele (Cyrulnik, 2009, p. 101).

Para que possamos compartilhar com o outro nossas experiências, é necessário compartilharmos signos e linguagens. Ao nascermos, encontramos as estruturas basilares da sociedade preestabelecidas, portanto, por meio dos processos socializadores, aprendemos as diretrizes da cultura que integramos. É a partir das estruturas aprendidas no seio do nosso nascimento que podemos compartilhar, usando as narrativas, nossas experiências. Podemos encontrar as marcas “do social, do cultural, do econômico, enfim, do ambiente mais amplo em que se inscreve cada narrativa posta em circulação” (Carvalho, 2012, p. 171).

O ser humano consegue narrar uma ação “porque ela já está articulada em signos, regras, normas: está, desde sempre, simbolicamente mediatizada” (Ricoeur 2010a, p. 101). As estruturas sociais e culturais não são imutáveis, assim como as narrativas que as constituem. Assim,

a história de uma vida se constitui por meio de uma série de retificações aplicadas a narrativas prévias, do mesmo modo como a história de um povo, de uma coletividade, de uma instituição, procede da série de correções que cada novo historiador faz nas descrições e explicações de seus predecessores, e, pouco a pouco, nas lendas que precedem esse trabalho propriamente historiográfico (Ricoeur, 2010c, p. 420).

Existe uma “variedade quase infinita de expressões narrativas (orais, escritas, gráficas, gestuais) e de classes narrativas (mito, folclore, fábula, romance, epopeia, tragédia, drama, filme, história em quadrinhos, sem falar da história, da pintura e da conversação)” (Ricoeur, 2010b, p. 52). Portanto, entendo que o ato de narrar não está apenas vinculado ao texto escrito.

Segundo Ricoeur (2010b), narrar é um processo que separa, pois elege e exclui experiências do tempo. O narrador consegue “arrancar o tempo narrado da indiferença por meio da narrativa” (Ricoeur, 2010b, p. 136). O ato de narrar está ligado a uma vivência temporal que, para Ricoeur (2010b, p. 137), “só pode ser visada obliquamente através do arcabouço temporal, como aquilo a que esse arcabouço se ajusta e convém”. Essa vivência

ocorre em um determinado contexto que compõe a narrativa e é compartilhada pelo narrador aos seus leitores ou ouvintes.

Narrar significa reproduzir ações temporais, o que “pressupõe do narrador e de seu auditório uma familiaridade com termos tais como agente, objetivo, meio, circunstância, ajuda, hostilidade, cooperação, conflito, sucesso, fracasso etc.” (Ricoeur, 2010a, p. 98-99).

As narrativas contam com uma relação direta com a percepção do indivíduo sobre o tempo. O tempo é algo do movimento, o antes e o depois no movimento. É, nas palavras de Ricoeur (2010c, p. 21, grifo do autor), “a *sucessão*, que nada mais é que o antes e o depois no tempo, não é uma relação absolutamente primeira; ela procede, por analogia, de uma relação de ordem que é no mundo antes de ser na alma”. Logo,

seja qual for a contribuição do espírito para a apreensão do antes e do depois – [...] o que quer que o espírito construa sobre essa base por sua atividade narrativa –, ele encontra a sucessão das coisas antes de retomá-la nele mesmo; começa por submeter-se a ela e até por sofrê-la antes de construí-la (Ricoeur, 2010c, p. 22).

O processo de apreensão do tempo é possível, pois somos seres dotados de memória e lembranças que podem ser narradas. “A memória, narrativizada, é que permite o ser-no-tempo, na medida em que oferece o retorno ao passado, a perenização do presente e as projeções sobre o futuro” (Silva; Santos, 2023, p. 70).

Ricoeur, em seu livro *A memória, a história, o esquecimento*, defende que a memória possui traços que costumam ser ressaltados em relação ao seu caráter privado:

Primeiro, a memória parece de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas. Não se pode transferir as lembranças de um para a memória do outro. Enquanto minha, a memória é um modelo de minhadade, de possessão privada, para todas as experiências do sujeito. Em seguida, o vínculo original da consciência com o passado parece residir na memória (Ricoeur, 2007, p. 107).

O passado narrado é o passado do indivíduo registrado em sua memória por intermédio de suas experiências; “a memória garante a continuidade temporal da pessoa” (Ricoeur, 2007, p. 107). Enquanto a memória é a capacidade de remontar o tempo, as lembranças são organizadas em níveis de sentido: “É principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e a memória no singular” (Ricoeur, 2007, p. 108).

A lembrança é uma “espécie de imagem e a recordação como uma empreitada de busca coroada ou não pelo reconhecimento” (Ricoeur, 2007, p. 136). A memória é um “caso particular, na medida em que os fenômenos mnemônicos são fenômenos psíquicos entre outros: fala-se deles como afecções e ações” (Ricoeur, 2007, p. 136).

Para que exista memória e lembrança, um indivíduo necessita passar por experiências no mundo. As experiências ocorrem dentro do campo da matéria, envolvem os corpos com seus processos de encontros e desencontros. A própria memória, que faz com que uma pessoa seja ela e não outra, está inserida no corpo. Um indivíduo pode narrar, pois tem a capacidade de imitar ou representar, e “deve-se entender imitação ou representação em seu sentido dinâmico de composição da representação, de transposição em obras representativas” (Ricoeur, 2010a, p. 59).

Ricoeur utiliza a ideia de *mimesis* de Aristóteles para desenvolver o conceito de círculo hermenêutico. Segundo o pensador, a narrativa está inserida em três processos contínuos envolvendo a *mimesis* I, a *mimesis* II e a *mimesis* III. A *mimesis*, para o autor, “não é apenas imitação, ou se o é, a imitação não é meramente assemelhar-se a algo já existente, mas a própria ação de tornar concreta a narrativa” (Carvalho, 2012, p. 175).

A narrativa é uma *mimesis* de ação que não pode existir sem a *mimesis* dos seres que agem. Esses seres são capazes de dizer seus pensamentos, sentimentos e ações (Ricoeur, 2010a). As ações são realizadas por agentes que são responsáveis por seus atos com algum tipo de objetivo. Essas ações sempre ocorrem nas relações, pois, como define Ricoeur, “agir é sempre agir ‘com’ os outros” (2010a, p. 98). Portanto, toda ação é inseparável de quem a sofre ou a realiza.

A *mimesis* I, ou preconfiguração, é constituída pelo aspecto estrutural, simbólico e temporal, representando o mundo social que possibilita a construção das narrativas. É o contexto no qual o indivíduo está inserido. Cada narrador possui sua vivência temporal, que é a matéria prima de suas narrativas. As narrativas são compostas, segundo Ricoeur (2010a, p. 96), pela “intriga que está enraizada numa pré-compreensão do mundo da ação: de suas estruturas inteligíveis, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal”.

Mimesis II, ou figuração, é a narrativa em si, que possui uma posição intermediária entre a *mimesis* I e a III. A partir das experiências no mundo, é possível “tecer a narrativa por meio da organização dos acontecimentos, fornecendo a mediação entre o mundo anterior à narrativa e o que vem depois dela” (Silva; Santos, 2023, p. 70).

A configuração, ou *mimesis* III, “marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor” (Ricoeur, 2010a, p. 123). É na configuração “que ocorre a participação ativa/criativa do leitor, convocado a atuar na narrativa com sua interpretação, seu repertório, sua própria experiência” (Silva; Santos, 2023, p. 72).

Ricoeur entende que a narrativa “sintetiza o mundo prefigurado, oferecendo o papel de mediação, que se completa na leitura, que reconfigura criativamente o narrado e,

consequentemente, a realidade, completando o círculo hermenêutico” (Silva; Santos, 2023, p. 71).

A ideia de *mimesis* I, ou preconfiguração ricoeuriana, comporta o mundo, a sociedade e a cultura em que o indivíduo está inserido. Pelo viés espinosano, o ser humano pode ser afetado pelos encontros que ocorrem com corpos externos por meio das afecções. Spinoza cita de que maneira o contexto cultural no qual um indivíduo está inserido interfere na construção de seus afetos.

Um romano passará imediatamente do pensamento da palavra *pomum* [maçã] para o pensamento de uma fruta, a qual não tem qualquer semelhança com o som assim articulado, nem qualquer coisa de comum com ele a não ser que o corpo desse homem foi, muitas vezes, afetado por essas duas coisas, isto é, esse homem ouviu, muitas vezes a palavra *pomum*, ao mesmo tempo que via essa fruta (Spinoza, 2017, p. 70).

Ricoeur (2010a) entende que a linguagem está inserida dentro de um contexto cultural e social, assim como Spinoza (2017). Os valores morais e as maneiras como os indivíduos experimentam o mundo são construídos por meio das afecções que possuem, a partir dos contextos em que estão inseridos.

Essa ideia também pode ser aplicada na *mimesis* II, ou figuração. A figuração, que é a própria narrativa, é construída a partir de códigos e linguagens compartilhadas entre pessoas de um mesmo contexto social/cultural. Uma narrativa é construída a partir de afecções compartilhadas culturalmente por determinado grupo social.

A configuração, ou *mimesis* III, é a interpretação realizada pelo leitor ou ouvinte de uma determinada narrativa. Só é possível interpretar uma narrativa quando o receptor dispõe de um repertório suficiente para compreendê-la. Por exemplo, uma pessoa que não aprendeu a língua tailandesa não é capaz de ler textos escritos em tailandês, tampouco compreender sua mensagem.

Entendo, a partir do que foi exposto, que as narrativas são construídas e interpretadas a partir dos contextos e encontros que cada indivíduo experimenta durante sua própria existência. Paul Ricoeur (2010b) afirma ser impossível imaginar a existência de uma cultura que não saiba o significado do que seja narrar. Isso ocorre "porque estamos no mundo e somos afetados por situações, tentamos nos orientar nele pela compreensão e temos algo a dizer, uma experiência para trazer para a linguagem e para compartilhar” (2010a, p. 133).

Compreendo que as narrativas mediáticas transmitem os afetos que um indivíduo carrega consigo. Seus afetos surgem por meio de encontros com corpos externos (afecções),

como lugares, pessoas, linguagens, culturas etc. Por meio da interpretação das narrativas é possível identificar, pelo uso de termos e palavras, de que maneira uma pessoa foi afetada.

5.2 A alegria é a prova dos nove

Oswald de Andrade afirmou, em seu *Manifesto Antropófago* (2011), que a alegria é a prova dos nove. Mas o que é alegria?

Pelo viés da neurociência (Damásio, 2004), pode-se afirmar que alegria é um sentimento humano, uma expressão relacionada à mente e ao corpo. Os mistérios que envolvem a capacidade humana de sentir começam a ser desvelados pelo desenvolvimento científico e tecnológico, que possibilita novas descobertas sobre como o cérebro humano produz e processa os sentimentos e as emoções, incluindo a alegria.

Pesquisas científicas, como as do neurocientista António Damásio (2004), recorrem ao conceito de sentimento (afeto) desenvolvido no século XVII pelo filósofo holandês Benedictus de Spinoza (1632-1677).

Na área da Comunicação, há o interesse em desenvolver pesquisas que busquem compreender as possíveis relações entre os processos comunicacionais e os sentidos (*aisthesis*). Pesquisadores como Muniz Sodré (2016) e Ciro Marcondes Filho (2019) adotam os conceitos espinosanos em seus trabalhos. Utilizar os conceitos espinosanos pode auxiliar pesquisas desenvolvidas na área a compreender de que maneira os processos comunicacionais estão relacionados aos processos dos corpos humanos e de suas potencialidades.

Há, sem dúvidas, outros conceitos de afeto por outras perspectivas diferentes de Spinoza, porém, adoto o conceito espinosano por entender que há muito a ser explorado em suas ideias. Os afetos de Spinoza contam com características envolvendo a relação entre corpo e sentimento, que estão começando a ser melhor compreendidas pela ciência (Damásio, 2004).

Colocar ideias em diálogo é um princípio básico da ciência, portanto, abraço o conceito de afeto espinosano e a Filosofia como um caminho interdisciplinar para buscar entender se o projeto *Girls Rock Camp Brasil* é capaz de criar um lugar que promova a alegria, gerando transformações individuais e coletivas.

Entendo que os processos comunicacionais acontecem entre humanos, dotados de corpos que são movidos (ou não) por influências externas e internas. Portanto, utilizo as ideias de Spinoza para buscar compreender o papel dos afetos, mais especificamente a alegria, nos processos que aumentam a potência de agir dos indivíduos.

5.3 Benedictus de Spinoza

Benedictus de Spinoza nasceu em Amsterdã no dia 24 de novembro de 1632 e morreu no dia 21 de fevereiro de 1677, em decorrência de problemas respiratórios. Alguns pesquisadores apontam que a causa de sua morte tenha sido a tuberculose, mas outros afirmam que seu problema respiratório estaria relacionado à profissão de polidor de lentes, que o pensador exerceu durante sua vida (Damásio, 2004).

Antônio Damásio (2004, p. 22) afirma que Spinoza “é um pensador bem mais famoso do que conhecido”. O filósofo causou um escândalo em seu tempo, envolvendo ideias heréticas sobre Deus, e foi expulso do judaísmo: “Suas palavras hereges foram banidas décadas a fio e com raras exceções eram citadas para atacar e não para o defender” (Damásio, 2004, p. 22).

Ao longo do tempo, suas ideias foram utilizadas, mas sem fazer a devida atribuição a seu nome. Damásio (2004) aventa que uma das possíveis explicações para o permanente desconhecimento do filósofo durante um longo período pode ser sua multiplicidade.

Segundo o neurocientista, há ao menos quatro Spinoza:

o acessível, o radical erudito que discorda das igrejas de seu tempo [...]; o arquiteto político, o pensador que descreve as características de um estado democrático ideal [...]; o filósofo que usa fatos científicos, um método de demonstração geométrico e a intuição para formular uma concepção do universo e dos seres humanos [...]; o protobiologista, o pensador da vida escondido por trás de numerosas proposições, axiomas, provas, lemas e escolios (Damásio, 2004, p. 23).

Damásio (2004) considera que as ideias desenvolvidas por Spinoza, utilizando demonstrações geométricas e a intuição para tentar compreender as questões sobre o universo e os sentimentos humanos, criam a versão mais inacessível do filósofo. O neurocientista utiliza os conceitos espinosanos em suas pesquisas científicas e afirma que o filósofo holandês é relevante para desenvolver qualquer discussão que envolva questões como emoções e sentimentos humanos (Damásio, 2004).

Muniz Sodré (2016, p. 23), pesquisador brasileiro da área da Comunicação, defende que Spinoza foi o “primeiro pensador, se não o primeiro ‘antropólogo’, a debruçar-se sobre a função das *imaginationes* (sensações, imagens, devaneios, etc.) na orientação prática do *vulgus* (multidão, massa), em contraste com o esclarecimento racional da consciência”.

As ideias sobre afeto de Spinoza são encontradas em seu livro póstumo, *Ética* (2017). Especificamente nesta obra, o filósofo apresenta e defende seus argumentos sobre a relação existente entre o corpo, a mente humana e os afetos. A obra, dividida em cinco partes,

apresenta de maneira lógica, baseada em geometria, toda a estrutura das ideias do filósofo. Ao abrir o livro pela primeira vez ou acessar seus pensamentos por meio de citações diretas, fica evidenciada a ideia de António Damásio sobre a dificuldade de compreender as reflexões do pensador holandês.

Spinoza apresenta, descreve e desenvolve todo seu sistema filosófico a partir da ideia de Deus (Natureza). Apresenta e explica o que compreende por mente, formula a origem dos afetos e sua relação com o corpo e defende que desenvolver o intelecto usando a razão aproxima o ser humano da liberdade.

Para desenvolver minha pesquisa, considero importante compreender de que maneira o conceito de afeto de Spinoza é utilizado na área da Comunicação. Realizei um levantamento⁴⁴ nos Periódicos CAPES⁴⁵, nos Anais da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)⁴⁶ e nos Anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).⁴⁷

Como resultado geral, encontrei 38 trabalhos que citam o conceito de afeto de forma direta ou indireta. O livro *Ética* é citado em 27 trabalhos, enquanto 11 pesquisas referem-se a outros autores para apresentar as ideias de Spinoza indiretamente.

Considero pequena a quantidade de trabalhos que mencionam as ideias de afeto pela perspectiva espinosana, pois sua obra foi publicada no século XVII. Nos trabalhos, é comum encontrar citações indiretas de Spinoza por meio de Gilles Deleuze, que foi um grande conhecedor das ideias espinosanas. No entanto, há certa confusão nas citações encontradas. Muitas vezes os autores apresentam brevemente o nome de Spinoza e passam a citar diretamente Deleuze, porém, os conceitos deleuzianos são uma conjunção de ideias que o autor desenvolve a partir dos conceitos espinosanos e de outros autores. A confusão entre os conceitos espinosanos e deleuzianos reforça a hipótese de António Damásio (2004) de que Spinoza é um autor famoso, mas não tão conhecido.

Entendo ser basilar apresentar o conceito que permeia toda minha pesquisa, ou seja, a alegria. Entretanto, é preciso apresentar primeiro o conceito de afeto espinosano, que também envolve a tristeza e o desejo (*conatus*).

Ao elucidar as ideias de afeto de Spinoza, tenho consciência de que provavelmente não conseguirei torná-lo tão acessível quanto eu gostaria, pois simplificar o texto do filósofo é bastante desafiador. Não encontrei atalhos para apresentar os conceitos espinosanos, pois seu

⁴⁴ O levantamento completo pode ser encontrado no apêndice desta tese.

⁴⁵ Sem delimitar data.

⁴⁶ De 2000 a 2023 em todos os Grupos de Pesquisa.

⁴⁷ De 2001 a 2023 em todos os Grupos de Pesquisa.

texto é elaborado com axiomas, proposições, demonstrações, corolários e escólios, estrutura utilizada pela geometria e pela matemática.

Minha proposta é utilizar diretamente o livro *Ética*, de Spinoza, para apresentar suas ideias sobre os afetos. Poderia ter utilizado textos de outros pesquisadores, entretanto, como pontuei anteriormente, nem sempre fica claro a quem pertencem os conceitos apresentados. Após pouco mais de seis anos estudando sua obra e outros trabalhos que utilizam e explicam seus conceitos, considero que citar diretamente seu texto é o melhor caminho, porém não o mais fácil.

Entendo que a Ciência deve utilizar uma linguagem acessível sempre que possível, para que as pesquisas possam ser compreendidas por pessoas que não sejam acadêmicas. Entretanto, também entendo que ela é uma área iniciática, com uma linguagem própria e que, às vezes, não é possível simplificá-la completamente. Para compreender o que Spinoza entende como afeto alegria, portanto, é necessário apresentar os demais conceitos que envolvem a existência dos afetos.

5.4 Os afetos para Spinoza

Podemos encontrar a palavra afeto em diversas narrativas de nosso cotidiano. Frases como “o mundo precisa de mais afeto” são muitas vezes atribuídas aos comportamentos humanos que apresentam uma carência de afeições como carinho e amor.

Benedictus de Spinoza, filósofo do século XVII, apresenta uma interpretação um pouco distinta do que significa afeto. Além de considerar os afetos um aspecto central da humanidade (Damásio, 2004), o autor defende a existência de três afetos primários que dão origem aos demais. São eles: a alegria, a tristeza e o desejo (*conatus*). Tais afetos originam todos os outros e, quando ocorrem, desencadeiam um processo nos indivíduos que pode aumentar ou diminuir sua própria potência de agir, tanto do corpo quanto da mente.

Aumentar ou diminuir a potência dos indivíduos relaciona-se aos processos afetivos que nos aproximam ou afastam de Deus (Natureza). Para Spinoza (2017), Deus (Natureza) é a maior perfeição de todas, indivisível, eterno, a substância que dá origem a tudo que existe, pois tudo que existe são atributos de Deus (Natureza), seus modos e sua extensão.

Os afetos proporcionam uma aproximação ou um afastamento da perfeição maior que é Deus (Natureza). Segundo Spinoza, Deus “é um ente absolutamente infinito, do qual nenhum atributo que exprima a essência de uma substância pode ser negado” (Spinoza, 2017, p. 22). Isso significa que, para o filósofo, Deus é a essência de tudo que existe, o único que

não está submetido a nenhuma lei, sendo a perfeição maior. Quanto mais uma pessoa é composta por afetos que aumentem sua potência de agir, mais próxima está de Deus.

A proposta do filósofo é que os indivíduos compreendam racionalmente quais são os afetos que os compõem e quais os decompõem para assim identificar, dentro do possível, quais afetos aumentam ou diminuem sua potência de agir. Os afetos que aumentam essa ação aproximam a pessoa da perfeição maior que é Deus, por outro lado, os afetos que a diminuem a afastam dessa perfeição.

Os processos afetivos são possíveis pela relação entre a mente e o corpo. O corpo, para Spinoza, é “um modo de pensar que exprime, de uma maneira definida e determinada, a essência de Deus, enquanto considerada como coisa extensa” (Spinoza, 2017, p. 51).

Tudo que existe é uma extensão ou modo de Deus⁴⁸ (Natureza). Deus não é fragmentado ou decomposto, não foi criado e nem segue leis, pois sempre existiu. O ser humano, quando composto por outros modos da natureza, por intermédio de encontros que promovem a alegria, alcança maior proximidade com a perfeição, pois sua potência de existir e agir é aumentada.

Spinoza defende a existência de dois tipos de natureza: a naturante e a naturada. Deus é a natureza naturante, pois existe em si e por si é concebido, exprime uma essência eterna e infinita, é uma causa livre (Spinoza, 2017). Em contrapartida, “tudo o que se segue da necessidade da natureza de Deus, ou seja, de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, enquanto considerados coisas que existem em Deus, e que, sem Deus, não podem existir nem ser concebidas” (Spinoza, 2017, p. 35), faz parte da natureza naturada.

A natureza naturada são as extensões de Deus, as quais carregam em si seus atributos, pois são constituídos da sua essência. Entretanto, não podem ser completamente livres, já que são criações regidas pelas leis da natureza. Os seres humanos são extensões de Deus e podem, por meio da razão, compreender o que os aproxima ou afasta da perfeição maior da natureza naturante (Deus). Ao ter consciência dos afetos que aumentam ou diminuem sua potência de agir, o indivíduo passa a agir de maneira mais livre e, portanto, torna-se mais completo.

Quando Spinoza utiliza o conceito de corpo, não faz referência apenas ao corpo humano. O filósofo compreende que tudo que existe são modos de Deus (Natureza). Assim, “tudo que existe, existe em Deus” (Spinoza, 2017, p. 35). O corpo é o objeto da mente humana, a mente e o corpo estão unidos. O filósofo define que “temos as ideias das afecções

⁴⁸ O Deus de Spinoza não é o Deus judeu ou cristão. Para o filósofo, Deus é equivalente à Natureza. Por defender esse princípio, o pensador foi perseguido e expulso do judaísmo.

do corpo. Logo, o objeto da ideia que constitui a mente humana é o corpo, e o corpo (pela prop. 11)⁴⁹ existente em ato” (Spinoza, 2017, p. 61).

As ideias das afecções do corpo humano envolvem tanto a natureza dos corpos exteriores quanto a do próprio corpo humano (pela prop. 16); e devem envolver não apenas a natureza do corpo humano, mas também a de suas partes, pois as afecções são modos (pelo post. 3) pelos quais são afetadas as partes do corpo humano e, como consequência, o corpo inteiro (Spinoza, 2017, p. 74).

Um indivíduo só pode compreender a existência das afecções por meio do processo que envolve o corpo e a ideia que possui desse processo. O corpo humano é um modo de Deus (Natureza), porém também é composto por outros corpos. Por exemplo, um corpo humano possui braços que são modos do corpo, os braços possuem mãos que são os modos dos braços e assim sucessivamente.

É a mente que produz o conceito de ideia e isso ocorre porque a mente é uma coisa pensante. As ideias ou imagens surgem a partir do momento em que as afecções encontram os corpos. As afecções podem ser compreendidas como estímulos externos, que ocorrem quando um corpo encontra outro corpo.

O corpo humano, com efeito (pelos post. 3 e 6), é afetado, de muitas maneiras, pelos corpos exteriores, e, está arranjado de modo tal que afeta os corpos exteriores de muitas maneiras. Ora, tudo que acontece no corpo humano (pela prop. 12) deve ser percebido pela mente. Portanto, a mente humana é capaz de perceber muitas coisas e é tanto mais capaz quanto, etc. C. Q. D. (Spinoza, 2017, p. 66).

Os encontros com corpos exteriores também podem compor o corpo humano, “a mente humana percebe, juntamente com a natureza de seu corpo, a natureza de muitos outros corpos” (Spinoza, 2017, p. 67). Assim, os encontros com corpos externos podem compor ou decompor o corpo de um indivíduo, dependendo do afeto gerado.

O corpo está diretamente ligado à produção dos afetos, pois é ele que é afetado de muitas maneiras. A ideia é o primeiro e mais importante modo de pensar do ser humano, pois é ela que constitui o ser da mente humana (Spinoza, 2017).

⁴⁹ Spinoza usa axiomas, proposições, demonstrações, escólios e corolários para desenvolver sua obra, pois busca uma aproximação com os teoremas matemáticos para desenvolver e defender suas ideias. Em todo o texto, ele retoma argumentos defendidos anteriormente em outros capítulos; para isso, indica em que lugar eles estão. Axioma é um princípio feito por meio de uma afirmação que serve como base para desenvolver um conhecimento; proposição é uma sentença declarativa que pode ser positiva ou negativa; demonstração é um argumento que estabelece a veracidade de uma proposição; escólio é uma referência a um problema resolvido ou a um teorema demonstrado; corolário é uma afirmação deduzida de uma verdade já demonstrada.

Os modos de pensar tais como o amor, o desejo, ou qualquer outro que se designa pelo nome de afeto ânimo, não pode existir se não existir, no mesmo indivíduo, a ideia de coisa amada, desejada etc. Uma ideia, em troca, pode existir ainda que não exista qualquer outro modo de pensar (Spinoza, 2017, p. 52).

A ideia só existe a partir de coisas existentes, de “uma coisa singular em ato” (Spinoza, 2017, p. 60).

A essência do homem (pelo corol. da prop. prec.) é constituída por modos definidos dos atributos de Deus, e certamente (pelo ax. 2), por modos do pensar, dentre todos os quais (pelo ex. 3), a ideia é, por natureza, o primeiro. E existindo a ideia, os outros modos (aqueles, obviamente, em relação aos quais a ideia é, por natureza, o primeiro) devem existir no mesmo indivíduo (pelo ax. 3). É, assim, uma ideia que, primeiramente, constitui o ser da mente humana. Mas não a ideia de uma coisa inexistente, pois, então (pelo corol. da prop. 8), não se poderia dizer que a própria ideia existe (Spinoza, 2017, p. 59-60).

O pensador afirma que “não sentimos e nem percebemos nenhuma outra coisa singular além dos corpos e dos modos do pensar” (Spinoza, 2017, p. 52). Portanto, os afetos possuem relação direta entre o que ocorre em nosso corpo e as ideias que possuímos dessas afecções ou encontros com corpos externos. Entretanto, “as ideias que temos dos corpos exteriores indicam mais o estado de nosso corpo do que a natureza dos corpos exteriores” (Spinoza, 2017, p. 67).

Uma música pode deixar uma pessoa alegre ou triste. Se a música em questão estiver relacionada a uma memória alegre, o indivíduo sentirá alegria; se estiver relacionada a uma memória triste, sentirá tristeza. Esse exemplo demonstra o que Spinoza quer dizer quando afirma que as ideias que temos das coisas exteriores estão relacionadas ao estado de nossos próprios corpos.

Para Spinoza (2017), a maneira como uma pessoa é afetada e como ela reage está relacionada à ideia ou imagem que possui sobre as afecções (estímulos gerados por corpos externos) que a afetaram. A mesma música pode gerar afetos diferentes em pessoas diferentes, pois não depende apenas da música, depende da ideia que ela gerou em cada indivíduo, anteriormente.

Spinoza (2017) esclarece que a imagem é um conceito do pensamento (uma ação da mente) e não uma imagem que surge no fundo dos nossos olhos ou cérebro de maneira passiva em relação a um objeto. Os afetos ocorrem por meio de ideias e imagens. “As imagens das coisas são afecções do corpo humano, cujas ideias representam corpos exteriores

como presentes a nós (pelo esc. da prop. 17 da P. 2), isto é (pela prop. 16 da P. 2), cujas ideias envolvem a natureza de nosso corpo e, ao mesmo tempo, a natureza presente de um corpo exterior” (Spinoza, 2017, p. 116).

Inicialmente, os termos afeto e afecção podem parecer iguais, mas, apesar de possuírem uma relação próxima, são distintos. Afetos são “as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (Spinoza, 2017, p. 98). O pensador francês Gilles Deleuze (2002) explica que a afecção (*affectio*) está diretamente relacionada ao corpo, já o afeto (*affectus*) ao espírito (mente) (Deleuze, 2002):

Mas a verdadeira diferença não está aí. Ela existe entre a afecção do corpo e sua ideia que envolve a natureza do corpo exterior, por uma parte, e, por outro lado, o afeto que implica tanto para o corpo como para o espírito um aumento ou uma diminuição da potência de agir. A *affectio* remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o *affectus* remete à transição de um estado a outro, tendo em conta a variação correlativa dos corpos afetantes (Deleuze, 2002, p. 56).

A partir da explicação de Deleuze, podemos interpretar que a afecção é o ato do encontro entre o corpo de um indivíduo e o(s) corpo(s) externo(s), o que promove na mente a ideia desse evento, como um registro. O afeto que esse encontro gera, por exemplo, alegria ou tristeza, aumenta ou diminui a potência de ação do indivíduo afetado. Spinoza compreende que as afecções e os afetos são processos contínuos que ocorrem de maneiras distintas em cada pessoa.

O corpo humano só pode ser afetado se o encontro com algum corpo exterior ocorrer. Se não acontecer a afecção, não haverá a ideia na mente, pois ela é incapaz de perceber a existência de outro corpo sem esse processo. A mente humana só é capaz de conhecer a existência dos corpos externos através das afecções, portanto “a mente é tanto mais capaz de considerar este ou aquele objeto, quanto mais o corpo é capaz de ser estimulado pela imagem deste ou aquele objeto” (Spinoza, 2017, p. 101).

A afecção é a presença de estímulos provocados por outros corpos que são percebidos pelo corpo de uma pessoa. Suponhamos que uma pessoa esteja distraída em uma loja e não presta atenção na música que está sendo tocada nos alto-falantes. Se ela não ouve a música, não há encontro e, portanto, não há afecção. Assim, um afeto ocorre apenas quando há uma relação entre os corpos, por meio da afecção. Sem o encontro entre um indivíduo e um corpo externo, não há afeto.

Um indivíduo é antes de mais nada uma essência singular, isto é, um grau de potência. A essa essência corresponde uma relação característica; a esse grau de potência corresponde certo poder de ser afetado. Essa relação, finalmente, subsume partes, esse poder de ser afetado é necessariamente preenchido por afecções (Deleuze, 2002, p. 33).

Existem duas espécies de afecções que ocorrem nos seres humanos. As ações, que “se explicam pela natureza do indivíduo afetado e derivam de sua essência” (Deleuze, 2002, p. 33), e as afecções paixões, “que se explicam por outra coisa que vem do exterior” (Deleuze, 2002, p. 33).

É verdade que nossas partes extensivas e nossas afecções exteriores, na medida em que efetuam uma de nossas relações, pertencem à nossa essência. Mas não “constituem” nem essa relação nem essa essência. Mais que isso, há duas maneiras de *pertencer à essência*. “A afecção essência” deve-se compreender primeiro de maneira apenas objetiva: a afecção não *depende* de nossa essência, mas de causas externas agindo na existência. Na verdade, essas afecções ora inibem ou comprometem a efetuação de nossas relações (tristeza como diminuição de potência de agir), ora a confortam e reforçam (alegria como aumento). E é nesse último caso apenas que a afecção externa ou “passiva” desdobra-se numa afecção ativa, que depende formalmente da nossa potência de agir e é interior à nossa essência, constitutiva de nossa essência: a alegria ativa, autoafecção da essência pela essência, de tal modo que o genitivo torna-se agora autônomo e causal (Deleuze, 2002, p. 49, grifo do autor).

A essência humana está diretamente ligada à ideia da perfeição maior, que é Deus (Natureza). Compreender de maneira consciente quais afecções podem gerar afetos que aumentam a potência de agir é, sobretudo, compreender quais afetos compõem e aproximam mais os indivíduos de Deus (Natureza). Ações e paixões distinguem-se da seguinte forma: “As ações da mente provêm exclusivamente das ideias adequadas, enquanto as paixões dependem exclusivamente das ideias inadequadas” (Spinoza, 2017, p. 104).

O ser humano é a causa adequada de alguma afecção quando busca conscientemente os encontros que promovem a alegria. Quando esse processo ocorre, o afeto é uma ação. Entretanto, uma pessoa é uma causa inadequada quando não possui consciência do que gera seus afetos; esse processo gera um afeto decorrente de uma paixão. A ideia adequada ocorre quando a mente, “por meio das ideias de afecções do corpo, está necessariamente consciente de si mesma” (Spinoza, 2017, p. 106).

O indivíduo que possui consciência sobre quais afecções geram os afetos que o compõem ou decompõem passa a buscar encontros (afecções) que podem aumentar sua potência de agir, pois, segundo Spinoza, todo ser busca perseverar a sua existência (*conatus*).

As ideias das afecções são imagens que ocorrem na mente: “chamaremos de imagens das coisas as afecções do corpo humano, cujas ideias nos representam os corpos exteriores como estando presentes, embora elas não restituam as figuras das coisas” (Spinoza, 2017, p. 68). Quando a mente gera imagens das afecções sofridas pelo corpo, ela imagina. Se um corpo humano “foi uma vez afetado, simultaneamente, por dois ou mais corpos, sempre que mais tarde, a mente imaginar um desses corpos, imediatamente se recordará também dos outros” (Spinoza, 2017, p. 69).

O pensador defende que o ser humano não pode fazer nada sem que tenha antes uma lembrança prévia. “Por exemplo, não podemos falar nenhuma palavra sem que tenhamos dela uma lembrança” (Spinoza, 2017, p. 103). Assim, os afetos nascem do processo que envolve as afecções, que geram imagens das coisas e podem ser imaginadas pela mente. Esse processo das afecções e dos afetos acontece na memória, compreendida por Spinoza da seguinte forma:

[A memória] não é, com efeito, senão uma certa concatenação de ideias, as quais envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano, e que se faz, na mente, segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano. [...] *Uma concatenação de ideias, as quais envolvem a natureza das coisas exteriores ao corpo humano, e não que é uma concatenação de ideias, as quais explicam a natureza dessas coisas* (Spinoza, 2017, p. 69, grifo do autor).

Dispor de ideias ou imagens é ter um registro na mente, uma memória. Quanto mais um ser humano é afetado pelos corpos exteriores por meio da afecção ação, mais consegue compreender seus próprios afetos.

As imagens das coisas, as afecções do corpo e a maneira como o ser humano é afetado são responsáveis pela inclinação que um indivíduo possui para agir de uma maneira ou de outra. Assim, é possível compreender que “a ordem das ações e das paixões em nosso corpo é simultânea, em natureza, à ordem das ações e das paixões da mente” (Spinoza, 2017, p. 100).

Uma pessoa age a partir de seus afetos, seja de maneira consciente ou não. Se a causa externa de seu afeto surgir a partir de uma afecção paixão, seu agir também seguirá o viés da paixão. Por exemplo, se uma pessoa ouve uma música e sente vontade de fazer exercícios físicos, sem possuir a consciência de que o desejo surgiu por causa da influência da música, ela está sendo guiada pela paixão. Se um indivíduo que está com preguiça de fazer exercícios físicos ouvir propositalmente uma música para sentir ânimo, ele está praticando o que Spinoza denomina como afecção ação.

Enquanto um ser humano é “afetado pela imagem de uma coisa, ele a considerará como presente” (Spinoza, 2017, p. 111); o corpo humano não precisa necessariamente

encontrar novamente o objeto que o afetou, basta que ele tenha uma imagem sua. Logo, “à medida que assim imaginamos, afirmamos a sua existência, isto é, o corpo não é afetado de nenhum afeto que exclua a sua existência” (Spinoza, 2017, p. 112).

Se um indivíduo está caminhando na rua e sente o perfume de alguém que despreza, imediatamente será afetado pela imagem do desprezo que sente por aquela pessoa. Assim, mesmo que a pessoa não esteja presente, a afecção (o perfume) traz imediatamente ao presente o afeto contido em sua memória. Entretanto, para que exista memória, é necessário que o afeto já tenha ocorrido anteriormente.

Spinoza (2017, p. 113) cita alguns outros exemplos: “[quem] imagina que aquilo que ama é afetado de alegria ou de tristeza será igualmente afetado de alegria ou de tristeza”, ou “se imaginarmos que alguém afeta de alegria a coisa que amamos, seremos afetados de amor para com ela”. O inverso também ocorre, ao imaginar que alguém possa causar tristeza à coisa ou à pessoa amada, um indivíduo será afetado por ódio ou raiva em relação a quem causou tal tristeza.

Outro exemplo: se “imaginamos que alguém afeta de alegria uma coisa que odiamos, seremos igualmente afetados de ódio para com ele. Se, contrariamente, imaginamos que afeta de tristeza, seremos afetados de amor para com ele” (Spinoza, 2017, p. 115).

Ainda que as imagens citadas por Spinoza sejam os conceitos das coisas, e não imagens como quadros, o pensador defende que as palavras escritas e faladas podem gerar afetos. “A partir de signos; por exemplo, por ter ouvido ou lido certas palavras, nós nos recordamos das coisas e delas formamos ideias semelhantes àquelas por meio das quais imaginamos as coisas” (Spinoza, 2017, p. 81).

Os afetos são processos individuais que ocorrem de maneira distinta em pessoas diferentes e, até mesmo, na mesma pessoa.

O corpo humano (pelo post. 1 da P. 2) é composto de um grande número de indivíduos de natureza diferente e pode, portanto (pelo ax. 1 que segue o lema 3, na sequência da prop. 13 da P. 2), ser afetado de muitas e diferentes maneiras por um só e mesmo corpo e, inversamente, uma vez que uma e mesma coisa pode ser afetada de muitas maneiras, poderá igualmente afetar de muitas e diferentes maneiras uma só parte do corpo. Por isso tudo, podemos facilmente conceber que um só e mesmo objeto pode ser a causa de muitos e diferentes afetos (Spinoza, 2017, p. 111).

A ideia de um indivíduo sobre suas afecções é diferente da concebida por outros indivíduos, a depender de como seu corpo foi habituado a criar as imagens das coisas. Spinoza (2017) cita como exemplo a maneira como um soldado e um agricultor criam

imagens diferentes ao encontrarem rastros de um cavalo na areia. O soldado migra da imagem do cavalo para a imagem de um cavaleiro, da guerra, entre outros elementos bélicos, enquanto o agricultor passará da ideia de cavalo para um arado, o campo etc.

Seguindo essa linha de raciocínio de Spinoza, é possível acrescentar que os contextos sociais e culturais nos quais os indivíduos estão inseridos podem interferir na forma como seus corpos criam as imagens, pois os juízos de valor são construídos coletivamente. Desse modo, um mesmo fenômeno pode gerar tristeza para uma cultura e alegria para outra. Spinoza (2017, p. 70) afirma que “cada um, dependendo como se habituou a unir e concatenar as imagens das coisas, passará de um certo pensamento a este ou àquele outro”. Assim, podemos compreender que as imagens e os pensamentos das coisas estão relacionados às experiências particulares dos indivíduos, gerando afetos distintos em cada um.

Segundo Spinoza, as afecções podem gerar afetos a partir de paixões ou ações; entretanto, para ele, existem três afetos primários que geram todos os demais. Os três afetos primários são a alegria, a tristeza e o desejo (*conatus*). O filósofo defende que qualquer corpo externo pode gerar os afetos. O encontro com outro corpo implica a possibilidade de alterar “a potência de agir de nosso corpo, a ideia dessa coisa aumenta ou diminui, estimula ou refreia a potência de pensar de nossa mente” (Spinoza, 2017, p. 106).

Um indivíduo, ao encontrar outro corpo – ou, nos termos espinosanos, quando um modo encontra outro –, “pode ocorrer que esse modo seja ‘bom’ para ele, isto é, se componha com ele, ou ao inverso, seja ‘mau’ para ele e o decomponha” (Deleuze, 2002, p. 56). Quando o encontro é bom, gera a alegria, que é a passagem do ser humano “de uma perfeição menor para uma maior” (Spinoza, 2017, p. 141).

Quando a alegria ocorre, a potência do modo (corpo externo) que a gerou é somada ao próprio indivíduo afetado, compondo seu ser e aumentando sua potência de agir. Se o encontro for mau, gera tristeza no indivíduo, decompondo seu ser e fazendo com que sua potência de agir seja refreada e diminuída.

O desejo (*conatus*) são “todos os esforços, todos os impulsos, apetites e volições do homem, que variam de acordo com o seu variável estado e que, não raramente, são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não sabe para onde se dirigir” (Spinoza, 2017, p. 141). O desejo é o que mantém a própria vida humana, é o que guia e direciona toda a sua existência.

Spinoza afirma que o desejo “é a própria natureza ou essência de cada um” (Spinoza, 2017, p. 137), ou seja, é algo particular de cada indivíduo. O desejo ou apetite está relacionado ao esforço de cada pessoa para perseverar sua mente e seu corpo. Assim, o desejo

da alegria é mais forte que o desejo da tristeza, pois a alegria, ao aumentar a potência de agir, aumenta a preservação do ser, uma vez que este passa a ser composto por outros corpos, aproximando-o mais da perfeição maior de Deus. O filósofo considera quem se esforça para conservar seu ser como alguém mais dotado de virtude, enquanto quem descuida da conservação da própria existência é considerado impotente.

É por meio das ideias das afecções do corpo que a mente possui consciência de si mesma e de seu esforço para perseverar seu ser. Quando o esforço ocorre na mente, ele é chamado de vontade; quando ocorre à mente e ao corpo, chama-se apetite (Spinoza, 2017). O filósofo define que “o desejo é o apetite juntamente com a consciência que dele se tem” (Spinoza, 2017, p. 106).

Essa ideia espinosana compreende que “não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apetecemos, que a desejamos, mas ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apetecê-la, por desejá-la, que a julgamos boa” (Spinoza, 2017, p. 106).

Não é possível afirmar, portanto, que os afetos possuam um padrão em todos os indivíduos. Uma mesma afecção pode gerar afetos diferentes em indivíduos distintos e até no mesmo indivíduo, a depender de quando ocorre.

Os afetos espinosanos são de ordem subjetiva, pois “nenhuma coisa pode ser boa ou má, a não ser que tenha algo em comum conosco” (Spinoza, 2017, p. 173). O que é comum para um, pode não ser para o outro. “As decisões da mente nada mais são do que os próprios apetites: elas variam, portanto, de acordo com a variável disposição do corpo. Assim, cada um regula tudo de acordo com seu afeto” (Spinoza, 2017, p. 103).

É possível dizer que os processos culturais também influenciam as diferentes imagens que criamos em nossa mente, pois a alegria e a tristeza não contam com um sentido universal e atemporal. Um encontro que representa a alegria, que aumenta a potência de agir dos indivíduos em uma cultura, pode significar a tristeza e diminuir a potência de agir em outra, e vice-versa.

Para Spinoza, qualquer coisa pode, por acidente, gerar os três afetos principais. Imagens de afetos passados ou futuros afetam um indivíduo no presente, pois quando ele é “afetado pela imagem de uma coisa, ele a considerará como presente, mesmo que ele não exista” (Spinoza, 2017, p. 111).

O afeto de uma pessoa só pode ser anulado ou refreado por outro contrário e mais forte, ou seja, um “afeto, enquanto está referido à mente, não pode ser refreado e nem anulado senão pela ideia de uma afecção do corpo contrária àquela da qual padecemos e mais forte

que ela” (Spinoza, 2017, p. 163). Assim, amor pode virar ódio, e ódio, amor. Por isso, para Spinoza, os afetos são processuais, são passagens de um modo de perfeição menor para um modo de perfeição maior e vice-versa.

Apesar de considerar a alegria, a tristeza e o desejo (*conatus*) os principais afetos existentes que geram os demais, Spinoza cita uma série de afetos deles decorrentes. Na terceira parte de sua obra *Ética* (2017), o filósofo descreve alguns exemplos de afetos que são desdobramentos dos afetos primários. Segundo o pensador,

- Da alegria surge o amor, a adoração, a atração, o escárnio, a esperança, a segurança, o gáudio, o reconhecimento, a consideração, a misericórdia, a satisfação consigo mesmo e a glória;
- Da tristeza surge o desprezo, o ódio, a aversão, o medo, a decepção, a comiseração, a indignação, a inveja, a humildade, o arrependimento, a soberba, o rebaixamento e a vergonha;
- Do desejo (*conatus*) surge a saudade, a emulação, o agradecimento, a benevolência, a ira, a vingança, a crueldade, o temor, a audácia, a covardia, o pavor, a cortesia, a ambição, a avareza e a luxúria.

Para Spinoza, as pessoas não são totalmente livres, pois são comandadas por leis naturais das quais não podem fugir. O ser humano está determinado a agir guiado por seus afetos, não há como fugir, porém, conforme possui consciência sobre quais encontros aumentam ou diminuem sua potência de agir, pode buscar de maneira consciente os encontros que o compõem e o aproximam da perfeição maior que é Deus (Natureza). Tudo que existe são modos ou extensões de Deus, e quanto maior a quantidade de partes unidas, mais próxima da perfeição uma pessoa chega. A composição com outros modos (corpos) aumenta a potência de agir, pois aproxima o ser da perfeição maior.

Segundo a ideia espinosana, o ser humano deve buscar conscientemente, por meio dos afetos ações, os encontros que aumentam sua potência de agir. Entretanto, não é possível controlar todos os encontros. O filósofo chama de paixões os afetos que ocorrem sem o conhecimento dos indivíduos, esses afetos jogam as pessoas para um lado e outro, conforme ocorrem.

Mesmo que uma pessoa não possua consciência do que a afeta, ela buscará perseverar em seu ser por meio de encontros que aumentem sua potência de agir. A vida acontece e não é possível controlar todos os seus fatores, porém, para Spinoza, ao conhecer o que gera o afeto

por meio da razão, é possível promover encontros de forma consciente para aumentar a potência de agir e existir no mundo.

Uma pessoa que sente alegria fazendo mal⁵⁰ aos outros é realmente alegre? Segundo Spinoza, não. O afeto que impulsiona ações que prejudicam outras pessoas nasce do afeto paixão, tristeza. A tristeza é uma paixão, pois todo ser consciente busca perseverar, aumentando sua potência de existir por meio da alegria, ou seja, nenhuma pessoa conscientemente procura a tristeza e a diminuição da potência de seu ser. Desejar fazer mal a alguém é um ato que nasce da tristeza, portanto, o indivíduo não pode sentir alegria. A alegria sempre compõe e aumenta a potência, enquanto a tristeza decompõe e diminui a potência.

Minha pesquisa aborda a importância da existência de lugares que aumentam a potência de agir dos indivíduos por meio da alegria. Portanto, no próximo capítulo, abordo o conceito de alegria espinosano com o suporte de pesquisas desenvolvidas pela neurociência.

5.5 A alegria como potência de agir

Spinoza defendeu que há três afetos primários dos quais surgem os demais. O desejo (*conatus*) está relacionado a perseverar o próprio ser; a tristeza acontece quando há a passagem de uma perfeição maior (alegria) para uma perfeição menor, diminuindo a potência de agir do afetado; a alegria é a passagem de uma perfeição menor (tristeza) para uma perfeição maior, aumentando a potência de agir do ser.

Minha pesquisa está relacionada ao fato da alegria ser capaz de promover transformações individuais e coletivas, enquanto um afeto que aumenta a potência de agir. Portanto, faz-se necessário apresentar seu conceito. Contudo, antes de entrar especificamente no conceito de alegria espinosano, penso ser relevante pontuar algumas constatações da Neurociência sobre as ideias de afeto. Entendo que utilizar conceitos do século XVII pode causar alguns questionamentos, entretanto, pesquisas científicas estão constatando que as ideias de Spinoza aparentam ser verossímeis.

O neuropsiquiatra Boris Cyrulnik e o neurocientista António Damásio desenvolvem pesquisas sobre a influência dos sentimentos e emoções nos seres humanos. Cyrulnik (2009) afirma que as informações sensoriais com as quais crianças entram em contato moldam uma parte de seus cérebros e estabelecem novos circuitos. Por meio da interação entre indivíduo e ambiente, os afetos moldam o agir. Isso ocorre devido à conexão entre o corpo e a mente: “a

⁵⁰ Spinoza desenvolve os conceitos de bem e mal, assim como bom e mau, na parte IV do livro *Ética*.

mente existe para o corpo, está empenhada em contar a história daquilo que se passa no corpo, e utiliza essa história para melhorar a vida do organismo” (Damásio, 2004, p. 219).

Damásio entende que as imagens que os indivíduos têm em suas mentes “são resultados de interações entre cada um de nós e os objetos que rodeiam nosso organismo, interações essas que são mapeadas em padrões neurais e construídas de acordo com as capacidades do organismo” (2004, p. 211). Portanto, assim como Spinoza defende que os indivíduos agem conforme os encontros que vivenciam com os corpos externos (afecções), gerando ideias e/ou imagens em suas mentes, fazendo-os aumentar ou diminuir sua potência de agir, a Neurociência afirma algo semelhante. Pesquisas demonstram “que as imagens que fluem na mente são o reflexo da interação entre o organismo e o ambiente, o reflexo de como as reações cerebrais ao ambiente afetam o corpo, o reflexo também de como as correções da fisiologia do corpo estão acontecendo” (Damásio, 2004, p. 218).

Há outras aproximações entre os conceitos espinosanos e as descobertas científicas. Spinoza defende que, se alguém imagina que um ser amado sofre, automaticamente será afetado por um tipo de tristeza. Segundo as pesquisas realizadas, a dor é um tipo de sofrimento, seja a

dor percebida ou imaginada, quer ela passe pelas vias neuroquímicas ou pela percepção de uma palavra, é a mesma zona cerebral que, alertada, provoca uma emoção sentida no corpo. O mero fato de imaginar em nosso mundo psíquico o sofrimento de alguém que amamos provoca em nós um mal-estar biológico. Quando aquela que eu amo sofre, não sofro como ela, mas não consigo ficar feliz (Cyrulnik, 2009, p. 132).

Spinoza diz algo similar, pois afirma que quem “afeta de alegria ou tristeza a coisa que amamos, afeta-nos igualmente de alegria ou de tristeza” (Spinoza, 2017, p. 114). A alegria está diretamente associada à ideia de bem e bom, pois aumenta a potência de uma pessoa, enquanto a tristeza tem relação direta com a ideia de mal e mau, por diminuí-la.

Segundo o filósofo do século XVII, a alegria gera uma excitação ou contentamento no indivíduo. Assim, o bem é “todo gênero de alegria e tudo o que a ela conduz” (Spinoza, 2017, p. 124). Conforme o pensamento espinosano, a mente humana sempre se esforça para imaginar as coisas que aumentam a potência e o agir do corpo, ou seja, imaginar aquilo que ama. Os indivíduos não buscam o que diminui sua potência de existir de maneira consciente.

A essência humana é perseverar seu ser, o que ocorre quando nos afastamos da tristeza e nos aproximamos da alegria. Assim, a ideia espinosana é que “esforçamo-nos por fazer com que se realize tudo aquilo que imaginamos levar à alegria; esforçamo-nos, por outro lado, por

afastar ou destruir tudo aquilo que a isso se opõe, ou seja, tudo aquilo que imaginamos levar à tristeza” (Spinoza, 2017, p. 117).

Se a mente se esforça para aumentar sua potência, como podem existir pessoas que desenvolvem comportamentos prejudiciais a si mesmas, como vícios? Nenhuma pessoa guiada pela razão, segundo Spinoza, busca conscientemente por afetos que diminuem sua potência. Por isso há a distinção entre os afetos que são paixões e os afetos que são ações. A tristeza e os demais afetos que dela surgem sempre são paixões, pois ocorrem fortuitamente, sem a consciência de quem é afetado. “Um afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão assim que formamos dele uma ideia clara e distinta” (Spinoza, 2017, p. 216).

A alegria também é considerada uma paixão quando ocorre de maneira fortuita, porém, mesmo sem o indivíduo afetado possuir consciência do processo que aumentou sua potência, seu agir no mundo é estimulado. Spinoza compreende que, quanto mais uma pessoa entende de que maneira seus afetos aumentam e/ou diminuem sua potência de agir, mais pode buscar pela alegria e evitar a tristeza. O próprio processo de ter consciência de seus próprios afetos e de que maneira eles ocorrem gera a alegria, assim, “quando a mente concebe a si própria e à sua potência de agir, ela se alegra” (Spinoza, 2017, p. 138).

Quanto mais consciente de seus afetos um indivíduo se torna, mais busca regular seus afetos e apetites, aproximando-se mais da liberdade. Desse modo,

quem tenta regular seus afetos e apetites exclusivamente por amor à liberdade, se esforçará, tanto quanto puder, por conhecer as virtudes e as suas causas, e por encher o ânimo do gáudio que nasce do verdadeiro conhecimento delas e não, absolutamente, por considerar os defeitos dos homens, nem por humilhá-los, nem por se alegrar com a falsa aparência da liberdade (Spinoza, 2017, p. 222).

Em *Ética*, o pensador apresenta uma série de afetos que nascem da alegria, sendo o amor um deles. O amor é um afeto que nasce da alegria “acompanhada da ideia de causa exterior” (Spinoza, 2017, p. 108). O filósofo entende que “aquele que ama esforça-se, necessariamente, por ter presente e conservar a coisa que ama” (Spinoza, 2017, p. 108-109).

O ser humano também será afetado pela alegria ao considerar que seus atos geram a alegria em outros indivíduos. “Se alguém fez algo que imagina afetar os demais de alegria, ele próprio será afetado de alegria, que virá acompanhada da ideia de si próprio como causa, ou seja, considerará a si próprio com alegria” (Spinoza, 2017, p. 118).

Na terceira parte de *Ética*, Spinoza cita uma lista de afetos que surgem dos três primários (desejo, alegria e tristeza). Entendo ser importante apresentar a seguir os afetos que

surgem da alegria, pois utilizo esses conceitos para interpretar as narrativas apresentadas no documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*.

- A alegria acompanhada de uma causa externa é o *amor*;
- “A *atração* é uma alegria da ideia de uma coisa, que por acidente, é causa da alegria” (Spinoza, 2017, p. 143, grifo nosso);
- O amor por quem admiramos é a *adoração*;
- *Esperança*, segundo Spinoza, é uma alegria instável, pois está relacionada à dúvida;
- “A *segurança* é uma alegria surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, da qual foi afastada toda a dúvida” (Spinoza, 2017, p. 144, grifo nosso);
- “O *gáudio* é uma alegria acompanhada da ideia de uma coisa passada que se realizou contrariamente ao esperado” (Spinoza, 2017, p. 144, grifo nosso);
- Do amor por uma pessoa que faz o bem à outra nasce o *reconhecimento*;
- Ter uma opinião sobre alguém acima da justa gera a *consideração*;
- “A *misericórdia* é o amor à medida que o homem é afetado de tal maneira que se enche de gáudio com o bem de um outro e, contrariamente, se entristece com o mal de um outro” (Spinoza, 2017, p. 145, grifo nosso);
- Quando um indivíduo considera a si próprio e sua potência de agir, nasce dele uma *satisfação consigo mesmo*;
- A *glória* é uma alegria acompanhada da ideia de que uma ação será elogiada pelos outros.

Independentemente da forma de alegria pela qual a pessoa é afetada, haverá um esforço de sua parte para manter o que gerou em si a potência de agir. Assim, “uma vez que a alegria (pelo mesmo esc. da prop. 11) aumenta ou estimula a potência de agir do homem, facilmente se demonstra [...], que o homem afetado de alegria nada mais deseja do que conservá-la, com um desejo tanto maior, quanto maior for a alegria” (Spinoza, 2017, p. 123).

A ideia de Spinoza sobre um indivíduo buscar o que aumenta sua potência e evitar o que a diminui é observada também pela Neurociência. Segundo Damásio, “de um modo geral, a memória de uma situação sentida faz com que, conscientemente ou não, evitemos acontecimentos associados com sentimentos negativos e procuremos situações que possam causar sentimentos positivos” (2004, p. 191).

Espinosa tinha razão quando dizia que a alegria e as suas variantes levam a uma maior perfeição funcional. Conhecimentos científicos correntes, no que diz respeito à alegria, apoiam a noção de que ela deve ser procurada ativamente porque contribui para a saúde, enquanto o pesar e os afetos que com eles se relacionam devem ser evitados por serem insalubres (Damásio, 2004, p. 298).

Portanto, resultados científicos da Neurociência demonstram que as ideias espinosanas sobre a alegria e aumentar o desejo do indivíduo de perseverar o próprio ser estão corretas. Um ser afetado pela alegria deseja propagá-la para que outros indivíduos também possam aumentar sua potência de agir no mundo. Partindo do princípio espinosano de que os afetos ocorrem a partir dos encontros com os corpos externos (afecções), é possível deduzir que existem lugares, pessoas e situações mais propícias para gerar a alegria.

5.6 Pesquisadora participante

Para realizar esta pesquisa, adotei como método a pesquisa participante, que permite ao pesquisador interagir como membro do grupo. “Além de observar, ele se envolve, assume algum papel no grupo” (Peruzzo, 2005, p. 137).

Ricoeur afirma que o “narrador associa-se aos acontecimentos, quer esteja engajado neles (primeira pessoa), quer seja apenas a sua testemunha (narrativa em terceira pessoa)” (Ricoeur, 2010b). Minha intenção ao compartilhar minha experiência no acampamento é apresentar um dos contextos para a produção desta pesquisa.

Minha relação com o *Girls Rock Camp Brasil* é anterior à realização desta pesquisa. Entretanto, a partir do momento em que ingressei no doutorado, em 2021, minha participação no projeto não estava desvinculada ao meu interesse enquanto pesquisadora.

Minha irmã, Verônica Heidemann, participou como campista da primeira edição do *Ladies Rock Camp Brasil*,⁵¹ em 2016. Assim como ocorre com a versão voltada para crianças, a versão para pessoas adultas é encerrada com um show aberto ao público. Ir ao show para ver minha irmã tocar foi meu primeiro contato com o projeto.

A versão realizada para pessoas adultas acontece em julho, enquanto a versão voltada para crianças e adolescentes acontece em janeiro. Eu e minha irmã sempre trabalhamos juntas, seja com educação ou trabalhos voluntários. Ela insistiu para eu me inscrever como voluntária no *Girls Rock Camp Brasil* de janeiro de 2017.

Não tenho nenhum tipo de formação musical, não sei tocar nenhum instrumento e não tinha nenhuma proximidade com o *punk* ou com o *Riot Grrrl*, mas me inscrevi mesmo

⁵¹ Atual *Liberta Rock Camp*.

assim. Entre as opções que não envolviam conhecimento musical, selecionei a função “empresária de banda”. Como já explicado, a pessoa que exerce essa função acompanha as integrantes da banda durante a semana inteira e é responsável por fazer com que as campistas sigam a programação, cumprindo os horários e deslocando-se para os lugares onde ocorrerão as atividades.

Durante os dois dias de treinamento, percebi que aquele lugar proporcionava um tipo de segurança que nunca havia experimentado anteriormente. Estar cercada por mulheres e dissidentes, realizando todos os tipos de atividades que envolvem organizar o acampamento, carregar e transportar equipamentos e, ainda, participar e presenciar diálogos horizontais me surpreendeu positivamente.

Todas as bandas formadas pelas campistas ficam sob a responsabilidade de duas pessoas. Além da empresária, há a produtora, pessoa que auxilia as campistas com a parte musical. A formação da dupla acontece de maneira espontânea durante uma dinâmica no treinamento do voluntariado. A pessoa que formou dupla comigo foi a Erica Matsuda⁵², música e artista que saiu de Londrina-PR para ser voluntária do projeto em Sorocaba-SP. Nossa banda tinha cinco integrantes com idades mistas, a mais velha com 15 anos, e a mais nova com 7 anos. *Sexta Harmonia* foi o nome que elas escolheram para a banda.

Acompanhar as meninas, ver todas as atividades planejadas para o seu acolhimento e acompanhar suas mudanças durante o acampamento foi muito potente. Saí transformada depois de participar do projeto. O acampamento não muda apenas a vida das campistas, há também transformações em quem faz parte do voluntariado. Fiquei impressionada ao ver tantas pessoas com estilos e posturas diferentes trocando conhecimentos e experiências de maneira horizontal. A sensação que senti foi que era possível colocar o feminismo em prática e que as transformações são possíveis.

No mesmo ano, desempenhei a mesma função no *Ladies Rock Camp*, em julho. O impacto de estar entre mulheres e corpos dissidentes, realizando trocas em um ambiente acolhedor e seguro, foi ainda mais intenso, pois ressoou com minhas experiências como mulher. Entre as campistas adultas, os medos, inseguranças, traumas etc. são mais evidentes e mais fortes, por serem pessoas criadas a partir de preceitos sociais que reforçam ideias sobre quais eram os papéis que as mulheres deveriam exercer. Papéis muitas vezes associados ao cuidar da família e do lar, sempre sob a tutela de um homem.

Desde então, participei do projeto em outras funções. Já atuei na produção geral, na cozinha – organizando a alimentação das crianças e adolescentes –, como auxiliar na oficina

⁵² Ela continua participando do voluntariado e é uma amiga querida.

de defesa pessoal, na manutenção do espaço, no Espaço Criança⁵³, como *roadie*, ajudei a reformar o prédio que seria a sede do *Instituto Cultural Girls Rock Camp Brasil* e, em 2023 e 2024, como fotógrafa da equipe de registro. Transitar por diferentes funções me proporcionou ver e participar de vários processos do acampamento. Desde 2017 percebo os processos observados, mas foi após meu contato com o conceito de afeto espinosano que comecei a cogitar desenvolver uma pesquisa envolvendo esses temas.

Observei que outras pessoas passaram por transformações similares às minhas, e que o projeto é capaz de modificar a vida de quem participa. Muitas pessoas acabam mudando de cidade ou estado após participar do *Camp*. Pessoas do voluntariado também acabam mudando de profissão, ingressando na área da música ou resgatando sonhos do passado. Quem participa do projeto acaba se aproximando e criando uma rede de acolhimento e apoio que perdura para além da semana do acampamento.

Comecei a relacionar todos esses fenômenos com a questão do afeto de Spinoza e com a ideia de narrativa de Ricoeur. Então, em 2021, ingressei no doutorado, no programa de Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, com o intuito de pesquisar os fenômenos envolvendo o *Girls Rock Camp Brasil* e os afetos espinosanos.

A partir de 2023, com minha participação na equipe de registro dos acampamentos, foi possível acessar lugares e processos que até então não conhecia. A função do registro é estar em todas as atividades que acontecem no projeto, desde o primeiro até o último dia. Isso possibilita observar de que maneira as pessoas vão se transformando durante a semana.

Como ocorre com um(a) profissional de fotografia de outros tipos de eventos, apesar da minha presença, não interferia diretamente nas atividades. Portanto, consegui observar o envolvimento do voluntariado e das campistas por outra perspectiva. Ao mesmo tempo em que estava “dentro”, eu estava “fora”.

Uma das funções do registro é tirar a foto do crachá das campistas e do voluntariado. Fui responsável por essa tarefa em 2023 e 2024. Muitas vezes, pessoas do voluntariado e campistas chegam inseguras, com baixa autoestima e meio desconfiadas. Entretanto, as fotografias ao longo da semana mostram que as pessoas mudam no decorrer da semana. Os sorrisos passam a ser mais recorrentes, as pessoas se aproximam, há cooperação, elas começam a expressar com mais facilidade e segurança o que sentem e passam a acolher umas às outras.

⁵³ Na versão para pessoas adultas, muitas vezes as mães não têm com quem deixar seus filhos. O projeto dispõe de pessoas do voluntariado para ficar com essas crianças no mesmo local onde o projeto acontece, para que as mães possam participar das atividades.

As afecções pelas quais passei nesses anos como voluntária no projeto, juntamente com o conhecimento teórico sobre narrativas mediáticas e afeto, me levaram a realizar esta pesquisa. A partir do conceito de afeto de Spinoza (2017), pontuo que as afecções ou encontros com os outros corpos do projeto me afetaram positivamente. Há entre o voluntariado uma brincadeira: costumamos dizer que, após participar do acampamento – o qual chamamos de “bolha do amor” –, passamos a “espalhar a palavra do *Camp*”.

Muitas pessoas do voluntariado retornam nas edições seguintes. Campistas do *Liberta Rock Camp* muitas vezes se inscrevem no voluntariado do *Girls Rock Camp Brasil*. Há também quem seja voluntária no *Girls* e se inscreva como campista no *Liberta*. Atualmente, após 12 anos desenvolvendo o projeto para crianças e adolescentes, ex-campistas estão retornando como voluntárias ou participando como campistas na versão voltada para pessoas adultas.

Utilizo a narrativa do documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* para buscar demonstrar que o projeto *Girls Rock Camp Brasil* cria um lugar que promove a alegria e aumenta a potência de agir das pessoas envolvidas. O documentário apresenta resultados similares ao que pode ser observado nos relatos do voluntariado, das campistas e das famílias das campistas nas redes sociais, em conversas ou até mesmo em entrevistas concedidas para a imprensa.

Outra opção para realizar minha pesquisa seria trabalhar com um *corpus* de entrevistas feitas com o voluntariado e/ou campistas, porém, a partir da minha experiência, entendo que o resultado seria similar ao no documentário. Além disso, as pesquisas realizadas por Flávia Lucchesi de Carvalho Leite (2015), Gabriela Cleveston Gelain (2017), Amanda Lourenço Jacometi (2023) e Adrienne Pinheiro Reyes (2023), que apresentam em seus trabalhos relatos semelhantes sobre o projeto, corroboram com essa percepção.

Assim, compreendo que minha experiência como pesquisadora participante, associada ao meu repertório teórico, juntamente com o que é apresentado no documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*, é capaz de demonstrar que o *Girls Rock Camp Brasil* cria um lugar que gera a alegria, promovendo mudanças individuais e sociais.

5.7 O *Girls Rock Camp Brasil* cria um lugar que promove a alegria?

Os encontros com corpos externos compõem o corpo de um indivíduo pelas afecções ou estímulos quando aqueles geram afetos de alegria, aumentando a potência de agir de quem é afetado (Spinoza, 2017).

Conforme visto anteriormente, as narrativas são capazes de transmitir as experiências e os sentimentos dos indivíduos afetados pelo encontro com corpos exteriores. Damásio afirma que “se os sentimentos podem refletir o estado da vida dentro de cada ser humano, podem também refletir o estado da vida de um grupo de seres humanos, pequeno ou grande” (Damásio, 2004, p. 177-178).

Os sentimentos podem, para Damásio, ser a fonte da criação de ambientes físicos e culturais. Assim, os “sentimentos, especialmente a alegria e a mágoa, podem também inspirar a criação de um ambiente físico e cultural que promova a redução da dor e defenda o aumento do bem-estar” (Damásio, 2004, p. 178).

Entendo que analisar e interpretar as narrativas de *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* permite a identificação dos sentimentos (afetos) das pessoas entrevistadas. Seguindo a lista elaborada por Spinoza em seu livro *Ética* (2017), no primeiro momento procuro identificar quais afetos podem ser observados na fala das pessoas entrevistadas. A partir dos afetos – que são desdobramentos do desejo, conforme o pensamento de Spinoza – é possível identificar na narrativa do documentário a saudade, a emulação, o agradecimento, a benevolência e a cortesia.

Para Spinoza (2017, p. 148), a saudade “é o desejo, ou seja, o apetite por desfrutar de uma coisa, intensificado pela recordação desta coisa e, ao mesmo tempo, refreado pela recordação de outras coisas, as quais excluem a existência da coisa apetecida”. Este afeto pode ser observado nas falas do voluntariado, quando o assunto perpassa pelo início de suas experiências com a música, a criação de suas primeiras bandas e como foi o início do projeto.

A emulação é “o desejo e uma coisa que se produz em nós por imaginarmos que outros têm o mesmo desejo” (Spinoza, 2017, p. 149). Esse afeto aparece nas falas do voluntariado e da mãe das campistas, que narram como o encontro com pessoas com ideais em comum é capaz de transformá-las.

O agradecimento “é o desejo ou empenho de amor pelo qual nos esforçamos por fazer bem a quem, com igual afeto de amor, nos faz bem” (Spinoza, 2017, p. 149). Esse afeto pode ser observado na fala de Biggs ao compartilhar sua experiência em Portland, assim como surge na fala de algumas voluntárias ao se referirem ao *Girls Rock Camp Brasil*.

A benevolência “é o desejo de fazer bem àquele por quem temos comiseração” (Spinoza, 2017, p. 149). As pessoas que integram o voluntariado demonstram que estão dispostas a oferecer oportunidades para as novas gerações de mulheres e dissidências, pois buscam romper com os preconceitos sociais ainda existentes.

Em relação aos afetos que surgem da alegria, identifiquei nas entrevistas o amor, a atração, a adoração, a esperança, a segurança, o gáudio, o reconhecimento, a misericórdia e a satisfação.

Amor, para Spinoza (2017, p. 142), possui uma causa exterior. O amor observado no documentário está relacionado à música, às lutas pelas causas sociais e ao próprio projeto, que possui uma potência visível de transformar a sociedade. Além disso, pode também ser observado nos vínculos entre as pessoas que participam do projeto.

A atração “é uma alegria acompanhada da ideia de uma coisa que, por acidente, é causa da alegria” (Spinoza, 2017, p. 143). A atração surge nas narrativas tanto do voluntariado quanto das campistas; no voluntariado, pela surpresa positiva em conhecer o projeto e perceber seu poder; e, nas campistas, por terem acesso a experiências novas.

A adoração que, para Spinoza (2017, p. 143), “é o amor por aquele a quem admiramos”, aparece no documentário relacionada ao próprio projeto e à rede de pessoas que surge entre as participantes.

O afeto esperança “é uma alegria instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida” (Spinoza, 2017, p. 143). A mudança social, perante um mundo ainda cheio de preconceitos, surge em forma de esperança nas falas do voluntariado e da mãe das campistas.

O conceito de segurança é, para Spinoza (2017, p. 144), “uma alegria surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, da qual foi afastada toda causa de dúvida”. Esse afeto aparece em muitas falas, pois as pessoas relatam como o *Camp* gera uma sensação de segurança e acolhimento.

Spinoza (2017, p. 144) entende que o gáudio “é uma alegria acompanhada da ideia de uma coisa passada que se realizou contrariamente ao esperado”. Esse afeto surge principalmente nas falas das pessoas adultas, que destacam mudanças na sociedade em relação ao passado. O gáudio também aparece na fala da participante tímida no começo da semana, mas que ficou cada vez mais confortável com o espaço e as colegas.

Para o filósofo holandês, o reconhecimento “é o amor por alguém que fez bem a um outro” (Spinoza, 2017, p. 145). A presença do reconhecimento é percebida em grande parte das falas do voluntariado e da mãe das campistas. Há reconhecimento perante a importância das pessoas envolvidas com o projeto e a própria existência do *Camp*.

A misericórdia “é o amor à medida que o homem é afetado de tal maneira que se enche de gáudio com o bem de um outro e, contrariamente, se entristece com o mal de um outro” (Spinoza, 2017, p. 145). A presença desse afeto aparece nas falas da mãe das campistas

e do voluntariado sobre a chance das novas gerações de meninas de participar de um projeto assim, oportunidade que as gerações anteriores não tiveram.

A satisfação “é uma alegria que surge porque o homem considera a si próprio e a sua potência de agir” (Spinoza, 2017, p. 146). Fica evidenciado que as pessoas envolvidas no projeto percebem suas potências e como elas podem ser desenvolvidas durante e após o acampamento. Ademais, percebem também o importante papel exercido na vida das outras pessoas do voluntariado e das campistas.

Em relação aos afetos decorrentes da tristeza, é possível identificar a decepção e a comiseração nas falas do voluntariado e da mãe das campistas. Segundo Spinoza (Spinoza, 2017, p. 144), a decepção “é uma tristeza acompanhada da ideia de uma coisa passada que se realizou contrariamente ao esperado”. A decepção surge nas falas das pessoas adultas sobre as diferenças de tratamento e oportunidades entre as mulheres e os homens, mesmo no século XXI. Já a comiseração “é uma tristeza acompanhada da ideia de um mal que atingiu um outro que imaginamos ser nosso semelhante” (Spinoza, 2017, p. 145) e surge no mesmo contexto da decepção.

Segundo Spinoza (2017), os afetos são responsáveis por aumentar ou diminuir a potência de uma pessoa de agir no mundo. As pessoas que integram a equipe do voluntariado compartilham de uma tristeza em comum: estar inseridas em uma sociedade que oprime suas existências, impondo o que elas podem ou não podem fazer.

Os afetos de alegria podem ser observados nas diversas falas das pessoas entrevistadas. Flávia Biggs relata de que maneira o projeto *Rock’n’Roll Camp For Girls* de Portland modificou sua percepção ao descobrir um lugar capaz de aproximar a militância feminista, a justiça social, a música e o *punk*, assuntos caros a ela.

O impacto de conhecer o projeto nos Estados Unidos foi tão grande que Biggs voltou ao Brasil com a ideia de desenvolver um projeto parecido. Ao desejar que outras pessoas tivessem a mesma experiência, a socióloga demonstra que a afirmação de Spinoza (2017) de que uma pessoa afetada pela alegria deseja conservá-la pode ser considerada verdadeira. É possível afirmar que a vontade de criar um projeto análogo no Brasil está relacionada ao fato da educadora ter sido afetada por encontros que aumentaram sua potência de agir.

Pessoas que são voluntárias do projeto em Sorocaba passam por processos parecidos com o de Biggs. Desde 2013, projetos análogos têm sido desenvolvidos nas regiões em que participantes do *Girls Rock Camp Brasil* vivem.

A relação da guitarrista com a música está atrelada à sua adolescência. Ao compartilhar que ganhou a primeira guitarra de presente de aniversário, aos 13 anos, podemos

observar que sua relação com a música também está ligada à irmã, que sugeriu que a mãe desse a ela o instrumento de presente, e à própria mãe, que acatou a sugestão.

A afirmação de que a guitarra ainda está em sua posse, sendo usada pelas campistas do projeto, revela a importância que ganhar o instrumento teve em sua vida. Ao disponibilizar seu presente para as crianças e adolescentes, Biggs está praticando a ideia espinosana de que uma pessoa afetada pela alegria deseja que outros indivíduos sintam o mesmo.

Quem participa do acampamento identifica o “potencial do projeto de movimentar centenas de voluntárias e campistas, além de causar comoção e interesse popular, gerando inúmeros compartilhamentos e comentários nas redes sociais, notas na imprensa e rápido esgotamento das vagas disponíveis” (Reys, 2023, p. 16).

O projeto é construído, desde o treinamento do voluntariado, para promover um ambiente acolhedor, de escuta e protagonismo. “Através do empoderamento e da escuta amorosa, o GRCBR oferece um modelo inspirador de transformação pessoal e social, capacitando as futuras gerações a serem agentes ativos na construção de um mundo mais justo e igualitário” (Jacometi, 2023, p. 104).

A abordagem do GRCBR, alinhada ao conceito de autonomia, permite que as participantes exerçam seu poder de escolha, incentivando decisões sobre suas vidas, suas expressões e seus caminhos futuros. Ao priorizar a valorização da individualidade, a expressão autêntica e a colaboração, o *Girls Rock Camp Brasil* evidencia a importância crucial de espaços seguros e estimulantes na promoção do empoderamento (Jacometi, 2023, p. 104).

A segurança pode ser facilmente associada à alegria, pois o medo, sendo um afeto que nasce da tristeza, baixa a potência de agir dos indivíduos. Tanto Biggs quanto Crestani reforçam no documentário a importância de espaços exclusivos para meninas. O voluntariado busca proporcionar às campistas o que não tiveram quando tinham a idade delas.

O objetivo do acampamento é construir um ambiente onde as pessoas são “encorajadas a explorar e fazer música, a desenvolver habilidades criativas, expor suas ideias de uma forma segura e a se conectar umas com as outras” (Jacometi, 2023, p. 12-13).

Todo o treinamento do acampamento acontece a partir do diálogo. Durante dois dias, a coordenação do projeto explica como o *Camp* funciona, qual é seu propósito e dá abertura ao voluntariado para manifestar suas dúvidas de maneira livre. O acordo de convivência para a semana também é elaborado coletivamente, promovendo o diálogo entre as participantes.

Cyrulnik (2009, p. 153) afirma que “as pessoas se apegam melhor àqueles que enfrentam o mesmo inimigo que elas”. No caso das pessoas que participam do projeto, o

inimigo é a diferença de tratamento e de oportunidades que a sociedade dá às mulheres e dissidências. No documentário, várias pessoas entrevistadas que têm uma relação direta com a música relatam a forma com que são tratadas. Funções que exigem conhecimentos mais técnicos, como *roadies*, ainda são preenchidas predominantemente pelos homens.

No decorrer do *Camp*, o voluntariado com experiência na parte técnica compartilha o que sabe com as pessoas inscritas na mesma função. Assim, forma-se uma rede de incentivo que continua após a semana do acampamento.

As pessoas que participam do projeto (voluntariado e campistas) são convidadas a desenvolver suas potencialidades. Como aponta Sandra Coutinho no documentário, o projeto tira das pessoas o que elas já são, mas é possível acrescentar que o projeto também tira aquilo que elas gostariam de ser. O documentário apresenta a ideia de que, no acampamento, tanto as campistas quanto as voluntárias podem ser quem desejam ser, sem medo de sofrer os mesmos tipos de julgamento que sofrem na sociedade.

Entre o voluntariado, há um cuidado para evitar expressões e comportamentos que reforcem estereótipos propagados pela sociedade e baixam a potência das campistas. Cyrulnik (2009, p. 138) afirma que “a maneira de dizer molda como o outro sente o mundo que lhe é apresentado. E, se por sorte acreditarmos num mesmo relato, ele plantará em nós uma sensação de mesma família, vamos nos sentir ‘irmãos’, nos entender e nos amar”.

O poder de uma representação sobre nosso corpo é tão grande que a expectativa de uma dor já é um sofrimento, e que a presença de um alívio nos acalma imediatamente. Portanto, a palavra que possibilita o remanejamento das emoções pode ser tanto uma bênção como uma maldição. Uma frase nos encanta, outra nos tortura. As narrativas culturais em que estamos imersos podem nos euforizar quando a realidade está destituída de esperança, assim como podem nos abater numa situação sossegada (Cyrulnik, 2009, p. 133).

Como já relatei, é comum ouvir o voluntariado dizer que sente uma “depressão pós-*Camp*” após a semana do evento. Esse sentimento acontece porque o voluntariado volta a viver na sociedade que, muitas vezes, é opressora. No momento de apresentação inicial de cada uma durante o treinamento, algumas pessoas compartilham que desejam participar do projeto para alimentar a esperança e armazenar energia.

O *Girls Rock Camp Brasil* cria propositalmente um ambiente acolhedor e seguro que promove a alegria, capaz de aumentar a potência de agir dos indivíduos. Biggs e Saltara compartilham que familiares das campistas comentam que as crianças e adolescentes melhoram suas relações familiares e escolares após participarem do projeto.

Biggs também compartilha como consegue acompanhar algumas ex-campistas e vê-las reproduzir o que aprenderam no acampamento. É comum ex-campistas esperarem completar 21 anos para retornarem como voluntárias do projeto, proporcionando a outras crianças e adolescentes experiências parecidas com às que elas próprias vivenciaram.

Como Gigi Luise afirma no documentário, as transformações que ocorrem durante o acampamento são levadas para outras instâncias da sociedade, não apenas pelas campistas, mas também pelo voluntariado.

Algumas pessoas entrevistadas destacam que a presença de pessoas com padrões diferentes do que é considerado “norma” pela sociedade por si só já demonstra às campistas que existe diversidade e que as pessoas devem ser respeitadas.

Marcondes Filho (2008, p. 17) afirma que “a nossa presença no mundo é uma contínua emissão de sinais”. Os sinais não deixam de ser afecções que, ao afetar uma pessoa, podem mudar a maneira como ela compreende o mundo ao seu redor.

As narrativas mediáticas abrangem outras manifestações além da escrita e da fala. “O corpo é linguagem e, ao mesmo tempo, produtor de inúmeras linguagens com as quais o ser humano se aproxima de outros seres humanos, se vincula a eles, cultiva vínculo, mantém relações e parcerias” (Baitello Junior, 2014, p. 84).

A distribuição de símbolos e imagens, seja ela feita pelos códigos da visualidade, seja por outros códigos, cria grandes complexos de vínculos comunicativos – grupos, tribos, seitas, crenças, sociedades, culturas – e, com isso, cria realidades que não apenas podem interferir na vida das pessoas como de fato determinam seus destinos, moldam sua percepção, impõem-lhes restrições, definem recortes e janelas para o seu mundo (Baitello Junior, 2014, p. 59).

Mesmo que as campistas sejam crianças e adolescentes, muitas compartilham que voltam a participar do *Camp* por considerá-lo um lugar legal, divertido, que incentiva a amizade entre as meninas e proporciona práticas muitas vezes associadas aos meninos. Como comenta a voluntária Helena Krausz, elas voltam porque se sentem bem e querem estar lá. A alegria também é considerada uma paixão quando ocorre de maneira fortuita, mesmo sem o indivíduo afetado ter consciência do processo que aumentou sua potência, seu agir no mundo é estimulado. Spinoza (2017) afirma que um indivíduo sempre procura aquilo que lhe faz bem; mesmo que sejam crianças e adolescentes, as campistas são capazes de compreender quando estão se divertindo e se sentindo bem.

Lugares capazes de gerar a alegria são fundamentais para aumentar a potência de agir das pessoas. *O Girls Rock Camp Brasil* pode ser compreendido como uma espécie de Zona

Autônoma Temporária (TAZ). Segundo Hakim Bey (2018), uma TAZ é um lugar de levante e insurreição, criado por um bando constituído por um grupo de pessoas que possuem afinidades.

As atividades do *Girls Rock Camp Brasil* costumam acontecer em escolas estaduais na cidade de Sorocaba, São Paulo. O projeto ocupa o espaço cedido pelo Estado por aproximadamente oito dias. Como os acampamentos não possuem um espaço fixo, podem acontecer em lugares diferentes a cada edição. Esse processo pode ser associado à TAZ, pois, segundo Bey, ela é uma espécie de rebelião que “se dissolve para se refazer em outro lugar em outro momento, antes que o Estado possa esmagá-la” (Bey, 2018, p.4).

Conforme aponta Damásio (2004, p. 298), “os componentes de cooperação humana ativam os sistemas cerebrais de prazer e da recompensa”. Durante o desenvolvimento do acampamento, todas as conquistas são comemoradas coletivamente. Uma das cenas iniciais de *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* mostra uma campista criança dizendo que gostou de tocar guitarra, porque achou legal. As outras campistas e pessoas do voluntariado aplaudem e dão gritos de incentivo. Essa cena representa bem o que ocorre durante o projeto todo.

No *showcase* vê-se uma comoção generalizada, que é estendida às famílias das campistas. Toda banda que sobe ao palco é ovacionada por todos os presentes. Campistas que estavam tímidas e inseguras no primeiro dia sobem ao palco sorridentes e confiantes.

Enquanto um projeto que se dedica ao empoderamento feminista que usa a prática musical como meio, para o GRCB são as vivências coletivas, as conversas, as danças e gritos de guerra, a troca de cordas arrebitadas de uma guitarra numa quarta à tarde, uma garrafa de água que a menina de sete anos consegue abrir sozinha, as refeições, a resolução de conflitos, os abraços e as crises de riso ou de choro que estabelecem uma das fontes de potência da atividade (Reyes, 2023, p. 42).

O *Camp* é constituído por um grupo de pessoas que deixam seus afazeres, casas e trabalhos durante uma semana para compartilhar com crianças e adolescentes seus conhecimentos e suas experiências. Como visto no documentário, as pessoas do voluntariado desejam que as novas gerações de mulheres e dissidências tenham mais oportunidades e possibilidades na sociedade do que elas tiveram quando crianças e/ou adolescentes.

O *Girls Rock Camp Brasil* cria um lugar que promove a alegria? SIM!

As transformações das campistas e das pessoas do voluntariado são visíveis. Os afetos que aumentam a potência de agir possuem grande capacidade de gerar mais afetos positivos. Lugares que promovem a alegria como ferramenta de transformação individual e coletiva são necessários, sobretudo nas sociedades onde a tristeza é propagada pelo preconceito, ignorância e violência.

6 CONSIDERAÇÕES

Paul Ricoeur (2010a, p. 129) afirma que “contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas”. Talvez também seja possível afirmar que contamos histórias para expressar nossos afetos, criando novas afecções que podem afetar outras pessoas num processo infinito de afetações.

Os nossos afetos são responsáveis pela maneira como agimos e vivemos no mundo, conforme apontado por Spinoza no século XVII, mas também por pesquisas mais recentes da Neurociência. Não há como controlar todos os encontros que geram os afetos, mas é possível buscar de maneira consciente afecções que sejam capazes de aumentar a potência de existir e agir.

Esta pesquisa buscou compreender se o projeto social *Girls Rock Camp Brasil* cria um lugar capaz de gerar alegria e promover mudanças individuais e sociais. O projeto social criado em 2013 atende crianças e adolescentes e utiliza a música e outras atividades para desenvolver o empoderamento feminista.

Escolhi não discutir as questões relacionadas ao feminismo e às lutas das mulheres e dissidências historicamente, por entender que o foco da pesquisa não é esse. Penso que apenas pessoas completamente alienadas não percebem as diferenças sociais que ainda existem em relação às mulheres e às pessoas dissidentes na sociedade atual.

Foi a alegria de participar do projeto e de encontrar respostas na filosofia espinosana que deu origem a esta pesquisa. Como pesquisadora participante, foram muitos os momentos que me afetaram e aumentaram minha potência, como voluntária do *Girls Rock Camp Brasil* e do *Liberta Rock Camp*. Tomo a liberdade de compartilhar uma situação que me afetou profundamente.

Uma ex-campista do *Girls* participou como campista do *Liberta*. Eu já estava atuando como fotógrafa e, durante uma oficina que fotografava, houve uma dinâmica na qual as campistas ficaram emocionalmente expostas. A campista que havia participado das edições do *Girls* acabou por ser a integrante mais nova de sua banda. Suas colegas eram mulheres mais velhas que nunca conseguiram se envolver com música anteriormente, por conta de todos os percalços da vida. Muitas estavam inseguras e com medo. Então a campista mais nova, que também era mais alta que as demais, envolveu todas essas mulheres em um abraço, as acolhendo e confortando. Considero essa cena a representação do poder do *Girls Rock Camp Brasil* e de como o projeto acolhe e transforma.

Todos os processos do acampamento são pensados pela coordenação para que o ambiente seja acolhedor. Desde o treinamento até a abertura para o diálogo, o andamento do evento gera uma espécie de segurança e acolhimento.

O *Camp* abre inúmeras portas. Eu também entrei para a estatística do voluntariado que segue seus sonhos e se envolve com outras profissões. Comecei na fotografia depois de participar de uma oficina oferecida pela coordenação do registro do *Girls Rock Camp Brasil*. Após ser acolhida, senti-me segura e busquei um curso profissionalizante. Atualmente, também trabalho como fotógrafa. As mudanças não terminam aí, minha relação com meu corpo mudou depois de participar do projeto, muitas inseguranças começaram a ser trabalhadas. Também conheci muitas pessoas e fiz amizades muito potentes. Virei adepta da “bolha do amor” e também uma “pregadora da palavra do *Camp*”. Existe uma Vanessa antes e uma Vanessa depois do *Camp*.

Aprendi com Spinoza que os afetos movem as pessoas, que o encontro entre os corpos pode gerar alegria ou tristeza, aumentando ou diminuindo as ações das pessoas no mundo, e que é possível conhecer o que aumenta a potência para buscá-la sempre que possível.

Com Paul Ricoeur, Míriam Cristina Carlos Silva, Tarcyanie Santos, Norval Baitello Junior, Muniz Sodré e Ciro Marcondes Filho, aprendi que o corpo e o sensível devem ser levados em consideração nos processos comunicacionais. As narrativas mediáticas são produções de corpos que compartilham seus conhecimentos e suas experiências.

Com o *Girls Rock Camp Brasil*, aprendi o valor imensurável do amor e como ele é potente.

Por fim, talvez seja possível dizer que a alegria não é apenas a prova dos nove, e, sim, o que nos (co)move.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Bárbara. “Todas As Meninas Reunidas, Vamos Lá!”: documentário produzido por mulheres conta a história do Girls Rock Camp Brasil! **Delirium Nerd**, 17 jan. 2018. Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2018/01/17/todas-meninas-reunidas-va-mos-la/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: ROCHA, João Cezar de Castro; RUFFINELLI, Jorge. **Antropofagia hoje?** Oswald de Andrade em cena. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 27-31.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia:** reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BEY, Hakim. **TAZ – Zona autônoma temporária.** São Paulo: Veneta, 2018.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. **Matrizes**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 169-187, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143024819012>. Acesso em: 03 jun. 2024.

CYRULNIK, Boris. **De corpo e alma**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

GELAIN, Gabriela Cleveston. **Releitura, transições e dissidências da subcultura feminista Riot Grrrl no Brasil**. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <https://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6327>. Acesso em: 23 jun. 2024.

GELAIN, Gabriela; AMARAL, Adriana. *Girls Rock Camps no Brasil: continuidade subcultural e presença Riot Grrrl*. In: GUERRA, Paula (ed.). **Is Working Paper**, 3. série, n. 58. Porto: Instituto de Sociologia da Cidade do Porto, 2017. *Online*. Disponível em: <https://isociologia.up.pt/sites/default/files/working-papers/WP%2058.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2024.

GIRLS ROCK CAMP BRASIL. **Manual de treinamento**. Sorocaba, 2024.

GIRLS ROCK CAMP BRASIL. **Obaaa!! Estão abertas as inscrições para campistas e voluntariado no Girls Rock Camp Brasil 2024!!** Sorocaba, 11 out. 2023. Instagram: @girlsrockcampbrasil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CyPh75oNmdd/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

GIRLS ROCK CAMP BRASIL. **O que é?**, c2024. Página inicial. Disponível em: <https://www.girlsrockcampbrasil.org/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

GUERRA, Paula *et al.* Tecnologias musicais, materialidades artísticas e ativismo feminino: o caso do *Girls Rock Camp* Porto Alegre. In: ANAIS DO 26º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas, Galoá, 2017. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2017/trabalhos/tecnologias-musicais-materialidades-artisticas-e-ativismo-feminino-o-caso-do-girls-rock-camp-porto-alegre?lang=pt-br>. Acesso em: 18 dez. 2023.

HEIDEMANN, Vanessa. Afetos em narrativas: Todas as meninas reunidas, vamos lá! In: ANAIS DO 16º ENCONTRO DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E CULTURA, 2022, Sorocaba. **Anais eletrônicos** [...]. Sorocaba, Epecom, 2022. Disponível em: <https://epecom.uniso.br/wp-content/uploads/2023/01/Vanessa-Heidemann.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2024.

HEIDEMANN, Vanessa. **Processos de vinculação e redes sociais: um estudo sobre três comunidades de astrologia do Facebook**. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uniso.br/entities/publication/d4880b7a-2f73-45ae-bbd0-66fcef294996>. Acesso em: 23 jul. 2024.

JACOMETI, Amanda Lourenço. **Girls Rock Camp Brasil: a importância de espaços seguros em processos de criação e produção sonora**. 2023. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-01042024-121050/pt-br.php>. Acesso em: 02 jun. 2024.

LEITE, Flávia Lucchesi de Carvalho. **Riot Grrrl**: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra. 2015. 321 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/3669?mode=full>. Acesso em: 02 jun. 2024.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação**: contatos antecipados com a nova teoria. São Paulo: Paulus, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A comunicação do sensível**: acolher, vivenciar, fazer sentir. São Paulo: ECA/USP, 2019.

MARTINEZ, Monica; HEIDEMANN, Vanessa. Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 4–14, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26055/14814>. Acesso em: 03 fev. 2024.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 125-145.

REYES, Adrienne Pinheiro. **Girls em devir / rock como signo / camp-máquina de guerra**: produtos especulativos e questões de gênero na indústria da música. 2023. 83 f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Comunicação e Indústria Criativa, Universidade Federal do Pampa, São Borja, Rio Grande do Sul, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/jspui/handle/riu/8629>. Acesso em: 02 jun. 2024.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: a configuração do tempo na narrativa de ficção. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: o tempo narrado. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010c.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro; SILVA, Míriam Cristina Carlos. **Narrativas mediáticas**. In: MARCONDES FILHO, Ciro. (org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 356-357.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Peregrinação, experiência e sentidos: uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. **E-Compós**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 1-15, mai./ago. 2015. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1198/846>. Acesso em: 02 jan. 2023.

SILVA, Míriam Cristina Carlos Silva; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. A caminho de La Paz: A leitura fílmica na perspectiva da análise da narrativa. In: DRIGO, Maria Ogécia; MARTINEZ, Monica (org.). **Experiências com pesquisas em comunicação**. Sorocaba - SP: Eduniso, 2023. p. 61-97. E-book. Disponível em: <https://editora.uniso.br/editora/catalog/book/51>. Acesso em: 03 jun. 2024.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TODAS as meninas reunidas, vamos lá!. Direção: Carol Fernandes. São Paulo: Amora Filmes, Paris Entretenimento, 2017. (80 min.).

APÊNDICE - REVISÃO DE LITERATURA

O AFETO ESPINOSANO NA COMUNICAÇÃO

Compreender de que maneira o afeto espinosano é utilizado nas pesquisas da área da Comunicação é importante, pois além de constituir a revisão de literatura necessária para o desenvolvimento de uma pesquisa, identifica os temas e autores que utilizam os conceitos de Spinoza e mapeia as pesquisas da área que fazem uso de suas ideias.

Ao pesquisar os conceitos de Spinoza na Comunicação, identifiquei dois pesquisadores brasileiros que apontam para a importância do filósofo holandês na compreensão de que o corpo humano também está inserido nos processos comunicacionais.

Muniz Sodré e Ciro Marcondes Filho desenvolvem pesquisas que abordam a importância da *aisthesis* como um princípio que deve ser investigado na área da Comunicação. Os pesquisadores citam as ideias de afeto espinosano, assim como destacam a importância dos conceitos desenvolvidos por Spinoza. Sodré cita as ideias do filósofo em *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política*, publicado em 2016. Marcondes Filho usa o conceito espinosano em *A comunicação do sensível: acolher, vivenciar, fazer sentir*, publicado em 2019.

Muniz Sodré (2016), em seu livro, afirma que Spinoza foi o primeiro a pensar sobre as funções das sensações em contraste com a racionalidade e a consciência. Explica de que maneira o corpo é compreendido pelo filósofo e o que são *affectio* e *affectus*. Além de citar diretamente Spinoza por meio de sua obra *Ética* (2017), o autor também recorre a Gilles Deleuze (2002) para explicar os conceitos espinosanos.

Ciro Marcondes Filho (2019) utiliza as ideias encontradas em *Ética* (2017) para discutir o conceito de substância, corpo e a relação dos processos afetivos com os processos comunicacionais. Explica os conceitos de afeto e afecção e suas relações com o corpo para

desenvolver seu conceito de acontecimento comunicacional. A interpretação de Gilles Deleuze⁵⁴ sobre as ideias de Spinoza também é adotada para aprofundar suas explicações.

A partir da apresentação dos conceitos espinosanos, tanto Sodré quanto Marcondes Filho desenvolvem suas próprias ideias, utilizando como referência outros autores que debatem questões envolvendo o corpo, o sensível e a experiência estética.

O conceito de afeto espinosano também é encontrado no *Dicionário da Comunicação* (2009) com o verbete *afeto*, redigido por Thiago Tavares das Neves. Na definição, deparamo-nos com ideias sobre afeto e afecção e uma explicação sobre Spinoza considerar a alegria, a tristeza e o desejo os afetos que originam os demais. Neves afirma que a “contribuição de Espinoza é basilar para pensar os afetos na comunicação” (2009, p. 25), pois a “comunicação pode ser equivalente ao processo de transição de estados a que Espinoza se referia” (2009, p. 25).

Além dos exemplos citados, considero importante entender se há outras pesquisas realizadas na Comunicação que utilizam o afeto espinosano. Quando meu interesse por Spinoza surgiu, em 2018, senti dificuldade em encontrar estudos que citassem o pensador. Para mapear tais trabalhos no Brasil, realizei um levantamento em três bases de dados brasileiras que indexam as pesquisas realizadas no país. As buscas foram realizadas no Portal de Periódicos CAPES, nos Anais dos Encontros da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e nos Anais dos Congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

PERIÓDICOS CAPES

Periódicos CAPES reúne e disponibiliza pesquisas produzidas no Brasil. É considerado um dos maiores acervos do país e possui “mais de 38 mil periódicos com texto completo e 396 bases de dados de conteúdos diversos, como referências, patentes, estatísticas, material audiovisual, normas técnicas, teses, dissertações, livros e obras de referência” (Ministério da Educação, c2024).

A busca foi realizada no site da plataforma no dia 03 de fevereiro de 2024, na qual utilizei as palavras-chave *Afeto Spinoza*⁵⁵ na barra de busca avançada. Nas especificações,

⁵⁴ Marcondes Filho não faz alusão a qual texto usa, mas cita o nome de Deleuze.

⁵⁵ Utilizo Spinoza como palavra-chave, pois a busca usando apenas a palavra afeto gerou mais de 13.200 resultados, inviabilizando a análise dos trabalhos.

deixei selecionado qualquer tipo de material, qualquer idioma e não fiz uma delimitação nas datas.⁵⁶

O site encontrou 134 trabalhos, sendo 131 artigos, 2 dissertações e 1 *magazine article*. Olhei individualmente cada pesquisa para identificar quais estão inseridas na área da Comunicação e quais mencionam os afetos espinosanos.

Após a análise, encontrei 5 artigos que abordam o conceito de afeto espinosano. Fiz o *download* de todos os trabalhos para ler cada um deles e identificar de que maneira os conceitos são usados.⁵⁷ Os trabalhos encontrados foram publicados em periódicos científicos nos anos de 2014, 2015, 2018, 2019 e 2023 (Quadro 1).

Quadro 1- Pesquisas encontradas nos Periódicos CAPES

Ano Publicação	Título	Autor(es)
2014 <i>Revista Rumores</i>	<i>Afetos contemporâneos e comunicação – algumas perspectivas</i>	Francisco Beltrame Trento; Thiago Siqueira Venanzoni
2015 <i>Revista Ação Midiática</i>	<i>Política e afeto no tempo das redes: ou a catarse coletiva – uma análise da Mídia Ninja</i>	Renata Rezende
2018 <i>Revista Famecos</i>	<i>Coração sonoro: comunicação, afetos e sociabilidades maquímicas em festas de música eletrônica</i>	Thiago Tavares das Neves; Josimey Costa da Silva
2019 <i>Revista Lumina</i>	<i>Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas</i>	Monica Martinez; Vanessa Heidemann
2023 <i>Revista Famecos</i>	<i>The Affective Toxicology of Social Media</i> ⁵⁸	Felix Rebolledo Palazuelos

Fonte: Heidemann, 2024.

Ao analisar os trabalhos, não procuro minuciar todos os detalhes que os envolvem; o propósito do meu levantamento é compreender se existem pesquisas na área da Comunicação que utilizam as ideias de Spinoza, suas referências e temas. Portanto, elaboro a seguir uma apresentação breve de cada artigo.

O artigo *Afetos contemporâneos e comunicação – algumas perspectivas*, dos autores Francisco Beltrame Trento e Thiago Siqueira Venanzoni, publicado em 2014 na *Revista*

⁵⁶ O site rastreia pesquisas produzidas desde 2001 até 2024.

⁵⁷ O fato do sistema não disponibilizar mais buscas por áreas do conhecimento dificulta a realização de levantamentos.

⁵⁸ *A Toxicologia Afetiva das Mídias Sociais*, título traduzido na própria publicação

Rumores, propõe discutir um método de análise da Comunicação a partir dos afetos e afeições espinosanos. Com o artigo, os autores propõem um olhar sobre os afetos nas pesquisas da Comunicação, para que a área “não fique presa nas viradas linguísticas ou humanística” (Trento; Venanzoni, 2014, p. 126). Os dois consideram que adotar os afetos nas pesquisas permite um “modo de narrativizar os textos da Comunicação para além de certas amarras, lugares, citações comuns e vícios da academia” (Trento; Venanzoni, 2014, p. 126).

Os conceitos de afeto são desenvolvidos com a obra *Ética*⁵⁹ de Spinoza, mas principalmente com os comentários sobre os conceitos espinosanos de Gilles Deleuze, retirados do texto *Spinoza e as três éticas* (1997). Os autores também citam o livro *A unidade do corpo e da mente: afetos, afecções e paixões em Espinosa* (2011), do autor Chantal Jaquet, para explicar a relação do afeto com o corpo. O livro *Onto-cartography: an ontology of machines and media* (2014), do filósofo norte-americano Levi Bryant, é utilizado para discutir a ontologia de Spinoza.

A pesquisadora Renata Rezende, autora do trabalho *Política e afeto no tempo das redes: ou a catarse coletiva – uma análise da Mídia Ninja*, publicado em 2015 na *Revista Ação Midiática*, utiliza o conceito de afeto de Spinoza para analisar o engajamento político nas redes sociais.

Rezende analisa os relatos dos usuários do *Facebook* no perfil da *Mídia Ninja* e utiliza os conceitos de afeto de Spinoza para identificar que os comentários dos usuários “são movidos por uma potência sensível que se desenha no emaranhado narrativo, configurado por grande parte dos enunciados, numa experiência catártica, mas gerenciada pela configuração dos afetos enquanto força motriz” (Rezende, 2015, p. 233).

O artigo cita a obra *Ética* de Spinoza e utiliza a explicação de Antonio Negri sobre o conceito de *conatus*, retirado do livro *A anomalia selvagem: poder e potência* (1993). A autora cita o texto *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política* (2006) de Muniz Sodré para explicar os termos afeição e afecção. Uma passagem do livro *Espinosa: vida e obra* (1979), de Marilena Chauí, é usada para explicar a visão de Spinoza sobre o desejo enquanto essência humana.

Em *Coração sonoro: comunicação, afetos e sociabilidades maquínicas em festas de música eletrônica*, publicado na *Revista Famecos* em 2018, os autores Thiago Tavares das Neves e Josimey Costa da Silva exploram as formas de afetar e ser afetado em festas de

⁵⁹ O livro *Ética* aparecerá como referência de vários trabalhos analisados. Não indicarei todas as edições, pois entendo que as ideias centrais de Spinoza são mantidas em todas as publicações. Referenciei a edição que é utilizada por mim na tese.

música eletrônica. Os autores defendem que “pensar os afetos sob a ótica spinozista é entender como se forma a própria sociedade, dentro de um jogo de afetações em que uns afetam os outros, modificando a si mesmos e aos outros depois de afetarem ou serem afetados” (Neves; Silva, 2018, p. 3).

O artigo pontua que a “contribuição de Spinoza é fundamental para pensar a comunicação sob a ótica dos afetos” (Neves; Silva, 2018, p. 5). Os autores exploram os conceitos espinosanos e pontuam de que maneiras as festas de música eletrônica podem promover encontros que geram afetos e comunicação. Além de citarem diretamente Spinoza com os conceitos encontrados em seu livro *Ética*, Neves e Silva citam passagens do texto *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)* (2009), de Gilles Deleuze, para discutir os processos que envolvem os corpos e as afecções.

Monica Martinez e Vanessa Heidemann apontam para a influência dos afetos na produção do Jornalismo Literário no artigo *Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas*, publicado em 2019 na *Revista Lumina*. As autoras tecem possíveis relações entre o conceito de afeto de Spinoza, citando seu texto *Ética*, e o conceito de vínculo, empatia e Jornalismo Literário. O artigo pontua que “a partir dos afetos tecemos as relações que nos vinculam” (Martinez; Heidemann, 2019, p. 8).

Felix Rebolledo Palazuelos utiliza o conceito de afeto retirado da obra *Ética* de Spinoza no artigo *The Affective Toxicology of Social Media*, publicado em 2023 na *Revista Famecos*, para discutir de que maneira a toxicidade produzida nas mídias sociais pode ser considerada uma aflição afetiva. Propondo uma reflexão crítica sobre as redes sociais, Palazuelos aponta como os *likes* estimulam o humor dos usuários das redes sociais. Os conceitos de apetite e desejo espinosano são utilizados para demonstrar de que maneira as redes sociais escravizam as paixões. O artigo apresenta o conceito de liberdade de Spinoza e discute de que maneira os usuários das redes sociais são movidos por afetos passivos que auxiliam no desenvolvimento de comportamentos tóxicos.

Ainda que não seja o foco da minha tese, pontuo que a quantidade de pesquisas encontradas na Plataforma dos Periódicos CAPES diverge do resultado da pesquisa que realizei no dia 02 de dezembro de 2020⁶⁰ utilizando os mesmos critérios de busca. Na busca anterior, o sistema encontrou as dissertações *A potência dos afetos diante das urgências tecnocomunicacionais do capitalismo e a invenção de outros possíveis*, de Mara Lafourcade Rayel, defendida em 2016, no Mestrado em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; *Comunicação midiática e consumo de afetos: narrativas*

⁶⁰ Levantamento realizado para formular a proposta de projeto de pesquisa.

sobre protestos e ocupações contra a Reorganização Escolar em São Paulo, de Omar Alejandro Sánchez Rico, defendida em 2016, no Programa de Mestrado em Comunicação e Prática de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing; e, *O discurso afetivo na revista Viva Simples: estratégias discursivas para a (re)afirmação do contrato de comunicação*, de Débora Cerutti Viegas, defendida em 2017, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

As três dissertações utilizam os conceitos de afeto espinosano e a ausência delas na busca realizada no dia 03 de fevereiro de 2024 pode significar problemas de indexação na plataforma. Minha dissertação de mestrado, *Processos de vinculação e redes sociais: um estudo sobre três comunidades de astrologia do Facebook* (2019), que utiliza os conceitos de Spinoza, também não apareceu nas pesquisas.

Perante a instabilidade observada no Portal de Periódicos CAPES, expandi a busca para os Anais dos Encontros da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e dos Congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

COMPÓS

A Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), fundada em 1991, é uma sociedade civil sem fins lucrativos que busca fortalecer e qualificar a Pós-Graduação em Comunicação do Brasil e manter o diálogo com instituições nacionais e internacionais (Compós, c2014).

Nos Anais, a Compós disponibiliza os trabalhos apresentados nos encontros anuais. Os arquivos estão disponíveis *online* no site da Associação desde o ano de 2000. No dia 16 de outubro de 2023, usando a palavra “Afeto”, realizei o levantamento na barra de busca disponibilizada no site.

A pesquisa não analisa todos os anos de uma vez, portanto, primeiro é necessário acessar os Anais individualmente para então realizar o levantamento usando a barra de busca do sistema. Procurei em todos os arquivos disponíveis, ou seja, de 2000 a 2023. Encontrei 40 trabalhos que utilizam o conceito de afeto e realizei o *download* de todos para fazer a leitura e análise de cada um. Dos 40 trabalhos encontrados, 6 utilizam os conceitos espinosanos. Entretanto, nem todos citam Spinoza diretamente.

Encontrei 2 trabalhos, apresentados nos anos 2019 e 2022, que usam os conceitos espinosanos, citando Spinoza com passagens retiradas do livro *Ética* (Quadro 2). Os outros 4

trabalhos, apresentados nos anos 2013, 2015, 2016 e 2017, citam Spinoza indiretamente, por intermédio de outros autores (Quadro 3).

Quadro 2 - Trabalhos da Compós que citam Spinoza diretamente

Ano	Título	Autor(es)
2019	<i>Um mundo de fantasmas: o medo como afeto primal das imagens técnicas</i>	Wagner Souza e Silva
2022	<i>Corpo, performance e afetos: imagens sobre gênero e maternidade em Pendular</i>	Serena Veloso Gomes

Fonte: Heidemann, 2024.

A partir da leitura e análise, foi possível identificar, em linhas gerais, de que maneira os trabalhos utilizam os conceitos de espinosanos. *Um mundo de fantasmas: o medo como afeto primal das imagens técnicas*, apresentado em 2019 no Grupo de Trabalho Imagem e Imaginários Midiáticos pelo pesquisador Wagner Souza e Silva, discute as relações entre o medo e as imagens técnicas propagadas pela mídia. O autor utiliza a definição de medo cunhada por Spinoza e retirada do livro *Ética*, que o compreende como uma tristeza instável. O trabalho discute de que maneira as imagens de fantasmas, propagadas em filmes e logotipos de redes sociais, banalizam a ideia da morte. A imagem do fantasma, enquanto recurso técnico, “não deve ser entendida somente como uma alusão à imaterialidade das imagens efêmeras e de seu caráter transitório, mas também como uma referência direta à banalização dos nossos medos mais profundos que cada vez mais perdem a sua potência para nos assombrar” (Souza e Silva, 2019, p. 13).

Serena Veloso Gomes apresentou, em 2022, no Grupo de Trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidades, o trabalho *Corpo, performance e afetos: imagens sobre gênero e maternidade em Pendular*. A autora discute como os afetos, o corpo e a performance ressignificam o gênero e a maternidade na narrativa do filme *Pendular*. Assim, defende que nas “tessituras fílmicas, as afetividades apresentam-se enquanto potências que mobilizam os corpos” (Gomes, 2022, p. 1). O livro *Ética* é utilizado explicar o que é afeto segundo a perspectiva de Spinoza.

Quadro 3- Trabalhos da Compós que citam Spinoza indiretamente

Ano	Título	Autor(es)
-----	--------	-----------

2013	<i>Afetos Pictóricos ou em Direção a Transeunte de Eryk Rocha</i>	Denilson Lopes Silva
2015	<i>Aprendendo a amar: considerações sobre os aspectos cognitivos dos afetos e das emoções</i>	Francine Tavares
2016	<i>Afeto e comunicação: das construções do medo</i>	Maria Cristina Franco Ferraz
2017	<i>Afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em Comunicação</i>	Luís Mauro Sá Martino; Angela Cristina Salgueiro Marques

Fonte: Heidemann, 2024.

Apresentado em 2013, no eixo temático Comunicação e Experiência Estética, *Afetos Pictóricos ou em Direção a Transeunte de Eryk Rocha*, de Denilson Lopes Silva, discute a virada afetiva no cinema. Silva (2013) questiona de que maneira as discussões sobre os afetos, que perpassam desde Spinoza até os estudos de gênero, podem ser utilizadas na arte. No trabalho que diversos autores que utilizam a perspectiva espinosana buscam distinguir emoção de sentimento.

Gilles Deleuze e Félix Guattari são citados como pensadores que seguem pelo mesmo caminho de Spinoza nas discussões relacionadas aos afetos. Entretanto, a citação do texto envolvendo o conceito de afeto refere-se ao artista ser um criador de mundos que geram afetos não conhecidos. Assim, entendemos que o conceito utilizado é de Deleuze e Guattari, e não o de Spinoza. Ainda que o nome de Spinoza esteja no texto, o conceito de afeto é discutido por meio de outros autores que seguem os passos do filósofo holandês. Porém, o conceito de afeto espinosano não é diretamente utilizado.

Em *Aprendendo a amar: considerações sobre os aspectos cognitivos dos afetos e das emoções*, trabalho apresentado em 2015 no Eixo Temático Comunicação e Cibercultura, Francine Tavares discute de que maneira comentários de usuários no blog *Relatos de Uma Diva* demonstram que as tecnologias móveis promovem novas formas no modo de desenvolver relacionamentos amorosos. A autora cita o livro *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos* (2004), de António Damásio, pontuando que as ideias de Spinoza são retomadas por Damásio. No mesmo contexto, cita-se também o texto de Brian Massumi, *The Autonomy of the Affect* (1995). Igualmente ao ocorrido no trabalho de Silva,

Tavares destaca a influência de Spinoza sobre as ideias dos autores que utiliza, mas não cita os conceitos do filósofo diretamente.

Maria Cristina Franco Ferraz apresentou, em 2016, no Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade, o trabalho *Afeto e comunicação: das construções do medo*. A autora desenvolve o conceito de afeto a partir da filosofia deleuziana e discute o medo utilizando um conto de Franz Kafka. O trabalho destaca a importância de Deleuze nas discussões que envolvem o afeto dentro das pesquisas da área da Comunicação. Ferraz (2016, p. 2) pontua que “quando se fala em afeto, é inevitável lembrar a filosofia de Spinoza”, porém compreende que o conceito foi propagado por Deleuze e Guattari. O livro *Qu’est-ce que la philosophie?* (1991) é a fonte utilizada para conceituar os afetos, perceptos e conceitos de Deleuze e Guattari, adotados por Ferraz. Portanto, os conceitos utilizados têm base em Spinoza, mas não citam diretamente o filósofo.

Apresentado no Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, em 2017, o trabalho de Luís Mauro Sá Martino e Angela Cristina Salgueiro Marques, *Afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em Comunicação*, discute como a subjetividade é considerada um obstáculo nas pesquisas da área da Comunicação. Propondo “reflexões a respeito das questões que envolvem subjetividade, alteridade, responsabilidade, ética e acolhimento da alteridade na construção metodológica e realização empírica das pesquisas” (Martino; Marques, 2017, p. 2), os pesquisadores apontam para o papel dos afetos no ato de pesquisar. Na passagem em que defendem que as escolhas do pesquisador estão relacionadas a uma disposição afetiva, citam que o termo é utilizado “em um sentido próximo ao vocabulário de Spinoza” (Martino; Marques, 2017, p. 6); não há, entretanto, nenhuma citação ou indicação de referências para esclarecer o que isso significa.

INTERCOM

A Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), fundada em 1977, estimula o desenvolvimento da produção científica de mestres, doutores, alunos e recém-graduados da Comunicação. A instituição organiza congressos anuais entre os pesquisadores da área e reúne anualmente uma média de três mil e quinhentas pessoas (Intercom, c2024).

O levantamento foi realizado em dezembro de 2023 nos Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação do período de 2001 a 2023; utilizei a palavra-chave

“Afeto” para efetuar as buscas. Os trabalhos nos Anais são disponibilizados em diferentes padrões, portanto, precisei adaptar o método das pesquisas conforme a necessidade.

Para encontrar os trabalhos apresentados em 2001, acessei o site dos Anais do ano em questão e entrei na área de trabalhos apresentados. Todos os trabalhos estão disponibilizados numa página só, por índice alfabético de autores, de A a Z. Além do nome dos autores, há o título de cada trabalho e a sigla correspondente ao Núcleo de Pesquisa (NP1 até NP18) em que foi apresentado.

Para acessar os resumos e palavras-chave dos trabalhos, é necessário acessar os Núcleos de Pesquisa (NP). Ao acessar todos e cada um deles, precisei utilizar a ferramenta de busca da página (Ctrl+F), pois não há barra de busca no site, e digitei a palavra “Afeto” para efetuar a pesquisa.

Os anos de 2002 e 2003 disponibilizam uma lista direta dos dezoito Núcleos de Pesquisa. Abri cada um, pois neles há uma apresentação com o nome do(s) autor(es), título, resumo e palavras-chave dos trabalhos. Usei a ferramenta de busca da página (Ctrl+F) e digitei a palavra “Afeto”.

Não consegui acessar os Anais de 2004 e 2005, pois as páginas aparentam estar corrompidas. A partir de 2006, o sistema disponibiliza a ferramenta de busca por palavras-chave. Entretanto, nos Anais dos anos 2014 e 2016, a ferramenta de busca não funcionou. Utilizei o mesmo método de pesquisa dos anos 2002 e 2003. Nos Anais de 2016, não foi possível acessar os trabalhos do Grupo de Pesquisa⁶¹ da Semiótica da Comunicação, pois a página não abriu.

De 2017 a 2023, os Anais não disponibilizam mais a ferramenta de busca, portanto voltei a pesquisar olhando cada Grupo de Pesquisa por meio da ferramenta de busca da página (Ctrl+F).

De 2001 a 2023, encontrei 95 trabalhos que abordam o conceito de afeto, fiz o *download* de todos os trabalhos, analisei cada um e concluí que 27 trabalhos abordam o conceito de afeto espinosano. Entre os 27 trabalhos, 20 deles – apresentados nos anos 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020 e 2023 – citam Spinoza diretamente por meio do livro *Ética* (Quadro 4). Os outros 7 trabalhos – apresentados nos anos de 2006, 2014, 2016, 2018, 2019 e 2010 – citam os conceitos de Spinoza indiretamente, por intermédio de outros autores (Quadro 5).

Quadro 4- Trabalhos da Intercom que citam Spinoza diretamente

⁶¹ Os Núcleos de Pesquisa passam a ser chamados de Grupo de Pesquisa no decorrer do tempo.

Ano	Título	Autor(es)
2012	<i>Afetos e Paisagens Sonoras: o encontro da ética espinosiana com as canções dos praticantes de cosplay</i>	Mônica Rebecca Ferrari Nunes; Luiz Peres-Neto
2013	<i>A construção do afeto no jornal impresso (jornalismo a more geométrico)</i>	Wellington Pereira
	<i>A Mídia Ninja e o espaço da catarse coletiva: política e afeto no tempo das redes</i>	Renata Rezende
	<i>Micronarrativas Afetivas: O Tocar pelo Invisível para uma Comunicação Visível</i>	Emiliana Pomarico Ribeiro
2014	<i>Coração Sonoro – Afetos e Interações Maquínicas no King Festival</i>	Thiago Tavares das Neves
2015	<i>A Rostidade no Cinema de Ingmar Bergman</i>	João Fabricio Flores da Cunha
	<i>Coração Cyborg – Afetos, Conexões e Sociabilidades Maquínicas nas Festas de Música Eletrônica</i>	Thiago Tavares das Neves
	<i>Por uma abordagem epistemológica dos afectos na semiose</i>	Marcio Telles; Marcelo Bergamin Conter
2016	<i>Coração Afetado – Afetações Sonoras e uma Ética da Alegria nas Festas de Música Eletrônica</i>	Thiago Tavares das Neves
2017	<i>Fotojornalismo e os Afetos como Valores-Notícia</i>	Wagner Souza e Silva

	<i>Uma cartografia complexa afetada: diálogos e reflexões entre sensibilidades, cidade e festas</i>	Thiago Tavares das Neves; Josimey Costa da Silva
2018	<i>A Polarização Afetiva da Obra Fotográfica de Sebastião Salgado</i>	Wagner Souza e Silva
	<i>Nem Todo Evangélico é Conservador (e Broadcasting): notas sobre o protagonismo religioso no Brasil</i>	Carolina Cavalcanti Falcão
	<i>O Jogo como Mobilizador de Afetos no Airbnb</i>	Rosa Alexandra Fonseca; Gisela Grangeiro da Silva Castro
	<i>Organizações, afetos e diversidade de gênero</i>	Caroline Delevati Colpo; Ingrid Humia; Marjorie Helmich
2019	<i>Fervografia: Fervo, Comunicação e “Bons Encontros” num Show de Linn da Quebrada</i>	Thiago Tavares das Neves
	<i>Trabalho, Criatividade e Afeto: Um Olhar Organizacional das Agências de Propaganda</i>	Caroline Delevati Colpo; Tais Bitencuort Valente
2020	<i>Relações de trabalho e liderança: uma discussão sob o olhar dos afetos e do poder na cultura organizacional</i>	Caroline Delevati Colpo; Maria Clara Caju; Maria Clara Gomes; Maria Lívia Pachêco de Oliveira; Andréa Karinne Albuquerque Santos
2023	<i>Afetos Abjetos: os medos e a hierarquização social de travestis pretas nas séries “Segunda Chamada” e “Manhãs de Setembro”</i>	Giulian Pereira de Sales; Felipe Viero Kolinski Machado Medonça
	<i>Telejornalismo de afeto: subjetividade e experiência estético-narrativa no telejornalismo contemporâneo</i>	Heidy Vargas

A partir da leitura e análise de cada trabalho, foi possível identificar de maneira geral como os conceitos são utilizados por cada autor. Em 2012, Mônica Rebecca Ferrari Nunes e Luiz Peres-Neto apresentaram o trabalho *Afetos e Paisagens Sonoras: o encontro da ética espinosiana com as canções dos praticantes de cosplay*, no Grupo de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas. Os autores utilizam o livro *Ética* de Spinoza, sobretudo a terceira parte, para discutir de que maneira os afetos estão relacionados à produção de canções de animes nos repertórios de *cosplayers*. O trabalho também apresenta o conceito de emoção de António Damásio, cujo livro *Ao encontro de Espinosa: as emoções sociais e a neurologia do sentir* (2003) é citado para explicar a diferença entre os afetos e as emoções. Nunes e Peres-Neto esclarecem que Damásio retoma as ideias sobre o conceito de potência de agir de Spinoza. Os autores desenvolvem os conceitos espinosanos na introdução do trabalho e ao apresentarem as ideias de Damásio sobre as emoções. Apesar de citarem indiretamente e diretamente os conceitos espinosanos de afeto, retirados da terceira parte do livro *Ética*, a obra não foi citada nas referências.

Wellington Pereira apresentou, em 2013, no Grupo de Pesquisa Teorias do Jornalismo, o trabalho *A construção do afeto no jornal impresso (jornalismo a more geométrico)*. O autor propõe demonstrar como o afeto espinosano sofre modificações semânticas e epistemológicas quando explicado por meio das teorias jornalísticas do espelho, *gatekeeper* e organizacional. Pereira utiliza a obra *Ética*, mas também recorre às explicações de Marilena Chauí sobre os conceitos espinosanos, retiradas do livro *Desejo, paixão e ação na Ética de Espinosa* (2011). No texto, há uma citação direta de Jaquet a Spinoza, referindo-se à essência formal das coisas e à ideia que fazemos delas, porém não encontramos a obra citada nas referências.

Apresentado em 2013, no Grupo de Pesquisa Cibercultura, o trabalho *A Mídia Ninja e o espaço da catarse coletiva: política e afeto no tempo das redes*, de Renata Rezende, busca verificar a produção de sentidos na construção de relatos dos usuários do perfil do *Facebook Ninja - Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação*. Rezende compreende os relatos dos usuários do *Facebook* como uma tessitura narrativa que pode configurar e operar uma política de afetos. Para definir as relações entre os afetos e os comentários analisados, a autora cita o conceito de *conatus* utilizando o livro *Espinosa: vida e obra* (1979), organizado por Marilena Chauí. A obra *A anomalia selvagem: poder e potência em Spinoza* (1993), de Antonio Negri, também é utilizada para explicar o que significa apetite e desejo para Spinoza. *Espinosa: uma filosofia da liberdade* (1995), também de autoria de Negri, está nas referências do trabalho, porém não há passagens diretas ou indiretas no texto da autora. Para explicar os termos afeição e afecção, Rezende utiliza a obra de Muniz Sodré, *As estratégias sensíveis: afeto*,

mídia e política (2006). A terceira parte do livro *Ética* é utilizada para explicar a ideia de *affectus*.

Em *Micronarrativas Afetivas: O Tocar pelo Invisível para uma Comunicação Visível*, apresentado em 2013 no Grupo de Pesquisa Relações Internacionais e Comunicação Organizacional, Emiliana Pomarico Ribeiro aborda a importância de micronarrativas afetivas como uma nova estratégia de comunicação organizacional. Ribeiro cita Spinoza utilizando o livro *Ética* para indicar a forma como os afetos geram transformações, estimulando ou refreando a potência de agir. O trabalho também faz uso de outros autores para apresentar a questão do afeto.

Thiago Tavares das Neves apresentou, em 2014, no Grupo de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas, o trabalho *Coração Sonoro – Afetos e Interações Maquínicas no King Festival*. Neves propõe utilizar os afetos, as máquinas e as interações para entender as dimensões sociais, culturais e filosóficas das festas de música eletrônica. O objetivo “é entender como as trocas afetivas se dão em contexto social, como se expressam, como são vividas no festival de música eletrônica King Festival, realizado na cidade de Recife, em novembro de 2013” (Neves, 2014, p. 1). O autor afirma, na introdução do trabalho, que Spinoza é o principal aporte teórico para compreender a questão dos afetos e explica o conceito dos três tipos de afetos (*conatus*, alegria e tristeza), assim como os demais conceitos espinosanos por meio do livro *Ética*.

O trabalho *A Rostidade no Cinema de Ingmar Bergman*, de João Fabricio Flores da Cunha, foi apresentado em 2015 no Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação e utiliza o conceito de imagem-afecção e rostidade, a partir do pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, com a finalidade de demonstrar diferentes atualizações de rostos nos filmes de Ingmar Bergman. Cunha cita que o conceito de imagem-afecção é desenvolvido por Deleuze a partir da noção de afeto de Spinoza. A definição geral sobre o afeto espinosano é citada em uma nota de rodapé retirada do livro *Ética*.

Apresentado em 2015, no Grupo de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas, *Coração Cyborg – Afetos, Conexões e Sociabilidades Maquínicas nas Festas de Música Eletrônica*, de Thiago Tavares das Neves, busca compreender de que maneira os afetos, as máquinas e a sociabilidade agem como operadores nas dimensões comunicacionais e sociais das festas de música eletrônica. Neves destaca que a “contribuição de Spinoza é fundamental para pensar os afetos sob a ótica da comunicação” (Neves, 2015, p. 4). O livro *Ética* é usado para explicar e detalhar a definição de afeto espinosano, desenvolvendo os conceitos de afeto enquanto potência de agir, de afecção, de corpo etc.

Marcio Telles e Marcelo Bergamin Conter apresentaram no Grupo de Pesquisa Semiótica da Comunicação, em 2015, o trabalho *Por uma abordagem epistemológica dos afectos na semiose*. As ideias de Spinoza, retiradas do livro *Ética*, são citadas, mas os autores também utilizam outros conceitos relacionados ao afeto. A proposta do trabalho é apresentar os desafios epistemológicos enfrentados pela Semiótica Crítica em relação à semiose, perante as teorias que abordam o afetivo.

Apresentado em 2016 no Grupo de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas, *Coração Afetado – Afetações Sonoras e uma Ética da Alegria nas Festas de Música Eletrônica*, de Thiago Tavares das Neves, explora a experiência da afetação sonora em festas de música eletrônica. O livro *Ética* de Spinoza é adotado para explicar os conceitos de afeto, afetação, corpo, afecção, potência de agir, alegria, paixão, ação etc.

O trabalho *Fotojornalismo e os Afetos como Valores-Notícia*, de Wagner Souza e Silva, foi apresentado em 2017 no Grupo de Pesquisa Fotografia. A proposta do autor é “definir o fotojornalismo como a expressão dos afetos como valores-notícia, tendo em vista não só o apelo emocional, que é intrínseco às imagens, mas também a sua circulação potencializada pelas dinâmicas das redes sociais” (Souza e Silva, 2017, p. 1). O autor destaca a relevância do pensamento de Spinoza sobre a experiência sensível e menciona que a alegria e a tristeza são afetos primários que dão origem aos demais. O trabalho apresenta uma tabela com alguns afetos espinosanos (alegria, admiração, amor, atração, adoração, esperança, segurança, gáudio, tristeza, desprezo, ódio, aversão, escárnio, medo, desespero e decepção) retirados de *Ética*, com a intenção de demonstrar como podem se relacionar com os valores-notícia.

Em *Uma cartografia complexa afetada: diálogos e reflexões entre sensibilidades, cidade e festas*, apresentado em 2017 no Grupo de Pesquisa Culturas Urbanas, Thiago Tavares das Neves e Josimey Costa da Silva discutem como a cidade e suas práticas criam paisagens simbólicas e afetações mútuas entre as pessoas. Promovendo uma aproximação do conceito de cartografia com o afeto, os autores utilizam as ideias de afeto e afecções espinosanas, retiradas de *Ética*, para defender que a formação da sociedade é um jogo de afetação.

Em 2018, Wagner Souza e Silva apresentou no Grupo de Pesquisa de Fotografia o trabalho *A Polarização Afetiva da Obra Fotográfica de Sebastião Salgado*. O trabalho explora o modo como o trabalho *Gênesis*, do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, assume a esperança como um afeto. Souza e Silva recorre a Spinoza para explicar o conceito de esperança, medo, alegria e desespero. Além de utilizar o livro *Ética*, o autor também adota o

livro *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa* (2011), de Marilena Chauí, para complementar a explicação sobre os conceitos espinosanos citados no trabalho.

Carolina Cavalcanti Falcão apresentou *Nem Todo Evangélico é Conservador (e Broadcasting): notas sobre o protagonismo religioso no Brasil*, no Grupo de Pesquisa Comunicação e Religião, em 2018. A proposta desenvolvida pela autora é discutir o protagonismo religioso, a cultura participativa e o carisma a partir do *broadcasting*. Falcão compreende que o carisma pode ser analisado a partir da ideia de afecção. O livro *Ética* é citado em uma passagem breve para explicar a ideia de afeto e as variações de potência. Entretanto, o conceito de afecção não é desenvolvido pelo viés espinosano.

O trabalho *O Jogo como Mobilizador de Afetos no Airbnb*, de Rosa de Alexandra Fonseca e Gisela Grangeiro da Silva Castro, foi apresentado em 2018 no Grupo de Pesquisa Comunicação e Cultura Digital. As autoras buscam compreender de que maneira o *Airbnb* mobiliza os afetos. O livro de Spinoza *Ética* é utilizado para desenvolver as explicações sobre afetos, afecções, alegria e tristeza. Fonseca e Castro também abordam os conceitos de empatia (comiseração, misericórdia e emulação) e generosidade (gratidão) pelo viés espinosano.

Apresentado em 2018 no Grupo de Pesquisa Relações Públicas e Comunicação Organizacional, o trabalho *Organizações, afetos e diversidade de gênero*, de Caroline Delevati Colpo, Ingrid Humia e Marjorie Helmich, pontua as relações entre os afetos positivos e/ou negativos e a diversidade de gênero nas organizações. As autoras utilizam o livro *Ética* para explicar as dinâmicas dos afetos e suas relações com a alegria e a tristeza. Destacam que é impossível viver sem afetar e ser afetado. Conceitos sobre afeto de outros pensadores também são utilizados.

Fervografia: Fervo, Comunicação e “Bons Encontros” num Show de Linn da Quebrada, trabalho apresentado por Thiago Tavares das Neves em 2019 no Grupo de Pesquisa Comunicação e Culturas Urbanas, propõe uma reflexão teórica e empírica sobre o conceito de fervo (fervografia) a partir da experiência em um show da Linn da Quebrada. Neves utiliza os conceitos espinosanos para refletir sobre a ideia de bons encontros, abordada pelo filósofo em seu livro *Ética*. Afetos, afetações, corpo, afecções, potência de agir, alegria, tristeza, entre outros conceitos de Spinoza, são apresentados no trabalho. Os livros de Gilles Deleuze, *Espinosa: filosofia prática* (2002), *Espinosa e o problema da expressão* (1968) e *Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)* (2009) são usados para aprofundar as ideias espinosanas sobre os processos nos quais os afetos ocorrem a partir do encontro entre os corpos.

Apresentado no Grupo de Pesquisa Relações Públicas e Comunicação Organizacional em 2019 por Caroline Delevati Colpo e Tais Bitencuort Valente, *Trabalho, Criatividade e Afeto: Um Olhar Organizacional das Agências de Propaganda* busca compreender as dinâmicas entre afeto, trabalho e criatividade para os profissionais de publicidade que atuam em Porto Alegre-RS. Colpo e Valente desenvolvem os conceitos espinosanos sobre as dinâmicas dos afetos utilizando o livro *Ética*. O trabalho aborda a maneira como os corpos afetam uns aos outros, bem como afecções, afetos, potência de agir, bons encontros, alegria e tristeza.

Relações de trabalho e liderança: uma discussão sob o olhar dos afetos e do poder na cultura organizacional, das autoras Caroline Delevati Colpo, Maria Clara Caju, Maria Clara Gomes, Maria Lívia Pachêco de Oliveira e Andréa Karinne Albuquerque Santos, foi apresentado em 2020 no Grupo de Pesquisa Relações Públicas e Comunicação Organizacional. A proposta do trabalho é refletir sobre a forma com que as relações de afeto e poder são desenvolvidas na cultura de organizações e como refletem-se na ligação entre trabalho e liderança. A obra *Ética* de Spinoza é utilizada para desenvolver a ideia de afetos positivos, afecções, encontros, alegria, potência, tristeza e corpos afetados.

Giulian Pereira de Sales e Felipe Viero Kolinski Machado Medonça apresentaram, em 2023, no Grupo de Pesquisa Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, o trabalho *Afetos Abjetos: os medos e a hierarquização social de travestis pretas nas séries “Segunda Chamada” e “Manhãs de Setembro”*. A proposta de Sales e Mendonça é abordar como a hierarquização afetiva acontece em torno dos corpos travestis negros, e os autores pontuam que a mídia exerce um papel pedagógico ao representar esses corpos. O trabalho apresenta os conceitos de afecções do corpo, afeto, potência, encontros e imagem pela perspectiva espinosana, utilizando o livro *Ética*.

Apresentado em 2023, no Grupo de Pesquisa Telejornalismo, o trabalho de Heidy Vargas, *Telejornalismo de afeto: subjetividade e experiência estético-narrativa no telejornalismo contemporâneo*, procura entender “o telejornalismo de afeto e a experiência estético-narrativa do audiovisual noticioso diante de um contexto de uma sociedade capitalista pós-industrial impactada pela ambiência digital (mídias sociais) e pela pandemia da Covid-19” (Vargas, 2023, p. 1). Vargas cita Spinoza para explicar que a pesquisadora Patricia Ticineto Clough, que desenvolve o conceito de virada afetiva no livro *The Affective Turn: theorizing the social* (2007), é influenciada pelas ideias de afeto do filósofo. As reflexões do pensador, retiradas de *Ética*, são citadas em uma breve passagem sobre mente e corpo, ações e paixões.

Quadro 5- Trabalhos da Intercom que citam Spinoza indiretamente

Ano	Título	Autor(es)
2006	<i>Dinâmicas do Processo de Constituição da Linguagem e da Vida Tecnicamente Expandida</i>	Luiza Helena Guimarães
2014	<i>Entre a Representação e o Afeto: A ficção como campo de negociação em um roteiro de oficina de audiovisual</i>	Marcio Blanco
2016	<i>O cotidiano de afeto e intolerância: política e catarse no Facebook</i>	Renata Rezende
2018	<i>As Relações Afetivas no Consumo do Rádio Expandido</i>	Bárbara Maia
2019	<i>Processos de diferenciação dos gêneros musicais: Afetos, materialidades e semiótica da cultura</i>	Nilton Carvalho; Marcelo Bergamin Conter
2020	<i>A Publicidade Como Engrenagem de Afetos</i>	Flaviano Silva Quaresma
	<i>Cinema, dança e afeto: intermedialidade e dissenso em Tinta Bruta</i>	Thalita Cruz Bastos

Fonte: Heidemann, 2014.

O trabalho *Dinâmicas do Processo de Constituição da Linguagem e da Vida Tecnicamente Expandida*, de Luiza Helena Guimarães, foi apresentado em 2006 no Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação. A autora demonstra como a comunicação mediada por computadores possibilita o ativismo de seus usuários nas redes tecnológicas, possibilitando redes de afetos. Guimarães relaciona as máquinas e os corpos, citando Spinoza para explicar a relação entre o corpo, a alegria e a potência, pontuando que a alegria é uma

força de construção contra os dispositivos de poder sociais. A autora cita Spinoza no texto para contextualizar a ideia de corpo e alegria, porém, nas referências não há nenhuma obra do filósofo. Gilles Deleuze também é utilizado para explicar a ideia de afeto e potência, mas já na perspectiva deleuziana.

Apresentado em 2014, na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, *Entre a Representação e o Afeto: A ficção como campo de negociação em um roteiro de oficina de audiovisual*, de Marcio Blanco, propõe uma intersecção entre o campo audiovisual e a educação. O trabalho analisa a subjetificação entre os processos de escrita na fabricação do roteiro de ficção do *Complexo do Juninho*, produzido durante a *Oficina Cinemaneiro*, desenvolvida em um território de baixa renda. Blanco utiliza o conceito de produção de subjetividade de Deleuze e Guattari para buscar compreender a relação entre ensino e aprendizagem. Spinoza é citado uma vez, por meio de Deleuze, para explicar a relação entre afeto e ideia. O autor aponta que o trecho é retirado de um curso sobre Spinoza ministrado por Deleuze em 1978, entretanto não encontramos o texto nas referências do trabalho.

Renata Rezende apresentou *O cotidiano de afeto e intolerância: política e catarse no Facebook*, no Grupo de Pesquisa Ciberultura, em 2016. O trabalho busca compreender a catarse nas redes sociais, utilizando o *Facebook* como recorte. A autora cita a *Ética* de Spinoza nas referências e faz uma citação do autor no corpo do trabalho, sem abordar os conceitos do filósofo. Muniz Sodré (2006) é o pensador usado para explicar os conceitos de *affectus* e *affectio*, mas não há menções a Spinoza.

As Relações Afetivas no Consumo do Rádio Expandido, de Bárbara Maia, foi apresentado em 2018 no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora. O trabalho propõe analisar como as relações afetivas ocorrem no rádio expandido. Maia explica as ideias de afeto e potência de agir utilizando Gilles Deleuze e a dissertação de mestrado *Memória, subjetividade e afeto nos bastidores do rádio*, da pesquisadora Wanessa Monteiro Canellas de Oliveira (2008). Apesar de usar Deleuze no trabalho, não encontramos o texto citado nas referências.

Processos de diferenciação dos gêneros musicais: Afetos, materialidades e semiótica da cultura, de Nilton Carvalho e Marcelo Bergamin Conter, foi apresentado em 2019, no Grupo de Pesquisa Comunicação, Música e Entretenimento. O trabalho propõe uma aproximação entre Semiótica da Cultura, Teorias do Afeto e Materialidades da Comunicação para desenvolver estudos sobre música pop. Os autores compreendem que as músicas podem ser consideradas afecções, assim como o timbre pode ser considerado um afeto. O nome de Spinoza é citado em uma passagem para pontuar que os pesquisadores Francisco Beltrame Trento e Thiago Siqueira Venanzoni, no artigo *Afetos contemporâneos e comunicação* –

algumas perspectivas (2014), dialogam com a leitura que Deleuze faz sobre as ideias espinosanas no capítulo *Spinoza e as três éticas* do livro *Crítica e clínica* (1997). Carvalho e Conter utilizam em seu trabalho a consideração dos afetos serem signos vetoriais, desenvolvida por Trento e Venanzoni. Os conceitos que envolvem os afetos são desenvolvidos por outros autores que, nas passagens usadas no trabalho, não mencionam Spinoza.

Flaviano Silva Quaresma apresentou *A Publicidade Como Engrenagem de Afetos* em 2020, no Grupo de Pesquisa Publicidade e Propaganda. O trabalho questiona se a publicidade pode ser considerada uma engrenagem de afetos. Em seu trabalho, Quaresma faz uso de conceitos que envolvem o afeto espinosano (afecção, corpo, afecções-imagens e ideia), mas utiliza como intermediários os textos *Deleuze/Spinoza* (2009), que Gilles Deleuze utilizou em seu curso, em 1978, e o livro *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política* (2016), de Muniz Sodré.

Cinema, dança e afeto: intermedialidade e dissenso em Tinta Bruta, de Thalita Cruz Bastos, foi apresentado em 2020 no Grupo de Pesquisa Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros. A proposta do trabalho é analisar as potencialidades das quais a obra audiovisual *Tinta Bruta* (2018) dispõe para gerar engajamento sensório-afetivo. Bastos utiliza conceitos retirados de *Resonance: Affect and Online Pornography* (2011), de Susanna Paasonen. Spinoza é citado em uma passagem para explicar que as ideias de Paasonen são desenvolvidas a partir da influência que a autora recebe dos conceitos espinosanos.

ALGUNS COMENTÁRIOS SOBRE OS RESULTADOS

O levantamento encontrou, no total, 38 trabalhos desenvolvidos na área da Comunicação que citam de forma direta ou indireta o conceito de afeto espinosano. Entre eles, 27 citam diretamente Spinoza, por meio da obra *Ética*, para apresentar, explicar e/ou contextualizar as ideias sobre os afetos. Os 11 trabalhos restantes referem-se a questões relacionadas aos afetos espinosanos por intermédio de pesquisas de outros autores, sendo eles Antônio Damásio, Brian Massumi, Gilles Deleuze, Gilles Deleuze e Félix Guattari, Muniz Sodré, Susanna Paasonen e Wanessa Monteiro Canellas de Oliveira.

Fica evidenciado que os afetos espinosanos são utilizados para desenvolver trabalhos de diversos temas, como a música, o cinema, os meios corporativos, as relações em redes sociais, a influência da tecnologia, a publicidade, a fotografia, o telejornalismo etc. A análise dos trabalhos demonstra que os afetos espinosanos podem ser adotados em qualquer pesquisa

que queira compreender os mecanismos que envolvem os processos comunicacionais e as pessoas.

Entendo ser importante destacar que a realização do levantamento não foi uma tarefa fácil, pois as ferramentas disponibilizadas nas plataformas carecem de padronização. Gostaria de deixar registrado que há fortes indícios de problemas de indexação dos trabalhos da área da Comunicação desenvolvidos no Brasil.

Os resultados da pesquisa realizada na Plataforma de Periódicos CAPES são os que mais chamam atenção, pois a plataforma é considerada um dos maiores acervos das pesquisas produzidas no Brasil. Como pontuei anteriormente, o mesmo levantamento foi feito em 2020 para elaborar meu projeto de doutorado. Na época, encontrei outros trabalhos que não apareceram na busca realizada em 2024.

A instabilidade dos resultados obtidos nas pesquisas dos Periódicos CAPES foi comentada nos trabalhos *Mapeamento da produção acadêmica sobre Eduardo Coutinho* (2016), de Míriam Cristina Carlos Silva, Monica Martinez e Tadeu Rodrigues Iuama; e *Pesquisa aplicada em jornalismo: mapeamento dos estudos no campo* (2022), de Monica Martinez, Claudia Lago e Tadeu Rodrigues Iuama. Entretanto, o problema permanece. Um banco de dados instável é um problema, pois pode gerar resultados diferentes nas buscas, interferindo diretamente no resultado das pesquisas em andamento.

Muniz Sodré (2016) e Ciro Marcondes Filho (2019) destacam como os conceitos espinosanos podem colaborar com as pesquisas desenvolvidas na Comunicação. Os trabalhos encontrados demonstram que há muitas possibilidades de novos estudos envolvendo os processos comunicacionais e afetivos.

Com a minha pesquisa, busco apresentar mais detalhadamente os conceitos espinosanos. Com a análise dos trabalhos encontrados, foi possível perceber que os conceitos de Spinoza são, muitas vezes, citados de maneira breve ou por intermédio de outros autores. Gilles Deleuze aparece com bastante frequência, porém não se faz referência às ideias de Spinoza sempre que o autor é citado. Há uma confusão entre os conceitos dos dois pensadores; muitas vezes, os conceitos deleuzianos são citados como se fossem de Spinoza. Deleuze é nitidamente influenciado pelos pensamentos do filósofo holandês, entretanto, desenvolve seus próprios.

O mapeamento realizado pode ser utilizado em pesquisas futuras desenvolvidas na área da Comunicação, cujo interesse sejam os conceitos de afetos de Spinoza.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Thalita Cruz. Cinema, dança e afeto: intermedialidade e dissenso em Tinta Bruta. In: ANAIS DO 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2020, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2799-1.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2023.

BLANCO, Marcio. Entre a Representação e o Afeto: A ficção como campo de negociação em um roteiro de oficina de audiovisual. In: ANAIS DO 37º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1716-2.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRYANT, Levi. **Onto-cartography: an ontology of machines and media**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

CARVALHO, Nilton; CONTER, Marcelo Bergamin. Processos de diferenciação dos gêneros musicais: Afetos, materialidades e semiótica da cultura. In: ANAIS DO 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2019, Belém. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0170-1.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2023.

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa: vida e obra**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CLOUGH, Patricia Ticineto. Introduction. In: CLOUGH, Patricia Ticineto; HALLEY, Jean. (orgs.). **The affective turn: theorizing the social**. Durham and London: Duke University Press, 2007.

COLPO, Caroline Delevati; HUMIA, Ingrid; HELMICH, Marjorie. Organizações, afetos e diversidade de gênero. In: ANAIS DO 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1744-1.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2023.

COLPO, Caroline Delevati *et al.* Relações de trabalho e liderança: uma discussão sob o olhar dos afetos e do poder na cultura organizacional. In: ANAIS DO 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2020, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1348-2.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2023.

COLPO, Caroline Delevati; VALENTE, Tais Bitencuort. Trabalho, Criatividade e Afeto: Um Olhar Organizacional das Agências de Propaganda. In: ANAIS DO 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2019, Belém. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1578-1.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2023.

COMPÓS. **Compós**, c2024. A compós. Disponível em: <https://compos.org.br/a-compos/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

CUNHA, João Fabricio Flores da. A Rostidade no Cinema de Ingmar Bergman. In: ANAIS DO 38º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-0743-1.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

DAMÁSIO, Antônio. **Ao encontro de Espinosa**: as emoções sociais e a neurologia do sentir. Lisboa: Europa América, 2003.

DAMÁSIO, Antônio. **Em busca de Espinosa**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. Paris: Les éditions de minuit, 1968.

DELEUZE, Gilles. Spinoza e as três éticas. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Deleuze/Spinoza**. In: Les Cours de Gilles Deleuze. Brasil: WebDeleuze, 2008. Disponível em: <https://www.webdeleuze.com/textes/188>. Acesso em: 01 jun. 2024.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. Fortaleza: EDUECE, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Qu'est-ce que la philosophie?** Paris: Les Editions de Minuit, 1991.

FALCÃO, Carolina Cavalcanti. Nem Todo Evangélico é Conservador (e Broadcasting): notas sobre o protagonismo religioso no Brasil. In: ANAIS DO 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/uploads/wysiwyg/nem-todo-evangelico-nem-todo-cristao-entendendo-o-protagonismo-religioso-no-brasil.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Afeto e Comunicação: das construções do medo. In: ANAIS DO 25º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2016, Goiânia. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas, Galoá, 2016. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2016/trabalhos/afeto-e-comunicacao-das-construcoes-do-medo?lang=pt-br>. Acesso em: 16 out. 2023.

FONSECA, Rosa Alexandra; CASTRO, Gisela Grangeiro da Silva. O Jogo como Mobilizador de Afetos no Airbnb. In: ANAIS DO 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0058-1.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2023.

GOMES, Serena Veloso. Corpo, performance e afetos: imagens sobre gênero e maternidade em Pendular. In: ANAIS DO 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/corpo-performance-e-afetos-imagens-sobre-genero-e-maternidade-em-pendular?lang=pt-br>. Acesso em: 16 out. 2023.

GUIMARÃES, Luiza Helena. Dinâmicas do Processo de Constituição da Linguagem e da Vida Tecnologicamente Expandida. In: ANAIS DO 29º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2006, Brasília. São Paulo, Intercom, 2006. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1217-1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

HEIDEMANN, Vanessa. **Processos de vinculação e redes sociais**: um estudo sobre três comunidades de astrologia do Facebook. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.uniso.br/entities/publication/d4880b7a-2f73-45ae-bbd0-66fcef294996>. Acesso em: 23 jan. 2023.

INTERCOM. **Intercom**. A Intercom. c2024. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/a-intercom>. Acesso em 24 fev. 2024.

JAQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente**: afetos, afecções e paixões em Espinosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MAIA, Bárbara. As Relações Afetivas no Consumo do Rádio Expandido. *In*: ANAIS DO 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1424-1.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A comunicação do sensível**: acolher, vivenciar, fazer sentir. São Paulo: ECA/USP, 2019.

MARTINEZ, Monica; HEIDEMANN, Vanessa. Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas. **Lumina**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 4-14, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26055/14814>. Acesso em: 03 fev. 2024.

MARTINEZ, Monica; LAGO, Claudia; IUAMA, Tadeu Rodrigues. Pesquisa aplicada em jornalismo: mapeamento dos estudos no campo. **Revista de Estudos Universitários - REU**, Sorocaba – SP, v. 48, p. e022001, 2022. DOI: 10.22484/2177-5788.2022v48id4843. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/4843/4610>. Acesso em: 02 jun. 2024.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Afetividade do conhecimento na epistemologia: a subjetividade das escolhas na pesquisa em Comunicação. *In*: ANAIS DO 26º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas, Galoá, 2017. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2017/trabalhos/afetividade-do-conhecimento-na-epistemologia-a-subjetividade-das-escolhas-na-pes?lang=pt-br>. Acesso em: 16 out. 2023.

MASSUMI, Brian. **The Autonomy of Affect**. Cultural Critique, N. 31, The Politics of Systems and Environments, Part II. (Autumn, 1995), p. 83-109.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Periódicos CAPES**, c2024. Quem somos. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html>. Acesso em: 03 fev. 2024.

NEGRI, Antonio. **A anomalia selvagem**: poder e potência em Spinoza. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

NEGRI, Antonio. **Espinosa**: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 1995.

NEVES, Thiago Tavares das. **Afeto**. *In*: MARCONDES FILHO, Ciro (org.). Dicionário da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2009. p. 25.

NEVES, Thiago Tavares das. Coração Afetado – Afetações Sonoras e uma Ética da Alegria nas Festas de Música Eletrônica. *In*: ANAIS DO 39º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2181-1.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

NEVES, Thiago Tavares das. Coração Sonoro – Afetos e Interações Maquínicas no King Festival. *In: ANAIS DO 37º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2014, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1914-1.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

NEVES, Thiago Tavares das. Coração Cyborg – Afetos, Conexões e Sociabilidades Maquínicas nas Festas de Música Eletrônica. *In: ANAIS DO 38º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2015. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT6-CU.htm. Acesso em: 22 dez. 2023.

NEVES, Thiago Tavares das. Fervografia: Fervo, Comunicação e “Bons Encontros” num Show de Linn da Quebrada. *In: ANAIS DO 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2019, Belém. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0063-1.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2023.

NEVES, Thiago Tavares das; SILVA, Josimey Costa da. Uma cartografia complexa afetada: diálogos e reflexões entre sensibilidades, cidade e festas. *In: ANAIS DO 40º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2017. Disponível em: <https://encurtador.com.br/oLNyf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

NEVES, Thiago Tavares das; SILVA, Josimey Costa da. Coração sonoro: comunicação, afetos e sociabilidades maquínicas em festas de música eletrônica. **Revista FAMECOS**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. ID29193, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/29193/17220>. Acesso em: 03 fev. 2024.

NUNES, Mônica Rebecca Ferrari; PERES-NETO, Luiz. Afetos e Paisagens Sonoras: o encontro da ética espinosiana com as canções dos praticantes de cosplay. *In: ANAIS DO 35º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2012, Fortaleza. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2012. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1979-1.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

OLIVEIRA, Wanessa Monteiro Canellas de. **Memória, Subjetividade e Afeto nos Bastidores do Rádio**. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PAASONEN, Susanna. **Carnal Resonance: Affect and Online Pornography**. Cambridge, MA: MIT Press, 2011.

PALAZUELOS, Felix Rebolledo. A Toxicologia Afetiva das Mídias Sociais. **Revista FAMECOS**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/42648/27906>. Acesso em: 03 fev. 2024.

PEREIRA, Wellington. A construção do afeto no jornal impresso (jornalismo a more geométrico). *In: ANAIS DO 36º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1600-1.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.

QUARESMA Flaviano Silva. A Publicidade Como Engrenagem de Afetos. *In: ANAIS DO 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2020, Salvador. **Anais**

eletrônicos [...]. São Paulo, Intercom, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0101-1.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2023.

RAYEL, Mara Lafourcade. **A potência dos afetos diante das urgências tecnocomunicacionais do capitalismo e a invenção de outros possíveis**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19529>. Acesso em: 02 dez. 2020.

REZENDE, Renata. A Mídia Ninja e o espaço da catarse coletiva: política e afeto no tempo das redes. *In: ANAIS DO 36º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1831-1.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.

REZENDE, Renata. O cotidiano de afeto e intolerância: política e catarse no Facebook. *In: ANAIS DO 39º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2412-1.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

REZENDE, Renata. Política e afeto no tempo das redes: ou a catarse coletiva – uma análise da Mídia Ninja. **Ação Midiática**, [s.l.], p. 223-242, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/40847/26984>. Acesso em: 03 fev. 2024.

RIBEIRO, Emilian Pomarico. Micronarrativas Afetivas: O Tocar pelo Invisível para uma Comunicação Visível. *In: ANAIS DO 36º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2013, Manaus. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1231-1.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2023.

RICO, Omar Alejandro Sánchez. **Comunicação midiática e consumo de afetos**: narrativas sobre protestos e ocupações contra a Reorganização Escolar em São Paulo. 2017. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.espm.br/handle/tede/240>. Acesso em: 02 dez. 2020.

SALES, Giulian Pereira de; MEDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. Afetos Abjetos: os medos e a hierarquização social de travestis pretas nas séries “Segunda Chamada” e “Manhãs de Setembro”. *In: ANAIS DO 46º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 2023, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202322305664dd78504810b.pdf. Acesso em: 26 dez. 2023.

SILVA, Denilson Lopes. Afetos Pictóricos ou em Direção a Transeunte de Eryk Rocha. *In: ANAIS DO 22º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 2013, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas, Galoá, 2013. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2013/trabalhos/afetos-pictoricos-ou-em-direcao-a-transeunte-de-eryk-rocha?lang=pt-br>. Acesso em: 16 out. 2023.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; MARTINEZ, Monica; IUAMA, Tadeu Rodrigues. Mapeamento da produção acadêmica sobre Eduardo Coutinho. *In: SILVA, Míriam Cristina Carlos; MARTINEZ, Monica; AZOUBEL, Diogo (ed.). Eduardo Coutinho em narrativas*. Votorantim: Provocare, 2016. p. 41-54. *E-book*. Disponível em: https://www.academia.edu/35759769/Eduardo_Coutinho_em_Narrativas. Acesso em: 02 jun. 2024.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA E SILVA, Wagner. Fotojornalismo e os Afetos como Valores-Notícia. *In*: ANAIS DO 40º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0856-1.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

SOUZA E SILVA, Wagner. A Polarização Afetiva da Obra Fotográfica de Sebastião Salgado. *In*: ANAIS DO 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2004-1.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2023.

SOUZA E SILVA, Wagner. Um mundo de fantasmas: o medo como afeto primal das imagens técnicas. *In*: ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/um-mundo-de-fantasmas-o-medo-como-afeto-primal-das-imagens-tecnicas?lang=pt-br>. Acesso em: 16 out. 2023.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TAVARES, Francine. Aprendendo a amar: considerações sobre os aspectos cognitivos dos afetos e das emoções. *In*: ANAIS DO 24º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2015, Brasília. **Anais eletrônicos** [...]. Campinas, Galoá, 2015. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2015/trabalhos/aprendendo-a-amar-consideracoes-sobre-os-s-aspectos-cognitivos-dos-afetos-e-das-em?lang=pt-br>. Acesso em: 16 out. 2023.

TELLES, Marcio; CONTER, Marcelo Bergamin. Por uma abordagem epistemológica dos afectos na semiose. *In*: ANAIS DO 38º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2015, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/busca.htm?query=r+uma+abordagem+epistemol%F3gica+dos+afectos+na+semiose>. Acesso em: 22 dez. 2023.

TRENTA, Francisco Beltrame; VENANZONI, Thiago Siqueira. Afetos contemporâneos e comunicação – algumas perspectivas. **RuMoRes**, [s. l.], v. 8, n. 16, p. 109-128, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/89641>. Acesso em: 03 fev. 2024.

VARGAS, Heidy. Telejornalismo de afeto: subjetividade e experiência estético-narrativa no telejornalismo contemporâneo. *In*: ANAIS DO 46º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2023, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo, Intercom, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202317514664dd36e25cf36.pdf. Acesso em: 26 dez. 2023.

VIEGAS, Débora Cerutti. **O discurso afetivo na revista Viva Simples**: estratégias discursivas para a (re)afirmação do contrato de comunicação. 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186999?show=full>. Acesso em: 02 dez. 2020.